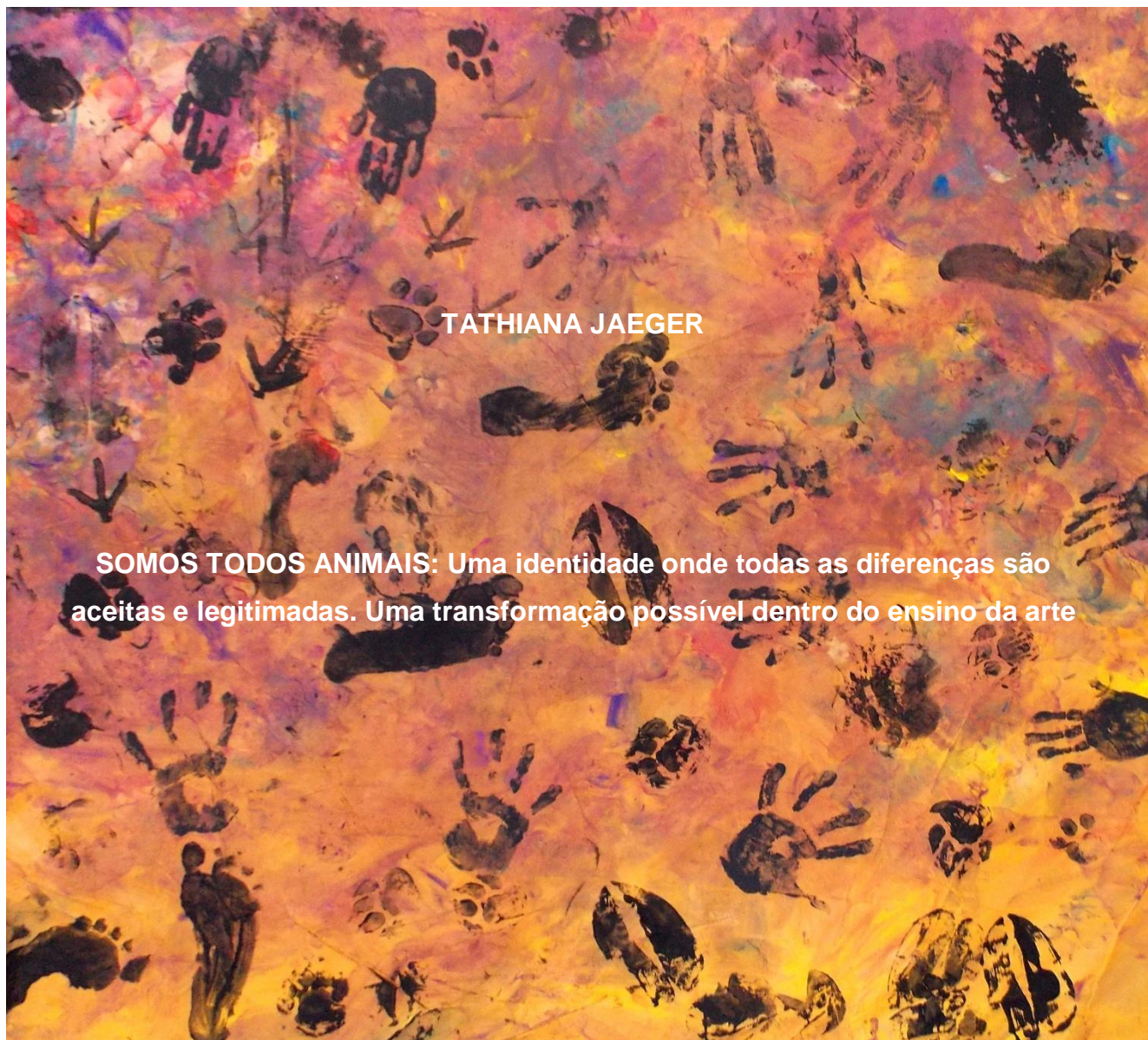


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - LICENCIATURA



TATHIANA JAEGER

**SOMOS TODOS ANIMAIS: Uma identidade onde todas as diferenças são
aceitas e legitimadas. Uma transformação possível dentro do ensino da arte**

Porto Alegre

2013

TATHIANA JAEGER

**SOMOS TODOS ANIMAIS: Uma identidade onde todas as diferenças são
aceitas e legitimadas. Uma transformação possível dentro do ensino da arte**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Artes Visuais pelo
curso de Artes Visuais da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Daniela Pinheiro Machado Kern

Banca Examinadora:

Prof^ª Dr^ª. Andrea Hofstaetter

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Gruppelli Loponte

Porto Alegre

2013

Agradecimento

Em primeiro lugar agradeço a minha família, especialmente minha mãe Elizabeth Jaeger, que mesmo com todas as dificuldades que a vida nos apresentou, nunca deixou de apoiar e incentivar meu crescimento pessoal e nos estudos. Agradeço a meus amigos animais por me tornarem cada vez mais humana, sensível e ética.

Agradeço a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Daniela Pinheiro Machado Kern por me incentivar a realizar este estudo, acreditar nele e por todo o apoio para a realização do mesmo.

Agradeço a banca deste trabalho Prof^a Dr^a. Andrea Hofstaetter e Prf^a. Dr^a. Luciana Gruppelli Loponte, por aceitarem meu convite e pelas contribuições.

Agradeço a Prof^a Paola Zordan pelas orientações para o projeto de aprendizagem e por sempre nos fazer pensar mais sobre a visão que temos do ensino da arte.

Agradeço as amigas e participantes do Projeto Animal é Tri! Cláudia Cantagalo, Daniela Rios e Manuela Raupp, por segurarem as pontas do nosso trabalho voluntário, durante a execução deste projeto e em especial a Leandra Pinto pelas inúmeras contribuições para a construção deste estudo e a Lara Azeredo por tão prontamente me ajudar a organizar a formatação deste estudo.

Agradeço as amigas e colegas de curso Anna Jonko e Tiele Bertol, pela amizade, apoio e conselhos.

“A função moral da própria arte é eliminar o preconceito, retirar antolhos que impedem os olhos de ver, rasgar os véus decorrentes do hábito e do costume, aprimorar a capacidade de perceber.”
(DEWEY, 2010, p. 548)

RESUMO

Vivemos sob a mesma terra, compartilhamos de muitas semelhanças, mas nós animais humanos ainda negamos nossa igualdade animal. Razão, consciência e espécie foram usadas em nome de uma visão que nos afastasse dos animais não humanos, que legitimou seu uso sem nunca nos questionarmos sobre seu direito à vida. Porém vozes humanas se levantaram em sua defesa, em defesa de nós mesmos, buscando uma construção social que não segregue o diferente, não exclua o direito à vida de nenhum ser vivente sob falsos conceitos cunhados em preconceitos intelectuais e emocionais. Por não podermos mais negar a interdependência entre os seres vivos e o respeito a todas as formas de vida este projeto se legitima. A arte nos convida através das imagens a repensar modos de ser, agir e estar no mundo, nos instiga a perceber o outro de maneiras antes nunca pensadas, nos propondo a deixar de lado velhos preconceitos. Este estudo teórico foi articulado com a prática docente em Ensino da Arte, sendo aplicado em duas escolas da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul, com uma turma de 1º ano do Ensino fundamental e outra do 1º ano do ensino médio. Tem por objetivo problematizar estas características da arte aliando experiência, fazer, apreciação e contextualização da mesma, dentro de seu ensino, para que este seja um território de transformações subjetivas onde os alunos possam repensar e recriar sua relação e visão dos animais não humanos, a partir de uma posição ética, afetiva e empática, desconstruindo os preconceitos que os afastam de uma identidade animal.

Palavras-chaves: Ensino da arte. Transformações subjetivas. Identidade animal. Ética. Alteridade. Empatia.

ABSTRACT

We live in the same land, we share many similarities, but we human animals still deny our animal equality. Reason, conscience and species were employed to forward a vision that deflected us from non-human animals, which legitimised its use without questioning their right of life. However, human voices rose in their defence, in our own defence, searching for a social construction which does not segregate the different, does not exclude the right of life of any living being under false concepts coined in intellectual and emotional prejudice. As we can no longer deny the interdependence of living beings and respect for all forms of life, this project is legitimised. Art invites us, through images, to rethink ways of being and of acting in this world, it instigates us to notice the other in ways not thought of before, proposing that we put old prejudices aside. This theoretical study was coordinated with teaching practice in art education, being applied in two estate schools in Rio Grande do Sul, one class of 1st year primary school and another of 1st year secondary school. The aim was to problematise these characteristics of art, combining the experience, making, appreciation and contextualisation of art, within teaching, so that it becomes a place of subjective transformations where students can rethink and recreate their relation and vision of non-human animals, from an ethical, affectionate and empathic position, deconstructing the prejudices that deflect them from an animal identity.

Key words: Art education. Subjective transformations. Animal identity. Ethics. Alterity. Empathy.

LISTA DE IMAGENS

Fig. 1: William Hogarth: A primeira fase da Crueldade: Crianças torturar animais. Da série, Os Quatro estágios da Crueldade, 1751. Gravura	26
Fig. 2: William Hogarth: A terceira etapa da Crueldade: Crueldade em Perfeição - O assassinato. Da série, Os Quatro estágios da Crueldade, 1751. Gravura	26
Fig. 3: William Hogarth: A segunda etapa da Crueldade: Cocheiro batendo em um cavalo caído. Da série, Os Quatro estágios da Crueldade, 1751. Gravura	26
Fig. 4: William Hogarth: A quarta etapa da Crueldade: A recompensa da crueldade. Da série, Os Quatro estágios da Crueldade, 1751. Gravura	26
Fig. 5: Nara Amelia: das grosse leid der natur, da série O grande sofrimento da natureza. Gravura em metal - água-forte e aquarela. 34x44 cm. 2010	45
Fig. 6: Nara Amelia: stummheit, da série O grande sofrimento da natureza. Gravura em metal - água-forte e aquarela. 30x30 cm. 2010	45
Fig. 7: Damien Hirst: Mãe e Filho. 2007. Vidro, aço inoxidável, perspex, tinta acrílica, vaca, vitela e solução de formaldeído. Escultura. Coleção Tate	47
Fig. 8: Damien Hirst: The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living, 1991. Vidro, aço, silicone, formaldeído e tubarão. Escultura	49
Fig. 9: Damien Hirst: Paradoxo do Amor (se renda ou Autonomia, Separação, como condição prévia para a conexão). 2007. Vidro, aço, acrílico, vacas e solução de formaldeído. Escultura	49
Fig. 10: Angela Singer: Catch/Caught 2007	50
Fig. 11: Angela Singer: Fell 2007	50

Fig. 12: Angela Singer: Hedge Row, 2010	50
Fig. 13: Angela Singer: Love Bird, 2006	50
Fig. 14: Britta Jaschinski: Made in China, fotografia.....	52
Fig. 15: Britta Jaschinski: Zoo, fotografia	52
Fig. 16: Britta Jaschinski: Made in China, fotografia	52
Fig. 17: Britta Jaschinski: Zoo, fotografia	52
Fig. 18: Britta Jaschinski: Zoo, fotografia	52
Fig. 19: Britta Jaschinski: Zoo, fotografia	52
Fig. 20: Lucian Freud. Eli. 2002. Óleo sobre tela	53
Fig. 21: Lucian Freud. Double Portrait, 1985- 1986 óleo sobre tela	53
Fig. 22: Lucian Freud. Girl with a White dog. 1951. Óleo sobre tela	53
Fig. 23: Lucian Freud. Eli and David. 2005-2006. Óleo sobre tela	53
Fig. 24: Olly and Suzi. Matata. Silver Gelatin print Namibia. 1997	54
Fig. 25: Olly and Suzi. Shark Bite. C-Type photograph mounted on aluminium with perspex South Africa. 1997	53 54
Fig. 26: Olly and Suzi. Cheetahs. C-Type photograph mounted on aluminium with perspex Namibia. 1998.....	55
Fig. 27: Olly and Suzi. Laplandraven. Tinta da china, acrílica, aquarela e cristais de gelo em papel. Arctic Lapland. 2008	55
Fig. 28: Olly and Suzi. Laplandgrizzly. sepai and ice crystals on paper, Arctic lapland. 2008.....	55
Fig. 29: Olly and Suzi. Stingrays. C-Type photograph mounted on aluminium with perspex Cayman. Escultura. 1998.....	55

Fig. 30: Trabalho de aluno, <i>Vamos brincar de misturar?</i> (1º ensino fundamental)	64
Fig. 31: Trabalho de aluno, <i>Vamos brincar de misturar?</i> (1º ensino fundamental)	64
Fig. 32: Trabalho de aluno, <i>Vamos brincar de misturar?</i> (1º ensino fundamental)	64
Fig. 33: Trabalho de aluno, <i>Vamos brincar de misturar?</i> (1º ensino fundamental)	64
Fig. 34: Trabalho de aluno, <i>Vamos brincar de misturar?</i> (1º ensino fundamental)	64
Fig. 35: Henri Rousseau: <i>Mandrill in the Jungle</i> , 1909. Óleo sobre tela	66
Fig. 36: Britta Jaschinski: <i>Zoo</i> , fotografia	66
Fig. 37: Elliot Erwit. <i>Sem título</i> . Fotografia	66
Fig. 38: David Hockney: <i>Dog Painting 17</i> , 1995. Óleo sobre tela	66
Fig. 39: Martin Usborne: <i>Dogs in cars - Flo</i> . Fotografia	66
Fig. 40: Trabalho de aluno, <i>Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?</i> (1º ano do ensino fundamental)	67
Fig. 41: Trabalho de aluno, <i>Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?</i> (1º ano do ensino fundamental)	67
Fig. 42: Trabalho de aluno, <i>Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?</i> (1º ano do ensino fundamental)	67
Fig. 43: Trabalho de aluno, <i>Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?</i> (1º ano do ensino fundamental)	67
Fig. 44: Utagawa Kuniyoshi, <i>Cats suggested as the fifty three stations of the Tokaido</i>	68

Fig. 45: Jean-Michel Basquiat, Dog. 1982	68
Fig. 46: M.C Escher, White Cat I, 1919	68
Fig. 47: Lucian Freud, Eli. 2002. Desenho	69
Fig. 48: Andy Wharol, Portrait of Maurice, 1976	69
Fig. 49: Franz Marc, Dog Lying in the Snow. 1911	69
Fig. 50: Trabalho de aluno, <i>Meu animal de estimação, meu amigo</i> . (1º ano do ensino fundamental)	70
Fig. 51: Trabalho de aluno, <i>Meu animal de estimação, meu amigo</i> . (1º ano do ensino fundamental)	70
Fig. 52: Trabalho de aluno, <i>Meu animal de estimação, meu amigo</i> . (1º ano do ensino fundamental)	70
Fig. 53: Trabalho de aluno, <i>Meu animal de estimação, meu amigo</i> . (1º ano do ensino fundamental)	70
Fig. 54: Aluno produzindo o trabalho inspirado no curta-metragem <i>Fulaninho, o Cão que ninguém queria</i> . (1º ano ensino fundamental)	71
Fig. 55: Aluno produzindo o trabalho inspirado no curta-metragem <i>Fulaninho, o Cão que ninguém queria</i> . (1º ano ensino fundamental).....	71
Fig. 56: Aluno produzindo o trabalho inspirado no curta-metragem <i>Fulaninho, o Cão que ninguém queria</i> . (1º ano ensino fundamental)	71
Fig. 57: Trabalho de aluno, <i>Vamos ajudar o Fulaninho?</i> (1º ano do ensino fundamental)	72
Fig. 58 Trabalho de aluno, <i>Vamos ajudar o Fulaninho?</i> (1º ano do ensino fundamental)	72
Fig. 59: Trabalho de aluno, <i>Vamos ajudar o Fulaninho?</i> (1º ano do ensino fundamental)	72

Fig. 60: Trabalho de aluno, <i>Vamos ajudar o Fulaninho?</i> (1º ano do ensino fundamental)	72
Fig. 61: Alunos durante o processo de pintura ao som dos animais. (1º ano do ensino fundamental)	73
Fig. 62: Alunos durante o processo de pintura ao som dos animais. (1º ano do ensino fundamental)	73
Fig. 63: Alunos durante o processo de pintura ao som dos animais. (1º ano do ensino fundamental)	73
Fig. 64: Alunos durante o processo de pintura ao som dos animais. (1º ano do ensino fundamental)	73
Fig. 65: Trabalho de aluno, <i>Autorretrato Animal</i> . (1º ano do ensino fundamental)	74
Fig. 66: Trabalho de aluno, <i>Autorretrato Animal</i> . (1º ano do ensino fundamental)	74
Fig. 67: Trabalho de aluno, <i>Autorretrato Animal</i> . (1º ano do ensino fundamental)	74
Fig. 68: Trabalho de aluno, <i>Autorretrato Animal</i> . (1º ano do ensino fundamental)	74
Fig. 69: Aluno durante o processo de impressão da pegada de seu animal. (1º ano do ensino fundamental).....	75
Fig. 70: Alunas dramatizando as características de seu animal. (1º ano do ensino fundamental).....	75
Fig. 71: Alunos durante o processo da impressão da pegada de seus animais. (1º ano do ensino fundamental)	75
Fig. 72: Carimbos produzidos pela professora com a pegada dos animais de cada aluno. (1º ano do ensino fundamental)	75

Fig. 73: Detalhe do trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	76
Fig. 74: Detalhe do trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	76
Fig. 75: Detalhe do trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	76
Fig. 76: Detalhe do trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	76
Fig. 77: Detalhe do trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	76
Fig. 78: Detalhe do trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	76
Fig. 79: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)	77
Fig.80: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)	77
Fig.81: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)	77
Fig. 82: Aluno com pintura facial (1º ano do ensino fundamental).....	77
Fig. 83: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)	78
Fig. 84: Aluno com pintura facial (1º ano do ensino fundamental).....	78
Fig. 85: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)	78
Fig.86: Alunos durante a exposição <i>Impressões de Identidades: nos traços da amizade</i> . (1º ano do ensino fundamental)	78
Fig. 87: Trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	79

Fig. 88: Trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	79
Fig. 89: Trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	79
Fig. 90: Trabalho <i>Impressões de Identidades</i> , produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A ARTE E SEU ENSINO COMO UM TERRITÓRIO DE TRANSFORMAÇÕES	21
2.1	A arte e seu ensino como um território de transformações subjetivas nas relações que os animais humanos estabelecem com os não humanos	24
2.2	Algumas noções de subjetividade e uma possível relação com a arte	28
2.3	A base para posteriormente pensarmos o ensino da arte como mediador e propositor de transformações nas relações que os animais humanos estabelecem com os não humanos	33
3	SOMOS TODOS ANIMAIS	37
3.1	O animal não humano: uma visão ética	40
3.2	Ética e Poética no “uso” e representação de animais não humanos na arte	44
4	SOMOS TODOS ANIMAIS: UMA TRANSFORMAÇÃO POSSÍVEL DENTRO DO ENSINO DA ARTE	57
4.1	Identidade animal: ética, alteridade, afetividade e empatia para com os animais não humanos no ensino da arte	58
4.2	A aplicação do projeto de aprendizagem <i>Somos todos animais</i> .	60
4.2.1	Ensino Fundamental	62
4.2.2	Ensino Médio	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	REFERÊNCIAS	90

APÊNDICE A - PROJETO DE APRENDIZAGEM: SOMOS TODOS ANIMAIS	95
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	133
ANEXO – TEXTOS DA EXPOSIÇÃO IMPRESSÕES DE IDENTIDADES: NOS RASTROS DA AMIZADE	135

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo se faz necessário para a conclusão da graduação no curso de Licenciatura em Artes, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nele problematizo o ensino da arte como um possível território de transformações subjetivas, onde os alunos possam repensar e resignificar, a partir de uma visão e posição ética, afetiva e empática sua relação com os animais não humanos.

Esta pesquisa consiste em um estudo teórico que se relaciona com a prática docente, realizada durante o estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Artes Visuais, no segundo semestre do presente ano de 2013. O estágio ocorreu junto a uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental inicial da rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, composta por 9 alunos, com idades entre 6 a 12 anos. Com esta turma cumpri todas as horas obrigatórias do estágio docente, porém o estudo não estaria completo sem outra turma, por isso apliquei a proposta com uma turma de 1º ano do Ensino Médio, também da rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, da qual sou professora desde o início deste ano letivo, a turma é composta de 25 alunos com idades entre 15 e 17 anos.

Este estudo está dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução e o último as considerações finais. No segundo capítulo problematizo os porquês que fazem da arte e seu ensino um território para transformações subjetivas nas relações que os alunos estabelecem com os animais não humanos, algumas noções de subjetividade e sua relação com a arte e ainda exponho as bases que me levaram a pensar o ensino da arte como um mediador e propositor de transformações nas relações entre animais humanos e não humanos. No terceiro capítulo apresento algumas considerações sobre como foi construída a visão que temos dos animais não humanos na nossa sociedade, uma nova visão ética para com o direito à vida dos animais não humanos e também como artistas visuais representam e usam animais não humanos em suas criações, abrindo espaço para pensarmos os limites da ética na arte. No quarto capítulo apresentarei inicialmente algumas considerações sobre a proposta de aprendizagem e o conceito da identidade animal, posteriormente apresentarei observações e reflexões levantadas durante a experiência docente e

sobre a aplicação da proposta de aprendizagem que aborda as questões discutidas nos capítulos anteriores.

Para embasar este estudo tive que buscar teorias e conceitos muitas vezes distintos para dar suporte à visão que tenho do ensino da arte e dos animais não humanos. Formo assim uma colcha de retalhos tecida com conceitos teóricos, alinhavados com as experiências e vivências que trago em minha trajetória.

Nenhum livro ou tese apresentado na bibliografia deste estudo fala diretamente em todos os aspectos do tema escolhido. Não encontrei em minhas pesquisas esta problemática dentro do ensino da arte. Muito se fala em gênero, identidade e etc., mas quando o assunto são os animais não humanos muitos se deixam dominar por seus preconceitos. Diversas vezes fui questionada – “mas o que tu vai fazer com os alunos?”, “cuidado para não fugir do ensino da arte”. Mas como fugir do ensino da arte, sendo que após as imensas contribuições de Ana Mae Barbosa, não trabalhamos mais em cima de conteúdos e sim de ações, abrindo espaço para diversas temáticas serem trabalhadas dentro do ensino da arte e que colocam a arte cada vez mais próxima da vida pessoal e social dos alunos. Fechar o ensino da arte a um tema específico é o mesmo que dizer que os artistas devem se ater a somente um tema em suas criações, sendo esse pensamento limitador e ultrapassado.

Mas o leitor deste estudo deve estar se perguntando o porquê da escolha deste tema e durante a leitura dos capítulos seguintes poderá se perguntar qual a base para esta “professora – pesquisadora – artista” afirmar com tanta certeza tais conceitos. Para isso preciso apresentar brevemente minha experiência e vivência como professora de artes, contratada da rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul e ativista pelas questões ligadas aos animais não humanos, que foram o fio utilizado para alinhar este estudo.

A arte sempre esteve presente em minha vida, desde pequena fui instigada a me expressar livremente, minha mãe me incentivava a criar músicas, interpretar, dançar e sempre mexer com materiais plásticos. Argila, papel, tinta e gesso faziam parte do meu dia a dia. Meu brinquedo era construir, mexer, desorganizar e

reorganizar. Fui uma criança ativa e questionadora, e não compreendia na época como alguns adultos se sentiam tão superiores aos animais.

No ano de 2002, estando com 17 anos, anuncio para minha família uma decisão que mudaria minha visão de mundo e muito das práticas alimentares vivenciadas em casa. A partir de algumas leituras e conversas descobro a dieta vegetariana¹ que até então nunca imaginara existir. Mesmo sem conhecer diretamente nenhum vegetariano, havia decidido tentar adotar uma dieta ovolactovegetariana², que, como veremos, irá se transformar ao longo deste estudo, sendo apresentada nas considerações finais. Na época esta decisão se embasou na empatia, no afeto que sentia pelos animais não humanos e na certeza de que todos os animais eram iguais. Não foi uma mudança fácil, não pela falta de carne na alimentação e sim pela falta de informação na época sobre o assunto. A carne bovina e de porco foram as primeiras a serem retiradas do cardápio, e ao longo de alguns anos o frango e o peixe também.

No ano de 2009 fui chamada a assumir um contrato de 40h semanais como professora de artes da Rede Estadual de Ensino, concomitantemente com o penúltimo semestre do curso de Bacharel em Artes Visuais, cursado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entrei em pânico. Como eu iria fazer isto? Eu, que fui uma criança e adolescente que não tinha muitas recordações boas da escola e muito menos de modelos de como ser um bom professor? Mas resolvi encarar este desafio e passei dias indo na biblioteca da Faculdade de Educação e do Instituto de Artes, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisando em páginas na internet, o que se deve ensinar na disciplina de Arte dentro de uma escola. Mas os livros eram tão vazios, eles não me diziam o que deveria fazer e que trabalhos aplicar. Resolvi manter a calma e encarar este desafio.

Desde o primeiro momento em que entrei em uma sala de aula senti que aquele espaço fazia parte de mim, me sentia viva, mexida, com medo, ansiosa, mas disposta a fazer aquilo, mesmo sem saber direito o que deveria ser feito. Estar naquele espaço não era simplesmente uma forma de me sustentar financeiramente, era algo muito mais forte, sentia de alguma maneira que aquilo fazia parte de mim.

¹ Para vegetarianismo veja Sitio Veg, 2013a.

² Para entender o termo ovolactovegetarianismo veja Sitio Veg, 2013b.

Iniciei um processo de mudança interna e externa, que até hoje vivo, não posso pregar aos meus alunos algo que não sou, mudei e mudo minha atitude e maneira de encarar a vida, me vi como um exemplo e isso é algo de extrema importância e que todo professor deve atentar.

Ser professora se tornou parte de mim e já não conseguia viver longe daquele espaço. No ano de 2010 concluo o curso de Bacharel em Artes, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e através da permanência acadêmica, inicio em 2011 a Licenciatura em Artes Visuais. Busquei nas disciplinas do curso como tornar o ensino da arte algo significativo para os alunos e mesmo para mim, como melhorar os processos de aprendizagem deles e como criar um espaço onde os alunos desenvolvam seu lado emocional, social e afetivo dentro do ensino da arte. Junto do curso de Licenciatura busquei outras especializações que se faziam necessárias para as turmas onde era professora, principalmente ligadas à inclusão, que ampliaram minha visão sobre arte, educação, pedagogia e inclusão.

Ainda em 2010 iniciei um trabalho voluntário dentro das questões ligadas aos animais não humanos, que irão evoluir para o ativismo. Iniciei ajudando algumas protetoras e ONG, até o momento em que uma família canina que morava perto de uma escola onde eu era professora precisou de ajuda. Era meu dever naquele momento fazer algo e não somente sentir pena e acabei vivendo os problemas e alegrias daquelas pessoas que antes eu ajudava.

Em 2011 participo da criação do *Projeto Animal é Tri! – Mural dos Bichos RS*³, junto de um grupo de amigas e protetoras independentes. Resolvemos nos unir e

³ O *Projeto Animal é Tri!* está dividido em três eixos de trabalho:

1 - Mural dos Bichos RS: A página criada no Facebook visa a divulgação diária de muitos pedidos de ajuda e adoção de várias protetoras independentes e ONGs do RS, mas também a sensibilização e conscientização para a importância dos direitos animais, bem como seu bem-estar.

2 - Proteção animal direta: Mesmo sabendo que resgatar animais não é a solução do problema, não conseguimos fechar os olhos diante do sofrimento deles. Como não temos sede, nossos resgatados são mantidos em clínicas veterinárias, casas de passagem, lares temporários e inúmeras vezes em nossas casas, até que encontremos adotantes responsáveis.

3 - Educação e sensibilização para o bem-estar, proteção e direito dos animais: Criação de campanhas, palestras, oficinas, material pedagógico, eventos culturais que sensibilizem e conscientizem a população sobre os temas referentes aos direitos, proteção e bem-estar dos animais.

Para conhecer mais sobre nosso trabalho acesse o link: www.animaletri.com.br
<https://www.facebook.com/Muraldosbichosrs.Projetoanimaletri>

transformar nossa empatia pelos animais não humanos em ações que possam modificar a realidade em que eles vivem. Com menos de dois anos de atuação o projeto se envolveu em questões relacionadas ao movimento pelos direitos, proteção e bem-estar dos animais não humanos, agregando mais ativistas comprometidos com a causa, contribuindo para a ampliação de nossa esfera de atuação, voltando nossos olhares para o direito à vida de todos os animais. Nestes dois anos de trabalho realizado o *Projeto Animal é Tri!* já encaminhou para lares seguros e amorosos mais de 87 animais; destes 44 eram gatos “residentes” no entorno do campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nosso grupo estabelece uma parceria com esta Universidade, através da qual a mesma assegura o bem-estar e direito à vida destes gatos em comunidade e nosso grupo cuida da alimentação diária, castração, medicação e resgate dos gatos com perfil para adoção responsável e os que necessitam de cuidados veterinários. Além dos cuidados para com os gatos “residentes” no campus central, somos responsáveis por 16 cães e 7 gatos esperando adoção em casa de passagem, que é paga pelo grupo e 4 gatos em lares temporários.

Esta atuação como ativista me possibilitou um crescimento pessoal; viver literalmente a alteridade e empatia que já sentia pelos animais me tornou mais ética, sensível, humana, carinhosa, solidária e também me deixou mais forte para ser uma educadora mais humanitária e preocupada em pensar como meu aluno irá viver em nosso mundo social.

A partir destas vivências e experiências, como professora de artes e ativista pela questão animal pude perceber dentro de uma grande maioria, uma visão dos animais não humanos permeada de preconceitos intelectuais e emocionais, visão esta que exclui os alunos de sua interdependência com os animais não humanos, que os deixa livres de deveres para com estes seres vivos e que, muitas vezes, abre caminho para a violência contra eles e em sua forma seguinte contra os seres mais indefesos de sua mesma espécie.

Estas questões se somam e se misturam, impregnando cada palavra deste trabalho, formando uma linha de certezas que legitimam e unem cada retalho de teorias pesquisadas, unindo o ensino da arte a questões éticas, empáticas, afetivas

e emocionais para uma transformação subjetiva que abre esferas para uma nova construção social.

2 A ARTE E SEU ENSINO COMO UM TERRITÓRIO DE TRANSFORMAÇÕES SUBJETIVAS

Poderia o ensino da arte e suas representações visuais, simbólicas e imagéticas contribuir com novas posturas de ser e agir dos alunos sob uma perspectiva ética, atuando assim em sua subjetividade e identidade?

Pensando o ensino da arte como um território de transformações das relações pessoais, sociais e ambientais dos alunos, poderia então a experiência, o fazer artístico, a leitura de obras de arte e da cultura visual ou campo de sentido da arte e contextualização/contexto (artístico, histórico, antropológico e social) agenciarem nos alunos, uma reflexão e resignificação crítica, criativa, empática, ética e afetiva de como são construídas as diferenças entre animais humanos e não humanos, e com isso contribuir para que os alunos possam entender seu pertencimento à espécie animal, compreendendo assim a interdependência entre os seres vivos e a necessidade de respeito às diferentes formas de vida?

A arte e seu ensino têm um papel fundamental na mudança de padrões e comportamentos dentro do caos que movimenta nossa sociedade. Mas por que uma transformação se faz necessária?

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite ameaçam a vida em sua superfície. (GUATTARI, 2012, p. 7)

Somos os únicos habitantes deste planeta Terra que mata e destrói por ambição, interesses egoístas e sob a falsa bandeira da evolução seja científica, social ou individual. Não nos damos conta de que estamos destruindo tudo que nos faz estar vivos, estamos trabalhando para um suicídio coletivo desta sociedade que fecha os olhos para as verdades que nos rodeiam.

Segundo Guattari (2012, p. 8): “É a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilizações

regressiva.” A relação de nossa subjetividade com sua exterioridade que está comprometida, penso que para instaurar uma transformação macropolítica é necessário primeiro agenciar transformações micropolíticas, transformações nos registros subjetivos.

Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microssociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente. Parece-me que essa é a única via possível para que as práticas sociais e políticas saiam dessa situação, quero dizer, para que elas trabalhem para a humanidade e não mais para um simples reequilíbrio permanente dos universos das semióticas capitalistas. (GUATTARI, 2012, p. 35).

Nós animais humanos temos o habilidade de criar, transformar e modificar de forma criativa a nós e a tudo que nos rodeia. Possuimos em nós todas as ferramentas que necessitamos para mudar. Porém porque ainda estamos vivendo práticas e visões de séculos passados? Porque temos medo de mudar, de agir diferente, de repensar nossa maneira de viver?

É só olharmos à nossa volta, não com os olhos e o coração fechados para o outro, seja ele humano, animal ou vegetal, mas abertos para realmente enxergar e perceber a realidade. Desta forma veremos que uma mudança de atitudes e visão se faz necessária, esta transformação não pode ser imposta e deve, sim, ser construída dentro de cada individuo, pois é uma mudança plural, heterogênea. Esta mudança se inicia internamente em nossa subjetividade para posteriormente impactar a maneira como nos relacionamos nos âmbitos social, animal, vegetal e cósmico, pois como diria Guattari:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos de produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (GUATTARI, 2012, p. 9)

Seria a arte uma das criações do homem que pode tocá-lo em seus próprios domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo e ao mesmo tempo promover revoluções políticas, sociais e culturais?

A obra de arte provoca e acentua características de ser um todo e de pertencer ao todo maior e abrangente que é o universo em que vivemos. Essa é, a meu ver, a explicação da sensação de requintada inteligibilidade e clareza que temos na presença de um objeto vivenciado com intensidade estética. [...] Somos como que apresentados a um mundo além deste mundo, o qual, não obstante, é a realidade mais profunda do mundo em que vivemos em nossas experiências comuns. Somos levados para além de nós mesmos, a fim de encontrarmos a nós mesmos. [...] Esse todo é então sentido como a expansão de nós mesmos. (DEWEY, 2010, p. 351)

A arte e seu fazer nos instigam, conforme as palavras de Dewey, a enxergar e perceber além de nós mesmos, sendo assim um forte propositor de mudanças na construção subjetiva e social do aluno, pois seu campo de representações simbólicas, imagéticas, afetivas e sociais permite ao sujeito da experiência em arte repensar e recriar sua subjetividade de forma crítica, afetiva, empática e sensível dentro de novos territórios de subjetivação, novos modos de ser. Ainda segundo Dewey,

A arte joga fora os véus que escondem a expressividade das coisas vivenciadas; instiga-nos a sair do marasmo de nós mesmos, descobrindo-nos no prazer de experimentar o mundo à nossa volta, em suas qualidades e formas variadas. Intercepta todos os matizes de expressividade que se encontram nos objetos e os ordena em uma nova experiência de vida. (DEWEY, 2010, p. 212).

Nicolas Bourriaud (2009, p. 127) expõe que “[...] hoje a prática artística aparece como um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos.”, dentro destes pressupostos o ensino da arte se faz um território de transformações internas e sociais do sujeito de força inimaginável e que deve ser explorado sem medo e sem preconceitos pelo professor que se propõe a mudar a realidade em que vivemos, seja qual for.

Para Dewey (2010, p. 93) “A arte é a prova viva e concreta de que o homem é capaz de restabelecer, conscientemente e, portanto no plano do significado, a união entre sentido, necessidade, impulso e ação que é característica do ser vivo.” Pensando a arte sob esta perspectiva e outras que apresentarei mais adiante neste estudo, estabeleço um campo de transformações possíveis dentro do ensino da arte e nele me fixarei, porém esta visão do ensino da arte não pode se fechar somente em uma proposta, toda e qualquer ação onde o aluno possa repensar maneiras de ser e agir irão colaborar para mudanças subjetivas, refletidas nas estruturas sociais. Conforme Efland,

A função das artes através da história cultural humana foi e continua a ser uma tarefa de “construção da realidade”. As artes constroem representações do mundo, que podem ser acerca do mundo real ou sobre mundo imaginários que não estão presentes, mas que podem inspirar os seres humanos à criação de um futuro alternativo para si próprios. Muito do que constitui a realidade está construído socialmente, incluindo coisas como o dinheiro, a propriedade, o matrimônio, os papéis de gênero, os sistemas econômicos, os governos e os males como a discriminação racial. As construções sociais que se encontram nas artes contêm representações dessas realidades sociais. Portanto, o objetivo de ensinar arte é o de contribuir para a compreensão da paisagem social e cultural da qual faz parte cada indivíduo. (EFLAND, 2004, p. 229 apud HERNÁNDEZ, 2007, p. 41).

Arte para a compreensão do cenário social, ambiental e pessoal que vivemos, arte para estabelecer ligação entre dualidades do ser, arte como potência de subjetivação. A partir destas visões da arte podemos pensar seu ensino como um território que possibilita aos alunos uma compreensão da paisagem social e cultural da qual fazem parte e que agencia a criação de futuros alternativos para si próprios. Pensando nestas questões e visões sobre a arte e seu ensino venho propor neste estudo uma nova “construção da realidade” onde estão inseridos os alunos, uma realidade que exclui um outro que é igual, mas vive na diferença.

2.1 A arte e seu ensino como um território de transformações subjetivas nas relações que os animais humanos estabelecem com os não humanos

Ainda vivemos sob uma visão antropocêntrica, onde o animal humano tem soberania sobre o animal não humano. Esta visão é diversas vezes representada na arte, na cultura visual, na educação e chega aos olhos dos alunos colaborando para a solidificação destes conceitos, desta realidade.

Dentro desta visão antropocêntrica dos animais não humanos estão submersos os alunos onde o projeto de aprendizagem *Somos todos Animais* foi desenvolvido e que serviu de base para responder as questões deste estudo. Esta visão antropocêntrica dos animais não humanos foi percebida por meio das observações e conversas com os alunos e professoras, a partir das quais o projeto de pesquisa foi desenvolvido, e também através de minha experiência como professora de artes contratada da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul e ativista pelos direitos animais, já explicada na introdução deste trabalho. A visão

antropocêntrica que os alunos destas escolas tem dos animais é, como em tantas outras, socialmente construída dentro da família, escola e mídia, fazendo os alunos acreditarem que os animais não são seres que pensam e têm sentimentos, mostrando que o animal humano é soberano aos animais não humanos: “É esse sentimento de poder, de soberania e de superioridade sobre o outro que, a nosso ver, abre espaço para as mais diversas manifestações de crueldade quer contra o animal não humano, quer contra o animal humano [...]” (GUIDA, 2011, p. 5).

A ligação da crueldade contra animais não humanos e animais humanos já vêm sendo alvo de pesquisas, principalmente a ligação entre os atos de crueldade contra não humanos na infância e a ligação com os posteriores atos de violência contra animais humanos na adolescência e vida adulta:

[...] foi a inclusão da violência contra os animais na lista dos sintomas do Distúrbio da Conduta nas últimas edições do DSM (PA, 1987; 2000) e sua utilização como um factor importante para a construção de instrumentos de avaliação de risco de violência na idade adulta. O interesse crescente por este tema está bem documentado no grande número de publicações que sobre ele tem aparecido nas últimas décadas (Ascione, 1998, 2008; Beirne, 2009; Flynn, 2011; Linzey, 2009; Merz-Perez & Hide, 2004.) (FONSECA; DIAS, 2011, p. 72)

As publicações que tem aparecido nas últimas décadas citadas por Fonseca e Dias, apresentam uma ligação entre a crueldade contra animais não humanos e a violência contra humanos. Estas teorias defendem que, crianças que observam ou se envolvem em crueldades praticadas contra animais, apresentam maior probabilidade de se tornarem suscetíveis a comportamentos violentos contra seres mais fracos que eles, sejam animais não humanos ou outras crianças e posteriormente em sua vida adulta teriam mais chances de se tornarem violentos com crianças, idosos ou pessoas mais frágeis que eles. Esta ideia pode ser vista na série de quatro gravuras do artista inglês William Hogarth, *Os Quatro Estágios da Crueldade*, de 1751, que mostra os quatro momentos da vida violenta de um personagem. Na primeira gravura uma criança aparece torturando um cão e outras um gato; na segunda há um jovem que bate em um cavalo que caiu por causa do peso que carregava e outro jovem batendo em uma ovelha; na terceira este personagem já adulto mata uma mulher e na quarta provavelmente após seu

enforcamento, está sendo dissecado em uma aula pública de anatomia em que um cão come suas vísceras.

[...] atormentar ou matar animais irá endurecer a sua mente contra os humanos; e os que se divertem com o sofrimento e com a destruição de criaturas inferiores não conseguirão manifestar grande compaixão nem grande bondade para com os da sua própria espécie. (LOCKE, 1989 apud FONSECA; DIAS, 2011, p. 72)

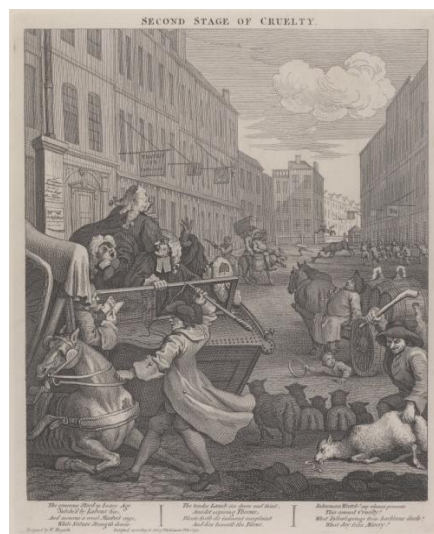
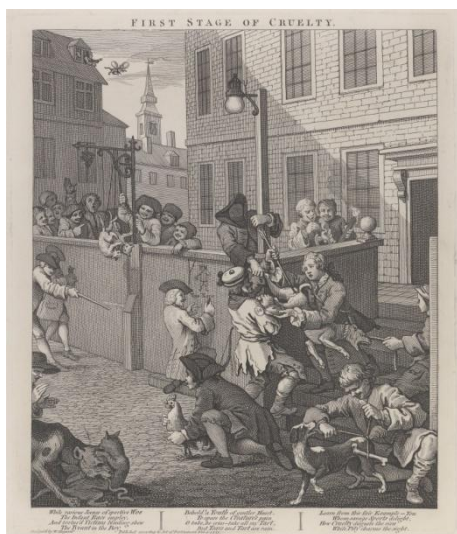


Fig. 1: William Hogarth: A primeira fase da Crueldade: Crianças torturar animais. Da série, Os Quatro estágios da Crueldade, 1751. Gravura.
Fonte: Wikimedia Commons, 2013.

Fig. 3: William Hogarth: A segunda etapa da Crueldade: Cocheiro batendo em um cavalo caído. Da série, Os Quatro estágios da Crueldade, 1751. Gravura.
Fonte: Wikimedia Commons, 2013.

Fig. 2: William Hogarth: A terceira etapa da Crueldade: Crueldade em Perfeição - O assassinato. Da série, Os Quatro estágios da Crueldade, 1751. Gravura.
Fonte: Wikimedia Commons, 2013.

Fig. 4: William Hogarth: A quarta etapa da Crueldade: A recompensa da crueldade. Da série, Os Quatro estágios da Crueldade, 1751. Gravura.
Fonte: Wikimedia Commons, 2013.

Esta maneira antropocêntrica de perceber e tratar os animais já está sendo desconstruída por filósofos, sociólogos, antropólogos, biólogos, neurocientistas e até mesmo na política e no direito, e por que não dentro do ensino da arte? Este movimento de mudança nas relações entre animais humanos e não humanos busca o entendimento por parte dos animais humanos; da interdependência entre os seres vivos, da senciência dos animais não humanos, ou seja, de sua capacidade de ter sentimentos e emoções e por isso a necessidade de assumirmos nossas obrigações éticas e deveres para com estes seres vivos, que têm em sua vida um fim em si mesmo.

Segundo Guattari, “Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura, e precisamos aprender a pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referências sociais e individuais.” (GUATTARI, 2012, p. 25). Se faz necessário repensar as interações que nossos alunos estabelecem com os animais não humanos, e mais do que nunca proporcionar uma transformação da visão antropocêntrica e do entendimento por parte dos alunos de seu pertencimento a esta mesma espécie animal, que sente, sofre e tem necessidades, abrindo caminho para o exercício da ética, alteridade, empatia e afetividade seja para os animais não humanos e/ou, conseqüentemente, animais humanos:

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época. (GUATTARI, 2012, p. 55)

Mas como iniciar um processo de transformação deste ciclo de crueldade e preconceitos, como desconstruir a visão que os alunos têm dos animais não humanos, como proporcionar uma transformação, como legitimar o outro, como trabalhar esta igualdade animal e suas diferenças se não pela educação e, mais especificamente, a partir de uma disciplina que propõe ao aluno uma experiência que quando vivenciada atua em campos sutis do ser, que nos coloca em contato com realidades distintas, e nos propõe a refletir sem impor a nós uma única verdade,

que nos possibilita criar nossa própria verdade heterogênea e mutável, que não se prende a conceitos vagos, mas nos faz ter uma experiência em outras visões de mundo, que possibilita ao aluno repensar sua subjetividade e posteriormente se necessário e houver vontade do mesmo recriar sua identidade? Esta disciplina se chama Ensino da Arte.

Como já mencionado antes este estudo problematizará o ensino da arte como um território de transformações, uma potência de subjetivação, onde os alunos puderam questionar e repensar a partir de uma posição ética, empática e afetiva sua relação com os animais não humanos, através da experiência, o fazer artístico, a leitura de obras de arte e da cultura visual ou campo de sentido da arte e contextualização/contexto⁴ (artístico, histórico, antropológico e social). Estas teorias sobre o ensino da arte serão articuladas dentro da prática docente, através do projeto de aprendizagem *Somos todos animais*. As transformações que ocorreram com os alunos durante a prática docente serão relatadas no quarto capítulo deste estudo.

Mas para falarmos em uma visão ética, empática e afetiva dos animais, ou mesmo repensarmos nossa identidade, precisamos entender os mecanismos que nos possibilitam mudar nossa visão de mundo, nossas práticas sociais e individuais, precisamos falar de nossa subjetividade e dos mecanismos de subjetivação que a arte e seu ensino nos propõem.

2.2 Algumas noções de subjetividade e uma possível relação com a arte

A subjetividade é nosso mundo interno, com o qual nos comunicamos com o mundo social, externo. É a partir desta comunicação que adotamos nossa identidade, porém somos constituídos de muitas identidades que nos formam em relação às diferenças que nos rodeiam.

⁴ Recorro aqui aos conceitos de Ana Mae Barbosa que fazem parte da proposta em Arte/educação que surge em 1987, como Metodologia Triangular no Museu de Arte Contemporânea da USP, e mais tarde revista como Abordagem ou Proposta Triangular, onde o fazer, a leitura de obra de arte ou do campo de sentido da arte e a contextualização, quer sejam histórica, cultural, social se baseiam em propostas de ações e não de conteúdos. (BARBORA, 2010)

Segundo Kathryn Woodward:

“Subjetividade” sugere a compreensão que temos de nosso eu. O termo que envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos uma identidade. (WOODWARD, 2008, p. 55).

Podemos refletir com esta citação que a subjetividade, além de ser nossos pensamentos e emoções internas, é construída também a partir de questões externas ao sujeito; dentro deste pressuposto nossa subjetividade pode ser moldada pelo meio que vivemos, pelas informações que recebemos e pelas experiências que temos.

Nicolas Bourriaud (2009, p. 127) aponta que “Guattari, por sua vez, define a subjetividade como o conjunto de relações que se criam entre o indivíduo e os vetores de subjetivação que ele encontra, individuais ou coletivos, humanos ou inumanos”, ou seja, nossa subjetividade é instável e mutável conforme nossas relações com os vetores de subjetivação individuais ou coletivos.

Podemos definir então subjetividade como tudo aquilo que gera significado para uma forma de ser individual, de existir, ou seja, um estilo de existência. Mas como foi citado antes, ela está constantemente mudando, dependendo de nossas relações com o mundo externo. Então nossa subjetividade está sendo alterada de todos os lados, seja nas relações afetivas, familiares, sociais, na escola, com a mídia e tantas outras máquinas de subjetivação.

Félix Guattari, em seu livro, *As três ecologias*, traz uma proposta de desnaturalizar e desterritorializar nossa subjetividade alienada e unificada pelo capitalismo. Nesta proposta a arte se insere como uma potência de subjetivação, que cria territórios existenciais, arranjos singulares para uma reciclagem eco-mental. A ecosofia⁵ tem uma articulação ético-política e atua entre os três registros ecológicos, o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana: “A ecosofia social consistirá, portanto, em devolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc.” (GUATTARI, 2012, p. 15).

⁵ GUATTARI, 2012.

Nikolas Rose explica com clareza a visão de Guattari e Deleuze sobre o que vem a ser subjetivação:

Se a experiência e a relação que temos com nós mesmos não é de movimentos, fluxos, decomposições e recomposições é por causa da localização dos humanos nesse outro plano, esse plano de organização que tem a ver com o desenvolvimento de formas e com a formação de sujeitos, no interior de agenciamentos, cujos vetores, forças e interconexões subjetivas o ser humano, ao nos reunir – em um agenciamento – com partes, forças, movimentos, afectos de outros humanos, animais, objetos, espaços e lugares. É nesses agenciamentos que são produzidos os efeitos de sujeito, efeito do fato de sermos-reunidos-em-um-agenciamento. A subjetivação é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, e seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas de outros sobre eles. (ROSE, 2001, p. 143)

Se nossa subjetividade pode ser produzida dentro de inúmeros agenciamentos, seria então o ensino da arte um dispositivo de subjetivação, um operador de transformações e produção de novas subjetividades?

[...] trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade indo no sentido de uma ressingularização individual e/ou coletiva [...]. Uma perspectiva ético-política[...]de uma criação artística libertada do sistema de mercado, de uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais etc. Tal problemática, no fim das contas, é a da produção de existências humanas em novos contextos históricos.

A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser [...] (GUATTARI, 2012, p. 15)

Esta é a transformação proposta neste estudo, uma transformação de existências, uma reinvenção criativa de si mesmo, de modos de ser e ver o outro; a partir da subjetivação, de novas visões de mundo, a arte e seu ensino proporcionam ao aluno uma resignificação de sua subjetividade e posteriormente de suas identidades: “E não somente pelas intervenções ‘comunicacionais’, mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade.” (GUATTARI, 2012, p. 16)

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que

damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (WOODWARD, 2008, p. 17).

A arte possibilita produzirmos novos e múltiplos significados para nos constituirmos como sujeitos de novos contextos históricos, como disse Guattari em citação anterior. Em outra passagem Guattari afirma:

O sujeito não é evidente: não basta pensar para ser, como o proclamava Descartes, já que inúmeras outras maneiras de existir se instauram fora da consciência, ao passo que o sujeito advém no momento em que o pensamento se obstina em aprender a si mesmo e se opõe a girar como um pião enlouquecido, sem enganchar em nada dos Territórios reais da existência, os quais por sua vez derivam uns em relação aos outros, como placas tectônicas sob a superfície dos continentes. Ao invés de sujeitos, talvez fosse melhor falar em *componentes de subjetivação* trabalhando, cada um, mais ou menos por conta própria. (GUATTARI, 2012, p. 17)

Mas para constituir-se como sujeito ou *componentes de subjetivação*, como aponta Guattari, é preciso mais do que pensar, é preciso sentir, existir e não limitar-se a uma só forma de existência e, principalmente, deixar de lado preconceitos intelectuais e emocionais: “O que quer que seja, parece-me urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas científicas para forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas.” (GUATTARI, 2012, p. 18). Estes novos paradigmas de inspiração ético-estéticos encontram na arte um campo fecundo para iniciarem seu agenciamento, sua subjetivação, pois como bem colocou Bourriaud:

A obra de arte interessa a Guattari apenas na medida em que não é uma “imagem passivamente representativa”, ou seja, um produto. A obra materializa territórios existenciais, onde a imagem assume o papel de *vetor de subjetivação*, de *shifter* capaz de desterritorializar nossa percepção antes de “re-ramificá-la” para outros possíveis: papel de um “operador de bifurcação na subjetividade”. (BOURRIAUD, 2009, p. 138-139)

Vejo uma comunicação entre a posição de Guattari e a visão de subjetividade e identidade nos estudos culturais ligados à educação, apresentados no livro organizado por Tomaz Tadeu da Silva, *Identidade e Diferença*; os processos de subjetividade se relacionam. Dentro dos estudos culturais a subjetividade está envolvida no processo de formação da identidade, ela é ativamente produzida pelo social e simbólico, e gera causa e consequências no social. Para Guattari a subjetividade é uma nova produção da humanidade dentro dos planos social, ambiental e pessoal, mas que não deve ser individualizada, por isso nossa

subjetividade pode ser produzida pelos contatos externos, focando uma nova produção de formas de ser e agir.

Sendo assim, as duas propostas buscam uma mudança nas estruturas de construção do sujeito, que para Guattari seria a construção de novas subjetividades a partir da arte, da educação e dos outros dispositivos de subjetivação já citados, enquanto que para Tomaz Tadeu da Silva e os estudos culturais corresponderia a desenvolver nos alunos a capacidade de criticar e questionar os sistemas e as formas dominantes de representação da identidade e da diferença. A meu ver, para que se instaure uma transformação e uma visão crítica no aluno, é preciso primeiro uma mudança interna, uma mudança subjetiva possibilitada pela arte.

Em sua ecosofia Guattari não sugere como se deve instaurar esta mudança na subjetividade pela arte, somente indica que seria uma transformação ético-estética. Para encontrar um norte de como aplicar esta proposta aos alunos busquei, de forma breve, nos estudos culturais um caminho para desconstruir as relações de diferença, realizando um estudo crítico com os alunos em que se mostrava como são feitas estas construções, do mesmo modo como Ana Mae traz a contextualização para o campo da arte, seja ela histórica, sociológica, antropológica, filosófica e etc.

A arte se faz assim um campo onde as representações simbólicas e sociais podem ser trabalhadas de forma crítica e, mais do que isso, repensadas dentro de campos imagéticos e criativos. Este campo da arte utilizado dentro do ensino da arte abre caminho para os processos de subjetivação, éticos e estéticos, que buscam operar transformações inéditas e produção de novas subjetividades.

Para uma mudança na subjetividade dos alunos, para uma experiência significativa é necessário aliar conceitos e metodologias, não devemos nos fechar em uma só visão de educação e arte, mas sim buscar variadas visões e procedimentos para a prática pedagógica. Nesta proposta de ensino percorro os conceitos de Guattari, os estudos culturais de Tomaz Tadeu da Silva e, às contribuições de Ana Mae e sua Proposta Triangular, e ainda o pensamento de Fernando Hernández e John Dewey. Dentro do ensino da arte, estas visões somam-

se para instaurar um território de transformações. Esta proposta será melhor trabalhada no quarto capítulo deste estudo.

Consideremos a pergunta feita por Paulo Freire: “Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduo?” (FREIRE, 2011, p. 30) Se a relação que os alunos estabelecem com os animais não humanos é um experiência social experimentada como indivíduo. Então por que não discutir a relação entre os animais humanos e não humanos no ensino da arte?

2.3 A base para posteriormente pensarmos o ensino da arte como mediador e propositor de transformações nas relações que os animais humanos estabelecem com os não humanos

O professor da Universidade de Barcelona, Fernando Hernández, que busca em suas publicações uma outra narrativa educacional para a escola e projetos dentro do ensino da arte que problematizem como a cultura visual produz novos olhares sobre nós e sobre o outro, afirma que:

Hoje, um docente, ou qualquer pessoa interessada pela educação, que queira compreender o que está acontecendo no mundo e, sobretudo, que procura interpretar e dar resposta ao que afeta a construção das subjetividades daqueles que vão a Escola, não pode se limitar “a saber a matéria” ou ter alguns conhecimentos de psicopedagogia. Se em todos os campos do saber o problema dos limites e dos desvios de comportamento são questões que estão na ordem do dia; se vivemos em uma sociedade de complexidades na qual, pela primeira vez, nos deparamos com um ciclo de renovação do conhecimento mais curto que o ciclo da vida do indivíduo; se as subjetividades se configuram como a base de fragmentos e emergências, requer-se não apenas outra proposta radical para o sistema educativo, mas que nos apropriemos de outros saberes e de maneiras alternativas de explorar e de interpretar a realidade, em comparação às atuais disciplinas escolares. Saberes que nos ajudem a dar sentido ao emergente e ao mutável, a compreendermos a nós mesmos e ao mundo em que se vive, tanto por parte dos professores como dos alunos. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 35-36).

O fazer, apreciar e contextualizar a arte nos propõe uma experiência transformadora em nossa subjetividade, ela atua em nossa realidade em nossa vida, mas vai além, pois nos convida a olhar nossa existência sob facetas e olhares distintos e diversos; a arte age de forma relacional, agenciando movimentos de

dentro para fora e de fora para dentro, instaurando mudanças no artista e no sujeito que se doa a esta relação. Este movimento relacional, quando utilizado dentro do ensino da arte, abre esferas para se repensar subjetividades, intersubjetividades e identidades que agem inicialmente no campo micropolítico, ou seja, as mudanças importantes são as que acontecem no aluno, mas não desconfiguram mudanças sociais possíveis, pois “a linguagem da arte propõe um diálogo de sensibilidades, uma conversa prazerosa entre nós e as formas de imaginação e formas de sentimento que ela nos dá” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2009, p. 36).

A arte atua em campos racionais e sensíveis, esta dualidade combinada é uma propositora de transformações, a arte “cria territórios existenciais”,⁶ ela nos coloca em contato com a realidade através de uma relação singular com o mundo,⁷ tanto podendo ser relações envolvendo a afetividade, empatia, alteridade, ética ou que problematizem todas as relações: “Esses dois modos de apreensão – seja pelo conceito, seja pelo afeto e percepto – são, com efeito, absolutamente complementares.” (GUATTARI, 2012, p. 19). A arte atua então com relações complementares e antagônicas dentro de uma mesma proposta.

Por estabelecer uma relação singular com o mundo o ensino da arte não pode estar separado da vida social do aluno. E nós, professores de arte, precisamos ter claro em nossas mentes que as imagens não são neutras e quando escolhemos uma imagem e não outra, uma proposta de trabalho e não outra, estamos fazendo escolhas políticas de maneiras de ser, ver, agir e se posicionar na sociedade e no planeta em que vivemos, que serão percebidas, refletidas e assimiladas pelos alunos:

No caso da educação, esta tarefa tem a ver com a própria função mediadora da Escola como instituição social, com o papel de currículo em termos de afirmação/exclusão de formas de poder e de saber, e com algumas representações que se autorizam frente outras que se excluem. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 37).

A imagem e o fazer artístico são ferramentas de provocação ou alienação dependendo do enfoque do educador. Não adianta dar as ferramentas ao aluno,

⁶ GUATTARI, 2012.

⁷ BOURRIAUD, 2009.

sem ensiná-los a utilizá-las de várias formas, não adianta trabalhar com arte sem ligá-la à vida, sem fazer conexões e a partir disto problematizar de forma crítica com os alunos o porquê de como são construídos os significados de uma imagem da cultura visual ou de um trabalho de arte.

O ensino da arte deve possibilitar aos alunos autonomia e criticidade para fazerem suas próprias escolhas, criativas e éticas, para com o mundo onde vivem, a partir dos objetos de arte, imagens da cultura visual e das propostas de trabalho utilizadas pelo professor em sala de aula. O ensino da arte propõe então:

[...] uma reflexão sobre a maneira como as manifestações da cultura visual refletem as relações de poder, contribuindo-se em termos de suas vidas e também com a dos educadores nas dimensões emocional, política, social e material.

Isso faz com que a abordagem crítica e performática às manifestações da cultura visual não se refira puramente uma experiência cognitiva, nem seja uma prática vinculada à satisfação (ao prazer) e à celebração, mas a possibilidade de se organizar uma experiência de aprendizagem que gere novos posicionamentos, novas formas de compreensão e de atuação. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 70).

Sendo assim, o ensino da arte agencia uma experiência que possibilita mudança nas estruturas de construção do sujeito individual e social, alterando práticas e visões de mundo. Deste modo o ensino da arte se faz uma disciplina plural, transdisciplinar, que se insere na vida social do aluno e que tem a liberdade de percorrer campos distintos da arte, mas sempre por meio dela. Esta visão abre caminho para pensarmos o ensino da arte como um território de transformações, em que os alunos possam refletir sobre suas relações pessoais, sociais e ambientais, por meio de representações visuais, simbólicas e imagéticas, pois como bem diz Hernández,

[...] as representações visuais contribuem, assim como os espelhos, para a constituição de maneiras e modos de ser. As representações visuais derivam-se e ao mesmo tempo interagem de e com as formas de relação que cada ser humano estabelece, também com as formas de socialização e aculturação nas quais cada um se encontra imerso desde o nascimento e no decorrer da vida. Estas formas de relação contribuem para dar sentido à sua maneira de sentir e de pensar, de olhar-se e de olhar, não a partir de uma posição determinista, mas em constante interação com os outros e sua capacidade de agenciamento (*agency*).

Uma vez que as subjetividades são produzidas e transitam de maneiras reflexivas e corporificadas, a relevância das representações visuais adquire

um papel fundamental. Não apenas por sua onipresença, mas pelo seu forte poder persuasivo: associam-se a práticas culturais (o que significa que fazem parte do que está acontecendo), vinculam-se a experiências de prazer (apresentam-se de forma agradável, como uma retórica visual e narrativa atrativa e trazendo satisfação) e estão relacionadas a formas de socialização (os sujeitos sentem-se como parte de um grupo com o qual se identificam). (HERNÁNDEZ, 2007, p. 31-32).

As representações visuais contribuem para os alunos darem sentido a maneiras de ser e de agir em uma interação com o outro, mas também têm um forte poder de persuasão. É por estas e pela capacidade de transformação que o ensino da arte propõe que o professor não pode ter medo de pensar sobre o diferente, na diferença e também na igualdade:

A Pedagogia e o currículo deveriam ser capazes de oferecer oportunidades para que as crianças e os/as jovens desenvolvessem capacidades de crítica e questionamento dos sistemas e das formas dominantes de representações da identidade e da diferença. (SILVA; HALL; WOODWARD, 2008, p. 92)

Considerando a educação como um campo de transformações, onde, como bem disse Tomaz Tadeu da Silva, os jovens possam ter espaço para pensar de forma diferente daquela que os mecanismos de poder instauram, o estudo desenvolvido se faz de extrema importância para alterar a consciência de como percebemos e nos relacionamos com os animais não humanos, na nossa vida e no meio social, conseqüentemente repensando nossa postura com os de nossa mesma espécie, possibilitando ao aluno novas formas de subjetividade, identidade e também alteridade.

3 SOMOS TODOS ANIMAIS

Nós, animais humanos, junto com os não humanos, vegetais, fungos, protozoários e bactérias, fazemos parte do ecossistema biótico do planeta Terra. No entanto, será que realmente dividimos este espaço com os animais não humanos? O animal humano é o único ser vivo que pelo poder, ganância e dinheiro, subjuga, domina e escraviza sua própria espécie e as outras. Racismo, sexismo, homofobia, xenofobia, especismo e tantos outros “ismos” são cunhados para classificar a intolerância a determinadas diferenças, para classificar o preconceito:

O termo especismo (speciesism) foi cunhado por Richard Ryder em 1970 e passou a constar no Oxford English Dictionary em 1986 (Ryder, 1989: 328). Além de designar uma atitude de preferência pelos membros da nossa própria espécie, simplesmente pelo fato de que são membros da nossa espécie, segundo o próprio autor, especismo denota não apenas discriminação, mas preconceito e, ainda mais importante, a exploração, a opressão e a injustiça cruel que decorre desse preconceito (Ryder, 1989: 328). (PAIXÃO, 2001, p.116.)

Animais humanos e não humanos estão interligados durante todo decorrer da história na Terra; desde a Pré-História, os humanos usam os animais para sua sobrevivência e alimentação. Nos anos que se seguem até hoje continuamos usando o animal não humano para nossa alimentação, mas também para nossa segurança, companhia e divertimento. Este uso dos animais não humanos está fundamentado por uma visão antropocêntrica, em que o animal humano tem soberania sobre o não humano; esta concepção ainda hoje permeia os campos sociais da educação, da arte e da cultura visual.

Sem nenhum questionamento ético, o animal humano usa os animais não humanos para muitos fins, sem nunca questionar as implicações destes atos na vida dos animais não humanos, sem nunca questionar seu direito à vida: “O antropocentrismo delimita o campo ético como exclusivamente humano, não sendo nem possível nem desejável incluir não humanos na comunidade moral [...]” (PAIXÃO, 2001, p. 124). Mas por que os animais humanos se acham superiores aos animais não humanos? O que separa os humanos do gênero animal?

Rita Leal Paixão apresenta em sua tese de doutorado em saúde pública, *Experimentação animal: razões e emoções para uma ética*, um estudo sobre as

considerações éticas que regem a forma como tratamos os animais, fazendo um estudo histórico das diferentes visões dos animais não humanos ao longo da história. Neste trabalho ela expõe como se inicia os preconceitos intelectuais que permeiam a separação entre animais humanos e não humanos; iniciando-se na Grécia Antiga, no momento que o campo da filosofia nega a razão a todos os seres vivos que vivem na condição de animais e veem o ser humano como o único ser racional:

A crise efetivamente teve início quando Aristóteles negou a razão aos animais. Se apenas os homens são seres racionais, então isso é o que nos distingue dos animais. Essa concepção não quer dizer apenas que homens são diferentes dos animais, mas que essas diferenças terão um significado moral. Pois, também segundo Aristóteles, havia em toda a natureza um finalismo: as plantas para o bem dos animais e esses para o bem dos homens (Aristóteles, 1991). E ainda afirmava: "... é melhor para eles, assim como para todos os inferiores, que eles estejam sob as regras do seu senhor." (Aristóteles, 1989: 4). A argumentação de Aristóteles baseava-se na ideia de que assim como é natural para a alma domesticar o corpo, é natural para o homem domesticar os animais, e os domesticados terão uma natureza melhor (Aristóteles, 1989: 4). De acordo com esse pensamento, Aristóteles estabelece uma visão hierárquica da natureza, onde considerando a escala de seres vivos, cada criatura deve servir ao que lhe é superior. Assim, os humanos teriam o direito de usar os animais para satisfazerem seus propósitos. E, da mesma forma, isso se aplicava aos outros seres considerados também irracionais, como as mulheres e os escravos que, portanto, deveriam servir os homens racionais. A visão aristotélica, que destacou o homem como centro do mundo, veio a ter uma grande influência em todo o mundo ocidental desde então. (PAIXÃO, 2001, p. 48)

Ainda vemos hoje a razão sendo uma desculpa para escolhermos o destino da vida de outros seres vivos, para legitimar a escravidão animal. Esta visão hierárquica nos separa dos animais não humanos e se torna um impedimento para que tenhamos compaixão e empatia com relação a estes seres vivos. Porém o ápice deste pensamento que nega aos animais qualquer direito, que nos separa da condição animal e que ainda hoje legitima inúmeras manifestações de crueldade se apoia no discurso de Descartes e sua tese do animal-máquina:

A rejeição dos animais do universo moral, para além de qualquer abordagem que existia na Grécia antiga ocorrerá com Descartes, considerado o pai da filosofia moderna, no século XVII. Com a publicação de "Discours de la Méthode" (Discurso do Método) em 1637 (Descartes, 1987), Descartes divulga a ideia de que os animais são verdadeiras máquinas. Assim além de negar a racionalidade dos animais, ele também nega que eles tenham emoções. Atribui aos animais o conceito de autômatos, isto é, seus corpos obedeciam às leis da mecânica. Descartes descreveu o organismo animal como os relógios, capazes de comportamento complexo, mas incapazes de falar, raciocinar e até mesmo ter sensações. Segundo ele, o corpo humano também era um autômato, mas diferenciava-se dos animais pela presença da mente, e, portanto

possuidor de uma alma separada. Assim só o homem teria simultaneamente matéria e intelecto. [...] A doutrina cartesiana permitiu a interpretação de que os animais não sentem dor, e assim, os gemidos de um cão que apanha não refletem a dor, mas sim, soa como o som de um órgão quando tocado. Os uivos e contorções de um bicho seriam meros reflexos externos, sem relação com qualquer sensação interior (Thomas, 1988: 39). A partir desse pensamento cartesiano, aqueles que usavam animais não deviam se importar com o seu sofrimento, já que os animais não sentiam dor, e nem precisavam se preocupar com a retirada das suas vidas, já que eles não tinham interesses que pudessem ser prejudicados. Portanto, os animais poderiam ser usados sem qualquer preocupação moral. [...] Afinal, Descartes traçou a linha que deixou os animais completamente fora da esfera moral. (PAIXÃO, 2001, p. 51-52)

Mas este pensamento cartesiano em que o animal é uma máquina, que não sente dor, muito menos emoções, está prestes a entrar em choque a partir da teoria evolucionista apresentada por Charles Darwin, que recupera a questão da animalidade sob um novo ponto de vista:

E na “Origem das espécies” (Darwin, s/d) ainda não trata da evolução do homem, apenas indicando que ela seria esclarecida, o que ele veio a fazer posteriormente na obra “A descendência do homem e a seleção sexual”, publicada em 1871 (Darwin, 1981) e em “A expressão das emoções nos homens e nos animais”, publicada em 1872 (Darwin, 2000). Nessas obras estão trechos do pensamento darwiniano que modificam a concepção da época sobre os animais. Apenas uma diferença de grau e não de espécie (essência), entre homens e animais, é apontada por Darwin (apud Buican, 1990: 60): “Entretanto, por mais considerável que ela seja, a diferença entre o espírito do homem e dos animais mais elevados é certamente apenas de grau e não de espécie. Vimos que sentimentos, intuições, emoções e faculdades diversas, tais como amizade, a memória, a atenção, a curiosidade, a imitação, a razão, etc., dos quais o homem se orgulha, podem ser observados em estado nascente, ou mesmo, às vezes, em estado bastante desenvolvido, entre os animais inferiores. Além disso, eles são suscetíveis de alguns melhoramentos hereditários, como prova a comparação do cão doméstico com o lobo ou o chacal.” (PAIXÃO, 2001, p. 57)

Animais humanos e não humanos evoluem de um ancestral comum e, segundo a teoria da evolução, encontram-nos sob a pele de uma mesma espécie, as diferenças entre os animais humanos e não humanos não estão cunhadas em nossa espécie e sim em grau. Darwin coloca a teoria de Descartes à prova afirmando que os animais são sim dotados de uma razão e faculdades análogas à dos seres humanos:

A fim de demonstrar que não há uma barreira intransponível entre o homem e o animal, Darwin (apud Buican, 1990: 63) faz a comparação do animal com um “selvagem”:

“Pode-se, evidentemente, admitir que nenhum animal possui a consciência de si mesmo, se entendemos com isso que ele se pergunta de onde vem e para onde vai, que reflete sobre a morte ou sobre a vida, e assim por diante. Mas, poderíamos estar certos de que um velho cão, tendo uma excelente memória e alguma imaginação, como provam seus sonhos, nunca pense

em seus prazeres de caça ou nos infortúnios que experimentou? Isso seria uma forma de consciência de si. Por outro lado, como observa, Bücher, como poderia a mulher australiana, sobrecarregada de trabalho, que quase não usa palavras abstratas e só conta até quatro, exercer sua consciência ou refletir sobre a natureza de sua própria existência?”

E finalmente afirma: “Os animais, assim como o homem, manifestamente sentem prazer e dor, alegria e tristeza.” (Darwin, 1989: 27). (PAIXÃO, 2001, p. 58)

No ano de 2012, um grupo de neurocientistas assinou um manifesto escrito por Philip Low⁸, durante uma conferência na Universidade de Cambridge intitulado *A Declaração de Cambridge sobre a Consciência*⁹, onde afirmaram que todos os animais, sejam eles mamíferos ou não, possuem consciência como nós, além de sentimentos e emoções, pois os seres humanos não são os únicos que possuem os substratos neurológicos que geram consciência.

As afirmações de Darwin e da *Declaração de Cambridge sobre a Consciência* já eram conhecidas empiricamente por muitos que não acreditavam na distância entre animais humanos e não humanos, mas uma comprovação científica se fez necessária para muitos. Não se pode mais negar que a distância entre animais humanos e não humanos não se encontra na razão, consciência ou espécie, mas sim em uma construção social que segrega, diminui, trata como propriedade e carrega de inúmeros preconceitos a visão que alguns animais humanos têm de seus semelhantes não humanos:

Para nós, que fomos criados no contexto da tradição do pensamento ocidental, os conceitos de “humano” e “animal” parecem cheios de associações, repletos de ambiguidade e sobrecarregados de preconceitos intelectuais e emocionais. (INGOLD, 1995, p. 1)

3.1 O animal não humano: uma visão ética

As semelhanças entre animais humanos e não humanos já foram comprovadas no campo biológico e científico, mas porque nossa sociedade ainda não reconhece a interdependência com estes seres vivos, e nega a eles o direito à

⁸ Entrevista de Philip Low a Revista Veja sobre a Declaração de Cambridge (LOW, 2012)

⁹ Para ler o manifesto que comprova a Sensciência animal ver: The Cambridge Declaration on Consciousness (LOW et al., 2012).

vida, o direito a não ser sujeito da dor, e mesmo existindo leis claras que cuidam do bem-estar dos animais, nega a eles o direito à igual proteção perante a lei:

Ninguém mais pode negar seriamente a negação. Ninguém mais pode negar seriamente e por muito tempo que os homens fazem tudo o que podem para dissimular essa crueldade, para organizar em escala mundial o esquecimento ou o desconhecimento dessa violência que alguns poderiam comparar aos piores genocídios.

Todo mundo sabe que terríveis e insuportáveis quadros uma pintura realista poderia fazer da violência industrial, mecânica, química, hormonal, genética, à qual o homem submete há quase dois séculos a vida animal. E o que se tornam a produção, criação, o transporte e o abate desses animais. (DERRIDA, 2002, p. 52-53)

Derrida traz um ponto importante a ser pensando nesta citação, nós não podemos mais negar como os animais vêm sendo tratados dentro de nossa sociedade capitalista e industrial, não podemos negar a realidade e mais adiante acrescenta que se colocarmos sob nossos olhos essas imagens elas abririam lugar para o sofrimento, piedade e compaixão:

E do lugar que é preciso dar à interpretação dessa compaixão, ao compartilhar do sofrimento entre os viventes, ao direito, à ética, à política que é preciso referir a essa experiência da compaixão. Pois o que ocorre, há dois séculos, é uma nova tribulação dessa compaixão. Diante do desencadear até o momento irresistível mas negado, diante da negação organizada dessa tortura, algumas vozes se levantam [...] (DERRIDA, 2002, p. 53).

As vozes que se levantam pelos animais não humanos buscam uma ética em relação à vida que podemos observar nas ideias do livro *Ética Prática*, do filósofo Peter Singer, em que o autor apresenta o princípio de igual consideração de interesses, segundo o qual mesmo dentro das diferenças entre os seres estes devem ter seus interesses levados em conta. Para Singer, a capacidade de sentir de um ser, seja ele humano ou não, é em si a justificativa para nossas obrigações éticas para com ele:

Como é possível que alguém perca o seu tempo tratando da igualdade dos animais, quando a verdadeira igualdade é negada a tantos seres humanos? Essa atitude reflete um preconceito popular contra o fato de se levarem a sério os interesses dos animais – um preconceito tão infundado quanto aquele que leva os brancos proprietários de escravos a não considerarem com a devida seriedade os interesses de seus escravos africanos. Para nós, é fácil criticar os preconceitos de nossos avós, dos quais nossos pais se libertaram. É mais difícil nos distanciarmos de nossos próprios pontos de vista, de tal modo que possamos, imparcialmente, procurar preconceitos entre as crenças e os valores que defendemos. O que se precisa, agora, é

de boa vontade para seguir os argumentos por onde eles nos levam, sem a ideia preconcebida de que o problema não é digno de nossa atenção. (SINGER, 2002, p. 65-66)

Singer traça uma relação interessante entre a visão que os escravocratas tinham dos escravos africanos, como seres que não sentiam e não tinham nenhum direito, e o modo como tratamos hoje os animais:

Talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos dos quais jamais poderiam ter sido privados, a não ser pela mão da tirania. Os franceses já descobriram que o escuro da pele não é motivo para que um ser humano seja abandonado, irreparavelmente, aos caprichos de um torturador. É possível que algum dia se reconheça que o número de pernas, a vilosidade da pele ou as terminações do os *sacrum* são motivos igualmente insuficientes para se abandonar um ser sensível ao mesmo destino. O que mais deveria traçar a linha insuperável? A faculdade de razão, ou, talvez, a capacidade de falar? Mas, para lá de toda a comparação possível, um cavalo ou um cão adulto são muito mais racionais, além de mais sociáveis, do que um bebê de um dia, uma semana, ou até mesmo um mês. Imaginemos, porém, que as coisas não fossem assim; que importância teria tal fato? A questão não é saber se são capazes de raciocinar, ou se conseguem falar, mas sim se são passíveis de sofrimento. (BENTHAM, Jeremy, cap. 18 apud SINGER, 2002, p. 66-67)

Singer instaura os debates éticos para com os animais, mas junto de sua teoria surgem algumas polêmicas quanto ao emprego de seus argumentos utilitaristas, que não excluem certas práticas de utilização dos animais sob a condição de que seja levado em conta seu bem-estar, abrindo esferas para o uso dos animais, desde que tratados de forma ética.

Gary L. Francione, professor de direito e filósofo da teoria dos direitos animais, traz uma visão diferente de Singer, que é classificado por ele como neo-bem-estarista, ou seja, a questão moral de Singer não está no uso em si dos animais e sim no tratamento, no grau de bem-estar que damos a eles durante este uso:

NÓS TEMOS DUAS ESCOLHAS – e apenas duas – quando se trata do estatuto moral dos animais.

Nós podemos continuar a permitir a inflicção de sofrimento aos animais por, virtualmente, qualquer propósito que provenha algum benefício para nós, incluindo propósitos completamente desnecessários. Se decidirmos por essa opção, então devemos ao menos admitir que nossa afirmação de que animais possuem interesses moralmente relevantes é uma enganação e que, de fato, reconhecemos apenas o seu valor como coisas, enquanto meios para os nossos fins.

Ou nós podemos sustentar que animais possuem interesses moralmente relevantes em não serem sujeitos a sofrimento desnecessário. Essa opção requer que repensemos o estatuto moral dos animais e forneçamos algum conteúdo significativo ao princípio do tratamento humanitário que afirmamos aceitar. [...] Nós devemos justificar a necessidade de infligir qualquer sofrimento aos animais. (FRANCIONE, 2000, p. 81 apud TRINDADE, 2013, p. 79)

Francione¹⁰ assume uma postura abolicionista, para ele não existe nenhuma justificativa moral em utilizarmos os animais não humanos, e busca em sua teoria a abolição de todo uso e propriedade dos animais não humanos pelos animais humanos:

Francione desenvolveu uma proposta ético-filosófica nomeada Abordagem Abolicionista dos Direitos Animais, cujo intuito é a inserção de todos os animais não-humanos sencientes à comunidade moral. O trabalho de Francione, em sua totalidade, concentra-se em quatro questões, as quais, em maior ou menor grau, acabam conectando-se umas às outras: (A) o estatuto de propriedade dos animais e suas implicações para as relações morais entre humanos e não-humanos; (B) a formulação de uma teoria moral baseada apenas na senciência e não em outras características ou habilidades cognitivo-psicológicas específicas; (C) as diferenças entre a teoria dos direitos animais e as perspectivas (neo-) bem-estaristas; (D) o desenvolvimento e fomento de uma educação vegana abolicionista não violenta criativa. (TRINDADE, 2013, p. 19)

Abolicionistas x Neo-Bem-Estaristas: Uma mudança imediata; a abolição do uso e propriedade sobre a vida dos animais não humanos ou ações de curto prazo que assegurem o bem-estar deles? O fato é que as duas teorias formam bases para uma nova visão, uma nova maneira de perceber e se relacionar com os animais não humanos; se o início desta mudança coletiva se basear primeiramente em uma visão neo-bem-estarista dos animais, um grande passo foi traçado em prol de suas vidas, porém espero que os pensamentos que virão a partir desta mudança inicial sigam questionando suas próprias crenças e trilhando novas concepções rumo a um direito efetivo à vida dos animais não humanos, uma abolição total de preconceitos intelectuais e emocionais que, penso, só serão rompidos quando o animal humano se colocar verdadeiramente no lugar do outro, e como disse a personagem Elizabeth Costello, no livro de Coetzee *A vida dos Animais*:

Quem diz que a vida importa menos para os animais do que para nós nunca segurou nas mãos de um animal que luta pela vida. O ser inteiro do animal se lança nessa luta, sem nenhuma reserva (COETZEE, 2002, p. 78)

¹⁰ Sobre a Teoria Abolicionista de Gary L. Francione ver seu website (FRANCIONE, 2013) ou a versão traduzida por Regina Rheda e autorizada pelo mesmo (FRANCIONE, 2012).

3.2 Ética e Poética no “uso” e representação de animais não humanos na arte

Será que a arte e a cultura visual contribuem para uma visão antropocêntrica dos animais não humanos? Ou, pelo contrário, nos permitem uma ligação, um exercício de alteridade efetivo para com os animais não humanos? São inúmeras as representações dos animais na história da arte, cada uma delas acompanha a visão e pensamento da época sobre o mesmo:

Apesar de o animal ter estado presente em distintas manifestações artísticas, literárias e filosóficas desde tempos longínquos, nossa relação com a animalidade ainda nos aparece atravessadas por não raras lacunas. No entanto, esperançosos vislumbramos no estudo dos animais, quem sabe, uma porta aberta para o efetivo exercício da alteridade absoluta, para o efetivo exercício de nos sentirmos radicalmente no outro. (GUIDA, 2011, p. 14)

Muitos são os signos que acompanham a representação dos animais nas artes visuais. Uma representação comum dos animais não humanos na arte é a utilização da imagem do mesmo como uma metáfora para expor os problemas ligados à humanidade. Esta citação fala sobre a representação dos animais na literatura, mas cabe muito bem para as artes visuais:

O animal não humano se dá tão só como uma ferramenta para revelar ao mundo os vícios e atitudes pouco nobres do animal humano. Assim, de todas as formas de representação da animalidade nos textos literários, uma nos parece mais recorrente: o animal como metáfora do humano, quer pela via da antropomorfização quer pela via da zoomorfização [...] (GUIDA, 2011, p. 2).

São muitos os artistas que antropomorfizam os animais não humanos denotando a eles características humanas. Em outros casos zoomorfizam os animais humanos, denotando a eles características não humanas. A artista contemporânea Nara Amélia¹¹ é um exemplo diferente da utilização de uma metáfora visual pelo uso da antropomorfização e da zoomorfização; ela cria uma narrativa satírica em seu trabalho poético, que brinca com a gravura em metal. Animais humanos e não humanos estão presentes em seus trabalhos, criando um território de fábulas que expõem sentimentos humanos, mas que também expõem nuances sutis sobre a relação entre animais humanos e não humanos.

¹¹ Para conhecer o trabalho da artista Nara Amélia acessar seu portfólio virtual (NARA AMÉLIA, 2011)



Fig. 5: Nara Amélia: das grosse leid der natur, da série O grande sofrimento da natureza. Gravura em metal - água-forte e aquarela. 34x44 cm. 2010
Fonte: Nara Amélia, 2011



Fig. 6: Nara Amélia: stummheit, da série O grande sofrimento da natureza. Gravura em metal - água-forte e aquarela. 30x30 cm. 2010
Fonte: Nara Amélia, 2011

Porém inúmeros são os artistas que resolvem, ao invés de representar os animais não humanos em suas obras, adotar o uso real dos mesmos, seja para discutir vida, morte, tempo, efemeridade, direitos e até mesmo nossa relação com os animais não humanos. Este “uso” dos animais na arte se coloca sobre uma linha tênue entre a arte e a ética, ou melhor, sobre a ética na arte, e discute uma questão de extrema importância: estariam a arte e os processos de criação acima da ética?

Em 2007 o artista costa-riquenho Guillermo Vargas Jiménez, também conhecido por Habacuc¹², ultrapassou os limites entre arte e ética, quando expôs um cão vivo, amarrado com uma corda em seu pescoço, dentro de uma galeria na Nicarágua.

[...] Habacuc chocou a sociedade com a sua Exposición N° 1, realizada na Nicarágua em 2007. Ao som do hino sandinista, tocado ao contrário, os visitantes liam, à entrada da exposição, a frase “eres lo que lees” escrita com comida para cão. Seguidamente, os visitantes eram surpreendidos por um cão que teria sido capturado nas ruas de Manágua e preso num canto da galeria. Segundo o artista, esta obra homenageava Natividad Canda, um nicaraguense morto devido a um ataque feito por dois cães rottweiler. Justificou, desta maneira, a captura de um animal indefeso e doente, que também recebeu o nome de Natividad e não recebeu auxílio veterinário, não foi alimentado e, apesar dos pedidos de vários frequentadores da exposição para que fosse solto, permaneceu amarrado até morrer de fome diante dos olhares dos espectadores. (COSTA, 2013, p. 3)

¹² Para saber mais acessar o blog do artista (VARGAS JIMÉNEZ, 2013)

O caso teve repercussão mundial, mas até hoje não se sabe ao certo o fim do animal, uns dizem que o animal morreu de inanição, outros que fugiu durante a exposição. A verdade é que os visitantes da exposição em nenhum momento interviram para salvar o animal daquele sofrimento. Agora pergunto: se faz necessária a utilização de uma vida que sente e sofre para problematizar questões sociais e políticas? Teve esta vida a possibilidade de escolher fazer parte desta obra?

Ana Mae Barbosa, professora aposentada da USP e uma das mais respeitadas arte-educadoras do país, considera que “Exposición nº 1”:

“[...] extrapola os limites da ética no sentido de que mantém um ser vivo propositadamente preso, à beira da inanição. O objetivo é extremamente político. Não tenho nada contra a relação da arte com a política nem contra usar a arte para protestar politicamente, mas, na minha opinião, o artista incorreu em um erro”.

Diana Domingues, artista, pesquisadora e professora da Universidade de Caxias do Sul (RS), especializada em arte contemporânea, concorda com Ana Mae Barbosa afirmando que: “Em qualquer campo da atividade humana deve haver respeito à ética. A própria arte cobra esse respeito” (SOUSA; TINOCO, 2013, p. 109)

Além de cobrar esse respeito, a arte nos cobra enquanto artistas que exploremos suas potencialidades, a fim de encontrar inúmeras outras formas poéticas e criativas de explorar estas questões. Se um artista resolve mutilar seu corpo ou o de outro animal humano em nome da arte e ambos estão conscientes do processo e o aceitam, escolhem fazer parte daquela obra, não vejo implicações éticas. Porém, quando o ser vivo não tem possibilidade de escolher estar ou não participando de uma obra de arte que possa lhe causar dor, desconforto e outros males, existe um motivo artístico para tal escolha? Penso que em nenhum momento se trata de uma escolha artística e que ultrapassa qualquer limite ético entre a arte e a vida de outros seres vivos.

Para continuar a problemática entre arte e os limites éticos escolhi dois artistas com visões opostas sobre os animais não humanos e que utilizam seus corpos sem vida em suas obras, são eles Damien Hirst e Angela Singer.

Damien Hirst é um artista contemporâneo controverso, transgressivo, apelativo e é hoje um dos artistas mais ricos do mundo. Suas obras tratam de questões

ligadas à condição humana tais como vida e morte, e para isso utiliza em vários trabalhos corpos de animais não humanos mortos. Na maioria destes trabalhos trata a morte com um tom de sátira, cinismo e muitas vezes com uma perversão cruel. A cabeça ensanguentada de uma vaca dentro de uma cabine de vidro, um tubarão branco flutuando dentro de um tanque de formol, animais cortados ao meio e alimentos cobertos por borboletas vivas fazem parte de seu portfólio:

Também a peça que deu o Turner Prize a Damien Hirst é composta por animais mortos. *Mother and Child (Divided)* [Anexo 3] consiste em duas vacas – mãe e filha – divididas ao meio. Cada uma das metades da mãe e da filha está conservada dentro de 8 vitrinas com formaldeído e o público pode passear entre elas, confrontado com os órgãos internos dos dois animais. A experiência pode ser mais ou menos horripilante conforme a sensibilidade de cada um de nós. A nossa tendência *voyeurista* pode incentivar-nos a espreitar as entranhas destas vacas.

Hirst tem também uma coleção de ovelhas mortas com pescoços partidos e cabeças suspensas, chamada *In Nomine Patris (In the Name of Father)* [Anexo 4], fazendo lembrar uma chacina e pode, em certa medida, ser considerada uma variação da pintura de Bacon que já aqui referimos. Mais uma vez, estamos perante uma imagem de profundo horror. Mais do que uma morte, estamos perante várias mortes, no mesmo local, cuja causa só poderia ser algum ato de profunda desumanização. (COSTA, 2013, p. 7-8)



Fig. 7: Damien Hirst: Mãe e Filho. 2007. Vidro, aço inoxidável, perspex, tinta acrílica, vaca, vitela e solução de formaldeído. Escultura. Coleção Tate – Fonte: Hirst, 2007

Em grande parte de suas obras parece que a verdadeira questão é provocar reações violentas do público, para que gere uma grande repercussão do seu

trabalho na mídia. Mas o que será que faz as obras de Hirst serem tão aclamadas, o que fez desta forma de provocação em arte ser tão lucrativa?

A utilização de animais mortos em objectos artísticos não só horroriza o espectador, como, simultaneamente, o fascina, gerando tanto um olhar de compaixão pelo animal como um prazer sádico de fascinação com a imagem que ali se apresenta, uma curiosidade mórbida. Estes animais mortos, desmembrados, cuidadosamente expostos provocam uma “animalização do humano”. O objecto e o horripilante dissolvem-se no sublime e no prazeroso, provocando sensações contrastantes que desafiam o nosso pensamento ético.

Damien Hirst usufrui desta abjecção: aproveita imagens de horror, de dor, de sofrimento, estas mesmas referidas por Kristeva, para conquistar reconhecimento artístico. Assim, através do objecto, Damien Hirst fascina-nos, choca-nos e horroriza-nos; gera sensações confusamente contrastantes, na ultrapassagem de barreiras que por hábito rejeitamos ultrapassar. (COSTA, 2013, p. 6)

Hirst coloca o espectador entre sensações dúbias de prazer sádico e de horror ao ver um animal não humano morto, mas por qual motivo? Será mesmo que este tipo de obra busca discutir questões ente vida e morte, ou somente quer chocar e chamar a atenção do espectador, sem nada a discutir? Damien Hirst se utiliza de corpos de animais mortos para causar uma sensação estética vazia, uma estética sem nenhuma preocupação ética:

Segundo Tom Regan, filósofo norte-americano especializado na teoria dos direitos dos animais, os direitos éticos têm apenas como função evitar que os outros sejam prejudicados. Logo, privar as outras espécies de ter esses direitos será um “especismo”, comparável à desvalorização das outras raças pelos racistas ou à discriminação de outros gêneros pelo sexista. Os animais sentem dor e essa é uma evidência suficiente para que se deva ter consideração moral e respeito por eles. Defender o comportamento deliberadamente discriminatório de Hirst seria semelhante a incentivar a injustificável discriminação dos animais e o “especismo”, uma vez que Hirst instrumentaliza por completo as espécies, age como um “especista”, usando os animais como um meio para um fim, desrespeitando-os. (COSTA, 2013, p. 9)

Para Bourriaud (2009, p. 33), “Quando um artista nos mostra alguma coisa, ele expõe uma ética transitiva que situa sua obra entre o ‘olhe-me’ e o ‘olhe isso’.” Parece que o objetivo de Damien Hirst não se situa entre o olhe-me e o olhe isso e sim simplesmente em olhem para mim. O respeito à vida dos animais não humanos nada significam em uma “arte” onde o principal objetivo é chamar a atenção de um público que possa pagar os desejos de um artista sem nenhuma ética para com a vida.



Fig. 8: Damien Hirst: The Physical Impossibility of Death in the Mind of Someone Living, 1991. Vidro, aço, silicone, formaldeído e tubarão. Escultura
Fonte: Hirst, 2007

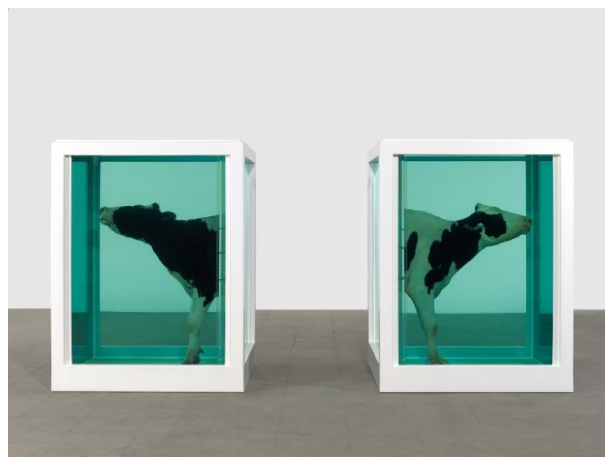


Fig. 9: Damien Hirst: Paradoxo do Amor (se renda ou Autonomia, Separação, como condição prévia para a conexão). 2007. Vidro, aço, acrílico, vacas e solução de formaldeído. Escultura
Fonte: Hirst, 2007

Esteticamente o trabalho pode até ser interessante, mas e eticamente? Que experiência estética este tipo de trabalho causa no espectador? E que conceito é transmitido? Tem o artista o direito de utilizar os animais não humanos para satisfazer seus ímpetos de criação? Quais as implicações éticas deste uso dos animais? Como estes corpos são adquiridos? Como este animal morreu e por quê? Será que sua morte foi unicamente para seu corpo ser utilizado dentro de uma obra de arte? Estas perguntas tomam conta de minha mente ao observar obras sem um cuidado ético-estético, realizadas por artistas que se acham acima de qualquer ética.

Vimos no capítulo anterior que a arte tem a capacidade de agenciar uma comunicação entre obra e espectador e instaurar uma mudança no campo subjetivo do sujeito que se dá a esta experiência; a partir destes conceitos volto a imergir em perguntas. Que comunicação e que agenciamento subjetivo uma obra que se situa acima da ética instaura no sujeito?

Angela Singer¹³ é uma artista inglesa, atualmente residente na Nova Zelândia. Ela é o que podemos chamar de artista ativista, pois utiliza seu trabalho para discutir os direitos dos animais. Faz do uso de corpos de animais mortos em seus trabalhos

¹³ Sobre Angela Singer ver livro - Baker, 2013, p. 165-179. E Website da artista Singer, 2013.

como um debate para nossas relações com os animais não humanos, desafiando-nos a percebê-los com outros olhos.



Fig. 10: Angela Singer: Catch/Caught 2007
Fonte: Singer, 2013



Fig. 11: Angela Singer: Fell 2007
Fonte: Singer, 2013

Estes corpos de animais dos quais Singer se utiliza em seu trabalho passaram pelo processo de taxidermia, são troféus de caça que foram descartados como lixo, ela recria estes corpos, misturando, fundindo-os em adereços que escondem e reparam a violação que houve em seus corpos e em outros momentos, abrindo as feridas causadas pelo animal humano, como que em uma denúncia estética. Em nenhum momento utiliza animais vivos ou que foram mortos para serem utilizados em seus trabalhos, tendo assim uma postura ética para com a vida dos animais.



Fig. 12: Angela Singer: Hedge Row, 2010
Fonte: Singer, 2013



Fig. 13: Angela Singer: Love Bird, 2006
Fonte: Singer, 2013

Outros artistas, tal como Angela Singer, incidem um olhar ético-estético sobre os animais, colocando em suas representações questões estéticas, simbólicas e sociais sobre como estes seres compartilham o mesmo mundo social que o nosso, abrindo caminho para novas formas de se pensar os animais na arte e não somente como símbolos ou metáforas para questões humanas. Dentre estes artistas escolhi quatro que trazem diferentes visões sobre os animais não humanos, são eles: Britta Jaschinski, Lucian Freud, Olly and Suzi. Apresentarei algumas considerações sobre o trabalho de cada artista, pertinentes ao estudo em questão, porém o objetivo não é aprofundar uma análise crítica sobre os artistas e suas obras.

A fotógrafa Britta Jaschinsk¹⁴ utiliza de suas fotos para denunciar a realidade de animais que são retirados de seu habitat natural e colocados em zoológicos e circos. O tom escuro e nebuloso de suas fotografias cria um cenário frio, onde o foco principal é sensação de tristeza e abuso transmitida pelos animais retratados, nos fazendo refletir sobre a condição de sua existência.

¹⁴ Sobre Britta Jaschinsk ver Jaschinsk, 2013 ou Baker, 2013, p. 157-165.



Fig. 14: Britta Jaschinski: Made in China, fotografia
Fonte: Jaschinsk, 2013

Fig. 17: Britta Jaschinski: Zoo, fotografia
Fonte: Jaschinsk, 2013

Fig. 15: Britta Jaschinski: Zoo, fotografia
Fonte: Jaschinsk, 2013

Fig. 18: Britta Jaschinski: Zoo, fotografia
Fonte: Jaschinsk, 2013

Fig. 16: Britta Jaschinski: Made in China, fotografia
Fonte: Jaschinsk, 2013

Fig. 19: Britta Jaschinski: Zoo, fotografia
Fonte: Jaschinsk, 2013

Mesmo os animais não sendo o foco da obra do pintor Lucian Freud¹⁵, ele os retrata em algumas pinturas da mesma maneira que retrata os humanos, expondo a pele e pelo nus em toda sua corporeidade. São retratos de extrema intersubjetividade, nos chamando a compartilhar o que existe dentro e entre estes seres. Entramos na

¹⁵ Sobre Lucian Freud acesse The Athenaeum, 2013; Encyclopedia Britannica, 2013; Domenic Guerrini, 2013; Tate, 2013.

intimidade da relação entre homens e animais que não se colocam distantes e sim compartilham de um mesmo espaço, uma mesma condição de seres vivos, despidos dos preconceitos que acompanham nossa existência fora daqueles espaços.

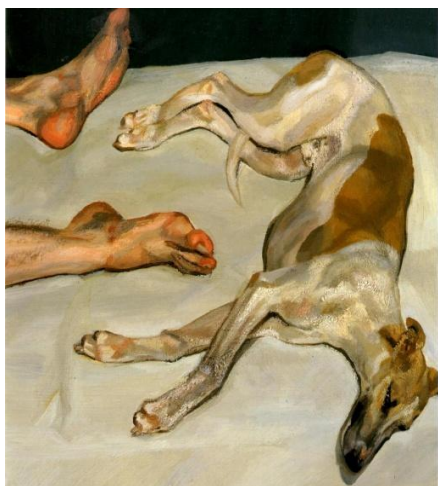


Fig. 20: Lucian Freud. Eli. 2002. Óleo sobre tela
Fonte: Wikipaintings, 2013e

Fig. 22: Lucian Freud. Girl with a White dog. 1951.
Óleo sobre tela
Fonte: Wikipaintings, 2013e

Fig. 21: Lucian Freud. Double Portrait, 1985-1986 óleo sobre tela
Fonte: Wikipaintings, 2013e

Fig. 23: Lucian Freud. Eli and David. 2005-2006.
Óleo sobre tela
Fonte: Wikipaintings, 2013e

Os artistas Olly Williams e Suzi Winstanley são conhecidos no campo da arte como Olly e Suzi, e juntos transformam o fazer artístico em uma experiência, um processo contínuo de interação com a natureza. Seu trabalho parte da colaboração, juntos pintam a mesma pintura, ao mesmo tempo, mas a interação não se dá somente entre os artistas, mas também com o modelo que os espreita e muitas vezes interfere na obra.



Fig. 24: Olly and Suzi. Matata. Silver Gelatin print
Namibia. 1997
Fonte: Olly Suzi, 2013.



Fig. 25: Olly and Suzi. Shark Bite. C-Type
photograph mounted on aluminium with perspex
South Africa. 1997
Fonte: Olly Suzi, 2013

Esse processo de criação nasce e se desenvolve durante expedições a ambientes naturais em seu estado mais selvagem e primitivo, nestes locais se dá uma estreita relação com os animais, ícones de suas pinturas e desenhos, são eles participantes ativos na concepção da obra. Em seu website¹⁶ Olly e Suzy citam que a natureza é seu estúdio. Interação e liberdade fazem parte deste processo artístico em que o animal não humano é visto como ele é, os artistas não representam os animais não humanos fazendo parte do mundo dos animais humanos e sim os animais humanos compartilhando do mundo dos animais não humanos.

¹⁶ Sobre Olly e Suze ver Olly Suzi, 2013 ou BAKER, 2013, p. 20-37



Fig. 26: Olly and Suzi. Cheetahs. C-Type photograph mounted on aluminium with perspex Namibia. 1998
Fonte: Olly Suzi, 2013

Fig. 27: Olly and Suzi. Laplandraven. Tinta da china, acrílica, aquarela e cristais de gelo em papel. Arctic Lapland. 2008
Fonte: Olly Suzi, 2013

Fig. 28: Olly and Suzi. Laplandgrizzly. sepi and ice crystals on paper, Arctic lapland. 2008
Fonte: Olly Suzi, 2013

Fig. 29: Olly and Suzi. Stingrays. C-Type photograph mounted on aluminium with perspex Cayman. Escultura. 1998
Fonte: Olly Suzi, 2013

Refletindo sobre as obras da dupla Olly e Suzi uma citação de Dewey (2010, p. 94) me vem à cabeça: “A concepção do homem como o ser que usa a arte tornou-se, ao mesmo tempo, a base da distinção entre o homem e o resto da natureza, bem como do vínculo que o liga à natureza.”. Não podemos negar que a arte é uma via de comunicação entre os animais humanos, a arte pode sim possibilitar uma reflexão sobre nosso lugar na natureza e nossa relação com os animais não humanos, a arte pode desterritorializar preconceitos intelectuais e emocionais e reinstaurar de forma criativa nosso vínculo com os animais não humanos. Bourriaud fala que “A arte contemporânea realmente desenvolve um projeto político quando se empenha em investir e problematizar a esfera das relações” (BOURRIAUD, 2009, p. 23). Não podemos pensar a arte como uma esfera separada da vida, separada da ética e não podemos pensar arte sem pensar no encontro com o outro:

Emmanuel Lévinas, para quem o rosto é o signo da proibição ética. O rosto, afirma ele, é “o que me ordena servir a outrem”, “o que nos proíbe de matar”. Toda ‘relação intersubjetiva’ passa pela forma do rosto, que simboliza a responsabilidade que nos cabe em relação ao outro: “o vínculo com o outro só se dá com responsabilidade”, escreve Levinas. (BOURRIAUD, 2009, p. 31-32)

Já para Daney: “[...] ‘toda forma é um rosto que me olha’ porque ela me chama para dialogar [...]” (BOURRIAUD, 2009, p. 33), Se a arte é um rosto que nos chama a dialogar, os artistas devem ter o cuidado ético-estético sobre qual vínculo e conceito querem estabelecer com o outro, pois penso que na arte “Não há limites para a imaginação simpatizante” (COETZEE, 2002, p. 43). Se enquanto ser humano “[...] sou capaz de pensar a existência de um ser que nunca existiu, sou capaz de pensar a existência de um morcego ou de um chimpanzé ou de uma ostra, de qualquer ser que participe comigo do substrato da vida” (COETZEE, 2002, p. 43). A arte amplia as possibilidades de pensarmos a existência de outros seres vivos e dentro disso nossa própria existência.

4 SOMOS TODOS ANIMAIS: UMA TRANSFORMAÇÃO POSSÍVEL DENTRO DO ENSINO DA ARTE

Neste estudo a arte tem um papel fundamental para a mudança de padrões e comportamentos na nossa sociedade, pois ela nos coloca em uma relação singular com o mundo, nos faz perceber além de nós mesmos, nos chama a ver o outro sob olhares e facetas que nunca imaginávamos, nos convidando a repensarmos essa relação sem nos impor uma única verdade. Seu ensino, quando assume um papel transformador, se faz um forte propositor de mudanças subjetivas no aluno, propondo ao mesmo tempo repensar e modificar maneiras de ser e agir, possibilitando mudanças nas estruturas de construção do sujeito individual e social. Sendo assim, o ensino da arte contribui para o aluno recriar práticas e visões de mundo:

Em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais atuam como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas. Experiências que permitam aos estudantes, como aponta Nancy Pauly (2003), terem a compreensão de como as imagens influem em seus pensamentos, em suas ações e sentimentos, bem como a refletir sobre suas identidades e contextos sócio-históricos. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 25).

É preciso facilitar as experiências reflexivas críticas como propõe Hernández, dar suporte para os alunos fazerem suas próprias escolhas de novos modos de ser, ver e agir; sem isso a transformação proposta neste trabalho não será possível, pois como disse antes ela deve ser construída por cada indivíduo em sua subjetividade, sem ser imposta.

Pensando nestas questões é que o projeto de aprendizagem foi criado, problematizando o ensino da arte como um território de transformações, uma potência de subjetivação, onde os alunos puderam questionar, repensar e resignificar, a partir de uma posição ética, empática, afetiva, crítica e criativa sua relação com os animais não humanos, através da experiência em arte.

Neste processo os alunos puderam perceber como são construídas as diferenças/semelhanças entre animais humanos e não humanos, visando com isso contribuir para que possam perceber seu pertencimento à espécie animal,

compreendendo assim a interdependência entre os seres vivos e a necessidade de respeito às diferentes formas de vida.

Dentro deste projeto também foi trabalhado como a arte se insere na vida dos alunos, e como ela não está somente ligada à criação, imaginação, percepção e fazer, mas também a uma pesquisa, uma investigação sobre o tema, assunto e sentimento sobre o que se quer trabalhar, buscando a compreensão do aluno de que ela está ligada à vida e pode mudar nossas relações pessoais, sociais e ambientais.

Mas como desconstruir a ideia que os alunos têm dos animais não humanos, como legitimar o outro, como trabalhar esta igualdade animal? “As diferenças existem entre qualquer ser vivente e isso independe da espécie a que ele venha a pertencer. A questão é como abrir-se às diferenças, à alteridade, ao completo outro [...]” (GUIDA, 2011, p. 6). Usando as palavras de Angela Maria Guida citadas acima questiono: como abrir-se às diferenças, se não pelo exercício maior de alteridade, pela legitimação do outro? E para esta aceitação acontecer precisamos nos sentir no outro. Como já vimos a arte nos convida a olharmos o outro e refletirmos sobre esta relação, a pensarmos outras formas de existir, ser e agir.

4.1 Identidade animal: ética, alteridade, afetividade e empatia para com os animais não humanos no ensido da arte

Após as teorias de Darwin, da Declaração sobre a Consciência de Cambridge e as mudanças na visão ética para com os animais não humanos, não podemos mais negar nossa ligação, nossas semelhanças. Mas o que ainda nos separa desta identidade animal?

É possível dizer que o que separa o ser humano do animal é uma película tênue tecida na trama cultural. Mas o que é ser um animal e ser humano na sociedade? Como fala Jacques Derrida (1930 – 2004) em seu livro *o Animal que logo sou*, em síntese, humano é uma identidade que subordina aquele que aos olhos dele se torna, de imediato, um animal. Humano é a primeira identidade que afasta o homem de sua natureza animal. O faz esquecer que é um ente da natureza comum. O humano pode ser pensado como capital ao mesmo tempo em que a alma é capitalizada e, talvez, capturada pelo desejo de poder. Nessa relação que institui que é humano e quem é animal sem se dar conta que o humano é um animal tão semelhante ao animal que o olha, o humano se define soberano. Como

dizia Jacques Derrida (1930 – 2004) nessa cena primitiva de um teatro insensato, aquele que é chamado de animal se torna completamente o outro ao meu olhar. (GARCIA, 2013, p. 15)

Se o que nos separa de uma identidade animal é uma película tênue tecida na trama cultural, como coloca Garcia, quer dizer que essa separação é socialmente construída; sendo assim, podemos pensar em uma desconstrução desta identidade que subjuga e afasta o outro, que é um igual, mas vive na diferença:

A identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais. (SILVA; HALL; WOODWARD, 2008, p. 76)

Podemos com a educação produzir novos contextos de relações culturais e sociais que busquem novas identidades. Somos constituídos de muitas identidades que nos formam em relação às diferenças que nos rodeiam. Pensar em uma identidade primária à identidade humana, que envolva na legitimidade todas as espécies animais, seus gêneros, raças e etnias, é pensar uma nova visão social, onde todas as diferenças estão ligadas em uma igualdade que não busca uma homogenia, mas respeito à heterogenia existente. Trata-se de buscar uma identidade que não subordina, exclui ou inferioriza os que são diferentes a seus olhos, pois todos seriam diferentes e iguais dentro desta diferença.

Animais humanos e não humanos, o pressuposto de uma igualdade dentro da diferença. Antes mesmo de nossas raças, etnias e gêneros, temos algo que nos liga humanos a humanos, animais a animais e humanos a animais, uma igualdade onde todas as diferenças são aceitas e legitimadas, uma “heterogenia¹⁷” dentro de uma identidade, nosso elo de ligação, nossa conexão: somos todos animais.

Pensar em uma identidade animal dentro do ensino da arte é buscar através de “devires¹⁸ e territórios existenciais¹⁹” uma pedagogia visual, ética, afetiva, empática, estética, poética e micropolítica que envolva novas formas de relação, novas formas de subjetivação: “A representação inclui as práticas de significação e

¹⁷ GUATTARI, 2012.

¹⁸ DELEUZE; GUATTARI, 1997.

¹⁹ GUATTARI, 2012.

os sistemas simbólicos por meio das quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2008, p. 17). E como já visto a arte é um grande campo de representações simbólicas, reais e sociais, onde os alunos podem repensar sua subjetividade e identidade.

O fazer, a experiência estética, a contextualização crítica da arte agenciam novas formas de respeito e alteridade no aluno, esta identidade heterogênea inicia-se no campo micro com uma mudança interna de aceitação da diferença, pois viver na igualdade animal é viver no respeito às diferenças que nos unem enquanto seres vivos, o que nos levaria a uma atuação macro.

Este pensamento ético-estético não se concretizara como uma imposição, mas como, uma reflexão interna de pertencimento, de alteridade, empatia, afeto, respeito e amorosidade²⁰ e interdependência entre todas as formas de vida.

Além de explorar as possibilidades da arte, este trabalho também visa proporcionar ao aluno que repense sua subjetividade, mostrando que dentro da diferença entre espécies há um agente de ligação, o pertencimento a esta *identidade animal*, que será construída de forma diferente em cada aluno – cada um dentro de suas possibilidades irá entender à necessidade de respeitarmos todas as formas de vida.

4.2 A aplicação do projeto de aprendizagem *Somos todos animais*

A proposta pedagógica que será apresentada nesta seção foi pensada a partir dos pressupostos teóricos apresentados nos dois capítulos anteriores, sendo assim um campo para a aplicação das questões apresentadas anteriormente e para a obtenção de respostas, reflexões e observações sobre este estudo. Não é o objetivo deste capítulo detalhar todas as aulas realizadas com as duas turmas. Apresentarei uma síntese do caminho percorrido com os alunos, reflexões e observações, apesar da dificuldade em resumir questões pertinentes a este estudo, devido à

²⁰ MATURANA, 1998.

complexidade do tema e das questões iniciais apontadas. O projeto de aprendizagem completo se encontra no apêndice deste trabalho.

Conforme apresentado na introdução deste estudo, o projeto de aprendizagem *Somos todos Animais*, foi aplicado com duas turmas de escolas, distintas, da rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul. Uma turma se encontra no 1º ano do ensino fundamental inicial, e a outra turma no 1º ano do ensino médio. Como já explicado anteriormente por ter fechado a carga horária obrigatória para a conclusão do estágio com a turma do ensino fundamental, escolhi uma turma de ensino médio, da qual já era professora, para ter duas visões da aplicação deste estudo.

Para pensar as questões trabalhadas no projeto de aprendizagem a turma de 1º ano do ensino fundamental foi observadas durante o estágio I e a turma de 1º ano do ensino médio durante as nossas aulas e de outros professores que pude observar. Nestas observação procurei saber da da realidade escolar, da comunidade e sondagem da turma. Ao final deste processo já sabia que desenvolveria o tema sobre a relação que temos com os animais não humanos, por isso foquei em perceber as necessidades básicas de cada turma no ensino da arte, suas vontades e dificuldades.

Sendo assim, cada aula deste projeto foi pensada a partir desta observação, levando sempre em conta as necessidades e dificuldades de cada turma e aluno, para dentro disso poder trabalhar as questões ligadas ao ensino da arte como um território de transformações subjetivas das relações que os alunos mantêm com os animais não humanos. Mesmo com um tema bem específico nunca perdi de vista as necessidades da turma e dos alunos, a fim de tornar as aulas um espaço onde os mesmos desenvolvessem saberes básicos em arte, sua relação com os animais não humanos, mas também participassem ativamente das propostas e se engajassem no processo, para com isso as aulas terem significado para cada aluno e que cada aluno construísse para si a visão dos animais não humanos após as questões desenvolvidas e explorassem seu fazer artístico.

Cada turma teve uma abordagem diferente sobre a relação que os alunos partilham com os animais não humanos. Com o ensino fundamental busquei trabalhar as questões da arte como um território de transformação, em que os alunos repensaram e resignificaram sua relação com os animais não humanos, a partir de uma posição afetiva e empática, buscando propostas em que os alunos pudessem se colocar no lugar deste outro animal e por ele sentissem uma ligação, para que com isso construíssem um pertencimento à espécie animal. No ensino médio o enfoque foram as questões éticas e críticas de como é construída essa relação de diferença/semelhança com os animais não humanos dentro da sociedade, da arte e da cultura visual, mas também não foi deixado de lado as questões afetivas e empáticas desta relação, para com isso os alunos construíssem sua própria visão dos animais não humanos, a partir de pressupostos éticos.

Por esta diferença de abordagem irei apresentar o trabalho desenvolvido com cada turma em seções diferentes.

4.2.1 Ensino Fundamental

A escola onde o projeto de aprendizagem com a turma de 1º ano do ensino fundamental foi desenvolvido se localiza no Bairro Partenon da cidade de Porto Alegre. A grande maioria dos alunos reside no entorno da escola e são provenientes de comunidades carentes. Um dos fatores para a escolha desta escola foi o fato de eu já ter sido professora de artes da escola e conhecer a realidade local e suas necessidades, mas também porque a escola já conhecia meu trabalho e aceitaria uma estagiária de artes e não de pedagogia para assumir uma turma de 1º ano do ensino fundamental.

Para a escolha de uma turma de 1º ano foram dois os motivos principais. O primeiro foi o fato de ser para mim enquanto professora um desafio, pois nunca lecionei para esta série, me colocando realmente no papel de estagiária. O segundo foi o fato de a turma estar iniciando seus questionamentos sobre o outro e sobre sua posição no grupo, sendo importante trabalhar as questões de respeito e alteridade para com os animais não humanos dentro destas primeiras reflexões que os alunos

irão estabelecer, para que eles levem consigo este pertencimento e respeito durante seu crescimento.

A turma é formada por 9 alunos entre 6 e 12 anos, em diferentes graus de aprendizagem, sendo que 3 deles apresentam síndrome de Down. É uma turma heterogênea, mas que se completa e se ajuda dentro de suas diferenças. A professora regular dos alunos aceitou muito bem a proposta de aprendizagem; ela relatou que acha a arte um saber de extrema importância na vida dos alunos das séries iniciais, abrindo assim o espaço para as aulas de artes, que não são obrigatórias na rede estadual para esta série, disponibilizando materiais, toda a ajuda necessária, sempre estimulando os alunos e valorizando suas criações.

Como dito anteriormente, durante o estágio I foram percebidas algumas questões que foram levadas em conta para montar as aulas do projeto de aprendizagem e outras sugeridas pela professora regular: as crianças ainda não conseguiam identificar as cores, tinham dificuldades em usar a tesoura e cola, não faziam uso de tinta, não conheciam obras de arte nem diferenciavam suas diferentes linguagens e não tinham feito ainda trabalhos tridimensionais.

A primeira proposta de aula, *Vamos brincar de misturar?*, proporcionou aos alunos seu primeiro contato com artistas que representassem animais, imagens da cultura visual dos mesmos e também obras que representassem a figura humana. Após mostrar as imagens para os alunos, que ficaram fascinados com as pinturas, pedi que os mesmos escolhessem as imagens de que mais gostaram e, através de recorte e colagem, criassem novas “pessoas” e “animais” misturando as partes recortadas.

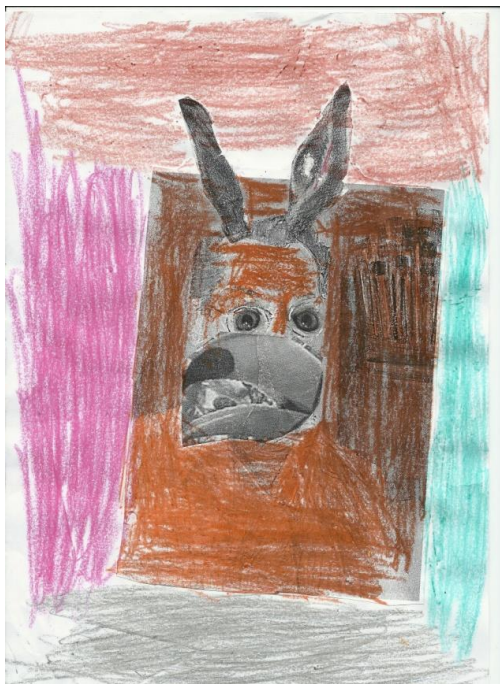


Fig. 30: Trabalho de aluno, *Vamos brincar de misturar?* (1º ensino fundamental)



Fig. 31: Trabalho de aluno, *Vamos brincar de misturar?* (1º ensino fundamental)

O início da proposta foi um pouco difícil, pois os mesmos nunca haviam sido instigados a criar algo assim. Após eu resumir o trabalho em uma “colagem doidona”, todos entenderam e se animaram muito com a proposta criando cada uma mais de 3 trabalhos nesta aula.



Fig. 32: Trabalho de aluno, *Vamos brincar de misturar?* (1º ensino fundamental)

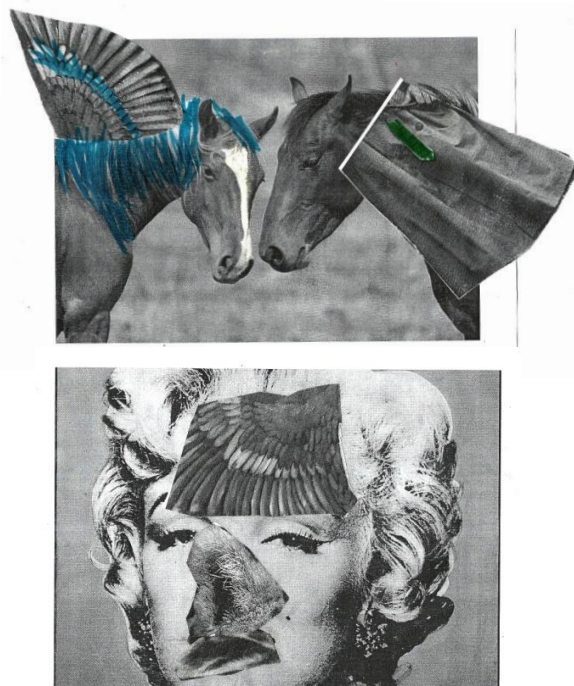


Fig. 33: Trabalho de aluno, *Vamos brincar de misturar?* (1º ensino fundamental)



Fig. 34: Trabalho de aluno, *Vamos brincar de misturar?* (1º ensino fundamental)

Com este trabalho os alunos puderam desconstruir as imagens com a qual eles estavam acostumados de animais e de humanos e recriá-las juntas, abrindo lugar em sua subjetividade para iniciar a ligação entre humanos e animais.

Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas? Nesta proposta iniciei com os alunos os primeiros conceitos de bem-estar animal, senciência e a diferença entre animais domésticos e silvestres de uma maneira lúdica e visual. Os alunos foram instigados a se sensibilizarem e se colocarem no lugar de animais silvestres que são tirados de seus habitats naturais e de cães e gatos abandonados na rua através de imagens de obras de artes e da cultura visual que retratassem animais fora de e em seu habitat natural.

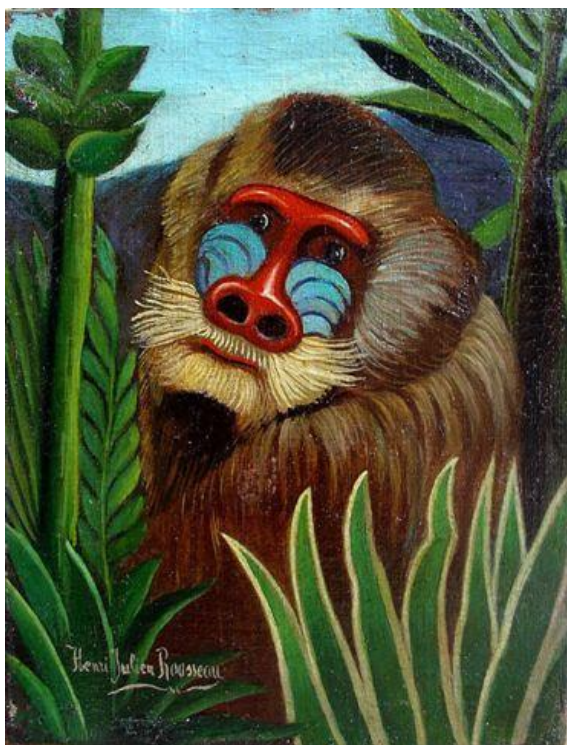


Fig. 35: Henri Rousseau: Mandrill in the Jungle, 1909. Óleo sobre tela
Fonte: Wikipaintings, 2013f

Fig. 36: Britta Jaschinski: Zoo, fotografia
Fonte: JASCHINSK, 2013



Fig. 37: Elliot Erwit. Sem título. Fotografia
Fonte: Erwitt, 2013

Fig. 38: David Hockney: Dog Painting 17, 1995.
Óleo sobre tela
Fonte: Hockney, 2013

Fig. 39: Martin Usborne: Dogs in cars - Flo.
Fotografia
Fonte: Usborne, 2013

Após questionar os alunos de: como eles se sentem em suas casas? Como aqueles animais devem ter se sentindo fora de suas casas? Será que eles ficam tristes? O que será que acontece com animais silvestres que vivem em gaiolas e cães e gatos de rua que não tem um abrigo? Depois pedi que eles escolhessem dentro das imagens apresentadas de animais fora de seu habitat ou sem abrigo, um animal e que agora o ajudassem a se sentir feliz, encontrando um lar para ele dentro de seus desenhos.



Fig. 40: Trabalho de aluno, *Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?* (1º ano do ensino fundamental)



Fig. 41: Trabalho de aluno, *Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?* (1º ano do ensino fundamental)

Durante a execução dos trabalhos os alunos comentavam sobre as necessidades de cada animal escolhido e sobre como iriam se sentir felizes nos lares que eles estavam criando, se engajando na proposta e pensando nas necessidades daquele outro ser vivo.



Fig. 42: Trabalho de aluno, *Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?* (1º ano do ensino fundamental)



Fig. 43: Trabalho de aluno, *Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?* (1º ano do ensino fundamental)

A proposta *Meu animal de estimação, meu amigo* foi desenvolvida em duas etapas, na primeira os alunos trouxeram para a aula fotos dos seus animais de estimação ou do animal que gostariam de ter. Cada aluno apresentou para a turma seu animal de estimação, contando um pouquinho da história dele, o que ele faz/tem de especial e por que ele gosta dele. Após a apresentação os alunos refletiram sobre o que os seus animais precisam para viver bem. Durante esta conversa os alunos relataram inúmeras situações em que eles presenciaram atos de maus tratos, abuso e abandono de animais, e tentei utilizar estes relatos para problematizar o que os animais sentiam, buscando que os alunos sentissem como seria estar nessa posição.

A segunda etapa da proposta *Meu animal de estimação, meu amigo* seria feita em somente uma aula, mas como os alunos ficaram muito curiosos sobre as imagens apresentadas ela se estendeu em duas aulas. Nesta primeira aula os alunos conhecerem artistas que representavam animais de diferentes maneiras, como eles não conheciam obras de artes antes do início do projeto ficaram muito interessados em analisar cada obra em sua particularidade, tal como suas cores, formas, tipo de material utilizado e por que os artistas pintavam daquele jeito. Como os alunos se envolveram nesse processo resolvi estender esse momento durante toda a aula e propor o trabalho na semana seguinte.



Fig. 44: Utagawa Kuniyoshi, Cats suggested as the fifty three stations of the Tokaido
Fonte: Wikipaintings, 2013a

Fig. 45: Jean-Michel Basquiat, Dog. 1982
Fonte: Wikipaintings, 2013c

Fig. 46: M.C Escher, White Cat I, 1919
Fonte: Wikipaintings, 2013h

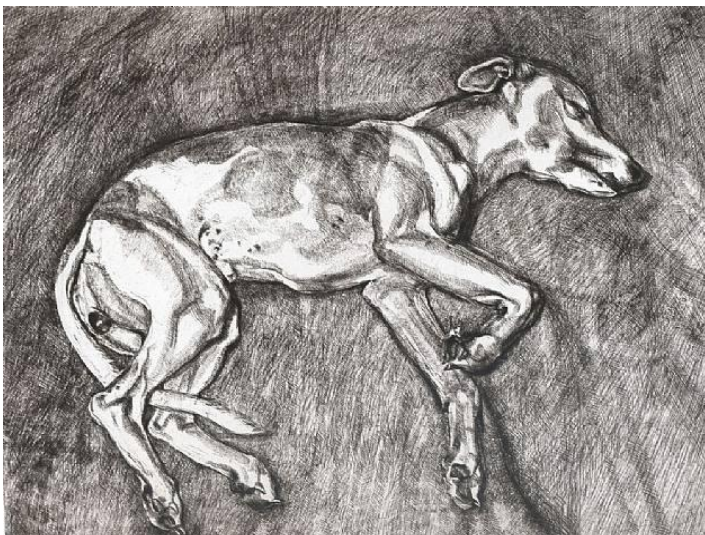


Fig. 47: Lucian Freud, Eli. 2002. Desenho
Fonte: Wikipaintings, 2013e



Fig. 48: Andy Wharol, Portrait of Maurice, 1976
Fonte: Wikipaintings, 2013g



Fig. 49: Franz Marc, Dog Lying in the Snow. 1911
Fonte: Wikipaintings, 2013b

Na semana seguinte, retomando a apresentação das obras e os apontamentos feitos pelos alunos, distribuí as fotos de seus animais e vários materiais de desenho para agora eles retratarem seus animais de estimação utilizando a linguagem das obras de que eles mais gostaram. Notei que com a apreciação anterior das imagens alguns alunos ousaram na escolha das cores para seus animais e outros se preocuparam em representar também o espaço em que este animal estava. Durante conversas com os alunos senti que tinham um cuidado para retratar seu amigo animal da melhor maneira possível, mostrando sua ligação afetiva com ele e que para eles o desenho estava se tornando um meio para comunicar suas emoções.



Fig. 50: Trabalho de aluno, *Meu animal de estimação, meu amigo*. (1º ano do ensino fundamental)



Fig. 51: Trabalho de aluno, *Meu animal de estimação, meu amigo*. (1º ano do ensino fundamental)



Fig. 52: Trabalho de aluno, *Meu animal de estimação, meu amigo*. (1º ano do ensino fundamental)



Fig. 53: Trabalho de aluno, *Meu animal de estimação, meu amigo*. (1º ano do ensino fundamental)

A proposta *Vamos ajudar o Fulaninho?*, inspirada no curta metragem do Instituto Nina Rosa, *Fulaninho, o cão que ninguém queria*²¹, foi uma das mais emocionantes, para mim e para os alunos. No primeiro momento fomos assistir na sala de vídeo o curta metragem que conta a história do Fulaninho, um cão que foi abandonado na rua, e sua jornada para encontrar um lar. Durante o vídeo as crianças faziam inúmeras perguntas sobre o que estava acontecendo, mostrando que estavam prestando bastante atenção à história, alguns pediram para ficar perto de mim, pois estavam emocionados com lágrimas no rosto e queriam que eu as confortasse. Ao final do vídeo iria conversar com os alunos e os questionar sobre como será que o Fulaninho se sentiu e por que aquilo havia acontecido, mas foram eles que tomaram a iniciativa perguntando inúmeras coisas. Queriam saber o que

²¹ Instituto Nina Rosa, 2011

havia acontecido com os irmãos do Fulaninho, o porquê de as pessoas da história terem feito aquilo, por que não fizeram diferente, eles estavam realmente refletindo sobre o assunto apresentado sem precisar de meus questionamentos, fizeram inúmeras relações com as situações de abandono que já haviam presenciado.

A partir deste momento de indignação e preocupação dos alunos disse que poderíamos fazer algo para ajudar tantos outros animais que como o Fulaninho procuravam um lar com nossa arte. Apresentei as fotografias de animais do grupo de que eu faço parte o *Projeto Animal é Tri!* e deixei livre para os alunos escolherem seus animais e com os materiais de desenho disponíveis ajudassem estes animais a encontrarem lares.

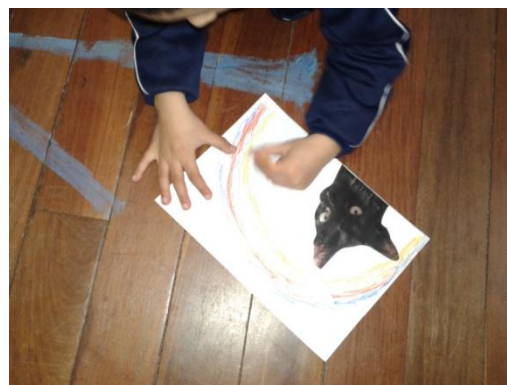


Fig. 54: Aluno produzindo o trabalho inspirado no curta-metragem *Fulaninho, o Cão que ninguém queria*. (1º ano ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger



Fig. 55: Aluno produzindo o trabalho inspirado no curta-metragem *Fulaninho, o Cão que ninguém queria*. (1º ano ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 56: Aluno produzindo o trabalho inspirado no curta-metragem *Fulaninho, o Cão que ninguém queria*. (1º ano ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Os alunos entraram na proposta com imenso engajamento, se apropriaram daquela tarefa e queriam realizá-la da melhor maneira possível para aqueles animais encontrarem um lar. Tiveram inúmeras ideias de como fazer para ajudar os animais de rua, tal como fazer cartazes e colar nas portas das pessoas e carros, fazer faixas e levar nos desfiles da escola, eles diziam que estavam "embelezar" os animais com arte, e que com aquele trabalho eles iriam brilhar e ser adotados. Eles

realmente estavam preocupados com o destino daqueles animais, se colocaram no lugar deles, entenderam a responsabilidade que temos para com nossos animais de estimação e viram na arte uma forma de expressar suas ideias, imaginação e sentimentos, a arte fez parte de sua vida e daquele animal, teve naquele momento um sentido maior que a criação estética. No final da proposta, durante a apresentação dos trabalhos uma frase me marcou imensamente e poderia ter resumido todo este projeto – “Professora agora toda vez que eu ver um animal maltratado eu vou ajudar, os animais que já morreram vão ter orgulho de mim”.

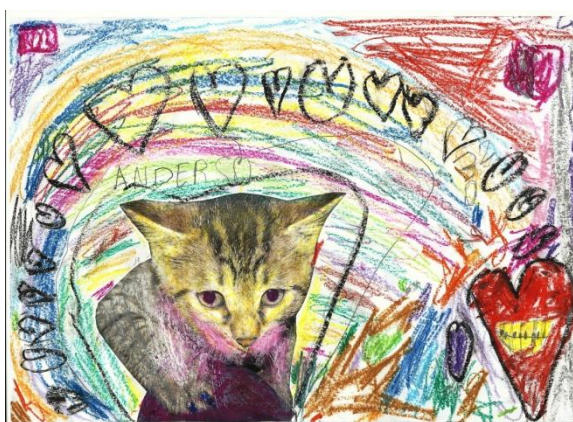


Fig. 57: Trabalho de aluno, *Vamos ajudar o Fulaninho?* (1º ano do ensino fundamental)



Fig. 59: Trabalho de aluno, *Vamos ajudar o Fulaninho?* (1º ano do ensino fundamental)



Fig. 58 Trabalho de aluno, *Vamos ajudar o Fulaninho?* (1º ano do ensino fundamental)



Fig. 60: Trabalho de aluno, *Vamos ajudar o Fulaninho?* (1º ano do ensino fundamental)

Brincando de pintar ao som dos animais foi uma proposta mais livre, em que os alunos poderiam ampliar as possibilidades do movimento como expressão gráfica, a partir do uso das mãos e pés para pintar, explorar o corpo e suas possibilidades de movimentos, além de visualizar a mistura das cores já trabalhadas anteriormente em uma aula de modelagem tridimensional com massinha de sal. Para a proposta o chão

foi forrado com papel kraft e ao redor estavam os potes com tintas nas cores; magente, azul, amarelo, violeta, laranja e verde. Após explicar as regras da brincadeira para os alunos, a festa começou, a cada música que colocava eles pegavam gosto pela brincadeira, por ampliar os movimentos e por perceber a mistura de cores que criavam. Tive que parar a aula antes de todas as músicas serem tocadas, pois não havia mais espaço no papel, e os alunos estavam ampliando tanto que parte do chão já estava pintada e eles estavam pintados por completo. O resultado plástico do trabalho ficou tão bom, eles gostaram tanto que resolvi utilizar no trabalho final.



Fig. 61: Alunos durante o processo de pintura ao som dos animais. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 62: Alunos durante o processo de pintura ao som dos animais. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 63: Alunos durante o processo de pintura ao som dos animais. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 64: Alunos durante o processo de pintura ao som dos animais. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Nas aulas seguintes os alunos escolheram, a partir de livros, o animal de que mais gostaram, pelos mais variados motivos. Realizaram uma ficha do animal

com suas características, qualidades, curiosidades e o que ele precisa para ser feliz. Com este material realizamos o trabalho *Autorretrato Animal*, em que os alunos se colocaram realmente no lugar do outro, tendo que imaginar sua imagem misturada com a do animal escolhido. As aulas *Vamos brincar de misturar?* e *Brincando de pintar ao som dos animais* deram suporte para os alunos misturarem sua imagem com a de um animal e conhecerem as possibilidades da tinta e suas misturas, deixando-os mais seguros em suas criações por terem tido esta base. Podemos notar que eles ousam nas misturas da tinta, mostrando que ampliaram seu repertório plástico. Durante o processo uma aluna chamou minha atenção com suas colocações – “A gente vai virar meio bicho meio humano” – “É como se a gente tivesse engolido o bicho e agora ele quer sair!”.



Fig. 65: Trabalho de aluno, *Autorretrato Animal*. (1º ano do ensino fundamental)

Fig. 66: Trabalho de aluno, *Autorretrato Animal*. (1º ano do ensino fundamental)



Fig. 67: Trabalho de aluno, *Autorretrato Animal*. (1º ano do ensino fundamental)

Fig. 68: Trabalho de aluno, *Autorretrato Animal*. (1º ano do ensino fundamental)

O último trabalho chamado *Impressões de Identidades*, foi pensado a partir dos trabalhos da artista Regina Silveira; *Passeio Selvagem*, que se trata de uma série de projeções em prédios de São Paulo, tais como Memorial da América Latina,

o Copan e o Minhocão e a exposição *O Olho e o Lugar - Regina Silveira Para Crianças*, realizada em 2009 na Galeria Neuter Michelon, em São Paulo.

Neste trabalho a pintura realizada ao som dos animais serviu de base para imprimir as mãos e pés dos alunos bem como as pegadas dos seus respectivos animais, que eram cão, gato, pássaro, coelho, urso, vaca, porco, tigre e macaco.



Fig. 69: Aluno durante o processo de impressão da pegada de seu animal. (1º ano do ensino fundamental)
(Foto: Tathiana Jaeger)

Fig. 71: Alunos durante o processo da impressão da pegada de seus animais. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 70: Alunas dramatizando as características de seu animal. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 72: Carimbos produzidos pela professora com a pegada dos animais de cada aluno. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Durante as impressões os alunos imitavam os animais escolhidos, faziam seus sons e falavam como viviam e se sentiam. Foi um processo onde pude perceber algumas amarras sendo soltas, eles se sentiram livres para ser aqueles animais, sem medo ou preocupações, só sentiam e viviam a experiência da identidade animal, que não julga as diferenças e acolhe todos. No final da proposta

conversamos sobre a necessidade de saber sobre um tema para poder realizar um trabalho de artes sobre ele, de como isso nos ajuda e nos dá suporte para criar.

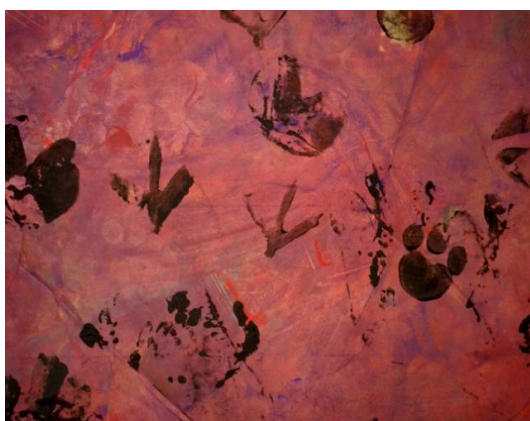


Fig. 73: Detalhe do trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 74: Detalhe do trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 75: Detalhe do trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger



Fig. 76: Detalhe do trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 77: Detalhe do trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Fig. 78: Detalhe do trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

O dia final chegou e foi recebido por mim e pelos alunos em um misto de alegria e tristeza. Como disse antes nunca havia lecionado para crianças pequenas e não sabia o quanto podem ser apaixonantes, criativas e participar tão ativamente de um projeto. Nesta proposta final arrumei toda a sala de aula em formato de uma exposição, com todos os trabalhos realizados pelos alunos e alguns textos, que estão no anexo neste estudo. Como forma de gratidão por participarem deste projeto pintei o rostinho de cada um com os animais que eles escolheram, foi uma festa, eles adoraram ver seus rostos pintados e novamente encarnaram seus animais com gestos e sons.

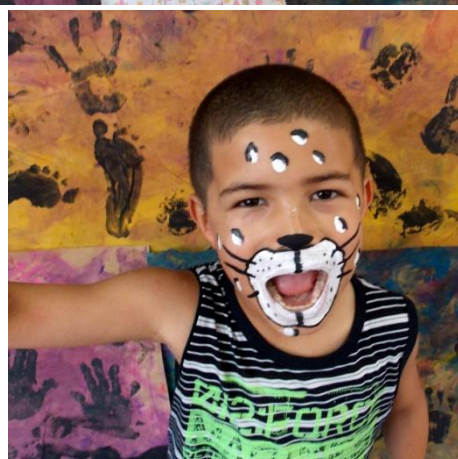


Fig. 79: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathi Jaeger

Fig.81: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathi Jaeger

Fig.80: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathi Jaeger

Fig. 82: Aluno com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathi Jaeger



Fig. 83: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathi Jaeger

Fig. 85: Aluna com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathi Jaeger

Fig. 84: Aluno com pintura facial (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathi Jaeger

Fig.86: Alunos durante a exposição *Impressões de Identidades: nos traços da amizade*. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathi Jaeger

A exposição foi aberta para as outras turmas, professores, funcionários e a comunidade escolar. Eles estavam ansiosos por este momento, em que seus trabalhos seriam vistos por todos, estavam se sentindo orgulhosos de suas produções, aquele momento foi de extrema importância para a autoestima de todos os alunos. Cada visitante que entrava era recepcionado por sons de animais que os alunos faziam e em seguida um por um explicava cada trabalho com suas palavras, tendo total liberdade e autonomia eles explicavam cada passo de nosso projeto.



Fig. 87: Trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger



Fig. 89: Trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger



Fig. 88: Trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger



Fig. 90: Trabalho *Impressões de Identidades*, produzido pelos alunos coletivamente. (1º ano do ensino fundamental)
Foto: Tathiana Jaeger

Todos os dias em que apliquei a proposta de aprendizagem com esta turma de 1º ano foram ricos em experiências envolvendo ambas as partes. A grande maioria dos objetivos de aprendizagem e de ensino foi assimilada. A arte e seu fazer contribuíram para os alunos desta turma se colocarem emocionalmente no lugar dos animais não humanos, sentirem como eles, pensando suas necessidades, seu bem-estar, assumindo uma postura de respeito para com suas vidas e conseguindo perceber que temos muito em comum.

4.2.2 Ensino Médio

A escola onde o projeto de aprendizagem com a turma de 1º ano do ensino médio foi desenvolvido se localiza no bairro Petrópolis, da cidade de Porto Alegre. É uma escola conhecida por seu ensino e onde inúmeros projetos são desenvolvidos para a ampliação dos conteúdos e vivências dos alunos, por isso, é procurada por muitos pais, cada turma tem alunos de vários bairros diferentes, com realidades e trajetórias distintas.

A turma escolhida é formada por 25 alunos, com idades entre 15 e 17 anos. A turma é bem heterogênea e dividida em quatro grandes grupos que sentam espaçados pela sala de aula. Os alunos aparentam viver em uma condição sócio econômica e cultural favorável, todos têm celulares modernos, tablets, roupas de marca e já viajaram para fora do estado. A grande maioria já conhece as artes visuais e já produziu algum trabalho dentro de suas linguagens. Todos se mostram interessados pelas aulas de artes e sempre foram uma turma participativa, questionadora e ativa. A grande maioria da turma gosta de mangás, cosplay e desenhos animados.

Mantenho com esta turma um grupo na rede social Facebook, onde os alunos puderam tirar dúvidas, postar vídeos, imagens, textos e etc., e eu enquanto professora também postei vídeos, imagens, textos e etc., para complementarmos nossas aulas. Além disso, esta ferramenta abriu a possibilidade de uma ligação afetiva entre aluno e professor.

As aulas para esta turma de ensino médio foram pensadas de tal forma que os alunos se sentissem instigados a participar deste projeto, para isso as propostas foram pensadas a partir do meio onde vivem e das coisas de que eles gostam, tais como moda, redes sociais, e frases de denúncia ou com suas opiniões que tanto gostam de escrever pela escola, cadernos e redes sociais. Porém, devido à greve dos professores do Estado do Rio Grande do Sul por melhorias na educação e no tratamento com a classe do magistério, a escola fechou suas portas por algumas semanas e o projeto de aprendizagem teve de ser diminuído quase pela metade. No final do trimestre letivo quando os alunos se preparavam para nosso último trabalho

que seria no laboratório de informática, o mesmo alagou devido a um problema no telhado e o trabalho, que seria virtual, teve de ser modificado e feito com colagem e desenho.

A primeira proposta de trabalho *Colagem: uma proposta híbrida* se assemelha em partes à proposta *Vamos brincar de misturar?*, feita com o ensino fundamental. Porém, com os alunos do ensino médio explorei o conceito do hibridismo, que alguns já conheciam, fazendo referência aos mangas e cosplay que misturavam a imagem de humanos a animais. Apresentei aos alunos as imagens de artistas que trabalham com seres híbridos, misturando animais e humanos, e após a apreciação os questionei sobre o que sentiam ao ver aquelas imagens, o que mexia neles, será que somos tão diferentes assim, animais e humanos? As respostas estavam divididas, alguns viam inúmeras semelhanças, outros nenhuma. Dentro desta discussão apresento a proposta híbrida, distribuindo aos alunos diversas impressões de obras de artes e recortes de revistas que continham a figura de animais humanos e não humanos, deixando-os livres caso quisessem trabalhar só com colagem, desenho ou misturar os dois. Notei que durante o processo alguns alunos conversavam com os colegas sobre as questões debatidas e sobre nossa semelhança com os animais.

Esta proposta inicial é importante para a ideia que iria apresentar na próxima aula, pois com este trabalho os alunos começavam a pensar a imagem dos animais não humanos associada à dos animais humanos e a se sentir seguros em sua subjetividade para refletir sobre os conceitos que seriam apresentados.

A aula *Animais seres sencientes* foi pensada como um momento de sensibilização e abordagem crítica sobre o tema, onde os alunos puderam pensar sobre como vemos e nos relacionamos com os animais não humanos e sobre como essa relação é construída dentro de nossa sociedade. Expliquei aos alunos que existiam vários tipos de processos de criação e que na arte contemporânea a grande maioria dos artistas investigava, pesquisava sobre o tema, assunto ou sentimento que quisesse abordar em sua arte, para com isso ampliar as possibilidades de sua criação e que por isso precisávamos entender sobre o tema que iríamos trabalhar mais adiante.

Como base para problematizar o tema, mostrei para os alunos dois vídeos, *El planeta tierra eres Tú*²² e o trailer do documentário *Terráqueos*²³. Cada vídeo traz uma abordagem diferente sobre a relação com os animais não humanos. No vídeo *El planeta tierra eres Tú* somos convidados através de imagens e palavras a tomarmos uma posição em relação ao planeta em que vivemos; ele mostra também que não vivemos sozinhos neste planeta e que mesmo matando e maltratando os animais, eles ainda sim vivem ao nosso lado. Já no trailer do documentário *Terráqueos* a abordagem é diferente, este documentário explora e expõe como funciona o sistema de alimentação, vestuário, diversão e experimentos científicos que se utiliza de animais não humanos, relatando a dependência que nossa sociedade tem com os animais não humanos e a forma como os tratamos. Os alunos foram avisados de que algumas cenas poderiam ser fortes, apesar de se tratar de um trailer do filme com menos de três minutos, e que não seriam obrigados a assistir, podendo sair a qualquer momento.

Durante a exibição dos vídeos notei inúmeros alunos com os olhos cheios de lágrimas e muitos me perguntavam se as imagens que apareciam eram reais, mas nenhum aluno se levantou, todos viram os vídeos até o final. A conversa que se seguiu foi de extrema importância para este trabalho, expliquei aos alunos a partir de suas perguntas os conceitos de senciência, bem-estar animal, direitos e sobre as imagens que eles viram nos vídeos. Eles não sabiam como eram tratados os animais dentro de uma fazenda, de um laboratório de experimentações e em outras culturas, estavam indignados com o que viram e não conseguiam acreditar que a humanidade era capaz de tudo aquilo. Eles analisaram as questões problematizadas de maneira crítica e ética, mas o ponto de partida inicial para isso foi a empatia que sentiram para com aqueles animais. Algumas aulas depois de assistirem os vídeos, os alunos vieram me confidenciar que assistiram todo o filme *Terráqueos* em suas casas, mostrando que aquelas imagens os sensibilizaram e que estavam engajados na proposta.

No final da aula foi proposto aos alunos um trabalho que deveria ser feito em casa e entregue em data combinada. Na proposta *Como vemos os animais? Como os animais nos veem?* os alunos deveriam escolher um animal não humano próximo

²²Chavira, 2013

²³Monson, 2005

a eles, seja seu animal de estimação, de um vizinho, um pássaro da rua e etc. Depois da escolha do animal e com base nas questões discutidas após os vídeos e na construção dos conceitos por eles, os alunos deveriam refletir sobre as perguntas: Como vemos os animais? Como os animais nos veem? Após escreverem suas conclusões deveriam fazer um trabalho poético expondo da maneira que desejassem a sua visão, deixei livre a escolha da linguagem, podendo ser fotografia, desenho, pintura, colagem e etc. O trabalho foi proposto com antecedência, assim os alunos teriam tempo para refletir sobre o tema e para, na aula seguinte, conseguir relacionar a proposta com a aula *Ética e poética no uso e representações de animais na arte*, que daria um embasamento maior para suas criações.

Na proposta de mesmo nome de uma seção deste estudo, *Ética e poética no uso e representações de animais na arte*, os alunos foram apresentados a diferentes artistas e linguagens das artes visuais que trabalhassem com o uso ou representações de animais não humanos em suas criações. Dividi os artistas apresentados nos seguintes grupos, mas sem especificar isso aos alunos, que deveriam construir suas próprias definições:

- Artistas com olhares sensíveis para com os animais não humanos: Martin Usborne (Fotografia de cães abandonados em carros), Eduardo Climachauska (Fotografia de cães de rua à noite), Elliot Erwit (Fotografia de cães), Britta Jaschinski (Fotografia de animais fora de seu habitat natural), Lucian Freud (Pintura de seu cão Eli), Paul Klee (Pintura de gatos), Andy Warhol (Cão e gato pop art), Troy Abbott (Pássaros em gaiolas), Mary Britton Clouse (Fotografias com galinhas), Olly and Suzi (Pintura animais na natureza), Angela Singer (usa animais descartados que foram troféus de caça) e Sue Coe (pinturas).
- O limite tênue da ética na arte: Kate Clark (Peles de animais para esculturas), Damien Hirst (Corpos de animais mortos em um aquário), Eduardo Kac (Bio art, transgênicos), Mark Dion (Taxidermia), Guilherme Vargas “Habacuc”.

Durante a exposição das obras contextualizava cada uma delas, levantava questões sobre as diferentes pesquisas e investigações de cada artista, sem colocar minhas opiniões pessoais sobre os mesmos. No final das imagens iniciaria uma conversa com os alunos perguntando: o que cada um havia achado das obras? O que elas causaram neles? Mas não precisei perguntar, pois a cada imagem eles colocavam suas opiniões para o grupo. Mesmo explicando que alguns artistas utilizavam corpos de animais mortos para discutir questões relacionadas ao direito à vida deles, os alunos não concordavam e perguntavam inúmeras vezes se aquilo era realmente arte ou verdadeiro, se não era de algum material sintético.

Pedi que os alunos escolhessem algumas obras e classificassem na visão deles quais eram e quais não eram éticas e escrevessem em um papel. A grande maioria dos alunos escreveu que, as obras que eles consideravam não serem éticas, eram dos artistas Kate Clark, Damien Hirst, Eduardo Kac, Mark Dion, Guilherme Vargas “Habacuc” e Angela Singer, mesmo expondo que ela utilizava aqueles corpos para discutir a maneira como tratamos os animais. Os alunos estabeleceram uma reflexão crítica sobre o uso e representação dos animais na arte a partir de uma perspectiva ética vinda deles mesmos. Também gostaram e comentaram sobre as inúmeras possibilidades de se representar os animais e sobre a diversidade de propostas e linguagens da arte. Mas ainda tiveram um pouco de dificuldade de entender a arte como um campo de pesquisa.

Na aula seguinte os alunos apresentaram o trabalho *Como vemos os animais? Como os animais nos veem?* Este trabalho propôs uma reflexão sobre como cada aluno via o animal escolhido e ainda instigava o aluno a se colocar no lugar daquele animal e pensar e imaginar a sua existência e como este via os humanos. Não foi um trabalho fácil, pois ao longo dos anos os alunos são acostumados a não pensar muito sobre as propostas em arte, a somente executar e esta proposta pede que antes da produção haja uma reflexão sobre o tema a ser trabalhado.

A maioria dos alunos escolheu seus animais de estimação, pois se sentiam afetivamente ligados a eles, falaram que viam este animal como um amigo, companheiro, alguns colocaram que viam seus animais de estimação como um igual

e que o animal via eles como amigo também, mas um amigo que lhe dá abrigo e comida, seu protetor, seu humano de estimação em relação aos gatos.

Porém, alguns alunos foram além em suas escolhas; um aluno retratou através do desenho como nós víamos o mundo com cores fortes e formas rígidas e como os pássaros viam o mundo de uma maneira clara, formas com contornos suaves e agradáveis. Em seu texto o aluno coloca que o passarinho tem a liberdade que não temos, é livre de preocupações, mas é vigilante e cauteloso. Outra aluna não falou de um animal específico, mas sim de todos, disse que via os animais como se fossem outros humanos com costumes diferentes, em seu desenho fez um cão, um gato, um peixe e um pássaro com corpos humanos atravessando uma rua, os animais viam ela como um deles e seu desenho foi de uma criança se olhando no espelho e a imagem que aparecia era a de um gato, enquanto isso ela era observada por um cão. Uma aluna escolheu uma raposa e disse que a via como uma ameaça, mas se a conhecesse melhor veria que existem humanos que querem proteger, disse que gostaria de adotar a raposa, seu desenho era baseado na linguagem dos mangás, onde aparecia parada com orelhas de raposa na cabeça, um olhar meigo e corações voando em volta. Ela em contrapartida via as raposas como animais misteriosos e sagrados, representando a raposa com uma grande cauda, uma auréola e asas.

Para nossa proposta final *Cartazes: um manifesto virtual* trabalhei anteriormente com os alunos a comunicação visual como um sistema de signos que comunicam ideias, emoções e sentimentos e algumas noções sobre a função das imagens (expressivas, informativas, estéticas, poéticas, apelativas), a retórica visual e os cartazes e seus tipos: função, composição, tipografia. Neste dia os alunos trouxeram a pesquisa que realizaram sobre um grupo de animais domésticos, silvestres, de produção, entretenimento ou de testes, sobre como eram tratados, se existiam leis que apavavam os mesmos, como era a nossa relação com eles e etc.

Após a divisão dos grupos, propus que com base em suas pesquisas, toda a indignação que sentiram vendo os vídeos da aula *Animais seres sencientes* e as referências da aula *Ética e poética no uso e representações de animais na arte* e seu conhecimento sobre comunicação visual, criassem um cartaz poético que

pudesse manifestar aos outros a mensagem escolhida por eles sobre um dos grupos de animais da pesquisa.

Como já foi dito, a proposta inicial foi pensada para ser realizada com programas de edição de imagens, porém como o laboratório de informática havia alagado, tivemos de realizar com colagem, desenho e escrita.

Os alunos tiveram autonomia para escolher a mensagem que queriam passar em seu cartaz, poderia ser qualquer mensagem sobre o grupo de animais escolhido. A partir deste trabalho os alunos tiveram que construir para si qual a visão que tinham destes animais. Uma situação que me chamou a atenção, foi que até mesmos os alunos que não estavam participando ativamente das discussões, resolveram falar de questões envolvendo ética e como abusamos dos animais, cada um com sua visão sobre estas questões. Já havia observado como os alunos produziam cartazes para as propostas de outros professores e pude notar com esta proposta, uma grande diferença na maneira como os mesmos produziram os cartazes/campanhas. Eles construíram suas campanhas embasadas nos conceitos da comunicação visual, visto em aula anterior, mas também agregando as referencias dos artistas trabalhados.

Este trabalho fez com que os alunos aliassem pesquisa, visão pessoal e produção poética. Percebendo que a arte não é simplesmente um fazer desligado de suas vidas, mas um território onde possam explorar novas formas de pensar a si e ao outro através da linguagem visual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho considerou o ensino da arte não somente um saber artístico-pedagógico, mas também, uma prática política, quando leva em conta os discursos apresentados aos alunos, sabendo que os mesmos atuam em sua visão de mundo e de representação enquanto sujeito, buscando assim um ensino da arte que, partindo destes pressupostos, agenciasse transformações subjetivas nos alunos. Para isso procurei aliar na prática pedagógica a proposta de Guattari, dos estudos culturais, de Ana Mae e sua Proposta Triangular, os pensamento de Fernando Hernández e John Dewey como base e norteadores das ações.

As relações que estabelecemos e a maneira como tratamos e vemos os animais humanos, apesar de estarem sendo discutidas dentro dos mais variados campos, ainda não encontraram um terreno seguro dentro da educação, por isso este trabalho buscou dentro de um cuidadoso estudo legitimar que a construção de uma nova visão dos animais não humanos é necessária. Não podemos mais negar que eles fazem parte do mesmo mundo que o nosso e que têm sentimentos e emoções análogos as nossas. O futuro está nas mãos de todos nós adultos, adolescentes e crianças, porém nós adultos negamos muitas vezes a eles o direito de escolherem sob qual visão querem atuar e se posicionar no mundo.

Antes de entrar nas questões levantadas dentro da prática docente gostaria de salientar que pude perceber com este estudo que o limite entre a ética na arte se situa na relação que o artista estabelece com estas questões, porém os limites éticos da arte não podem ser decididos dentro de um nível pessoal. Os artistas não podem estar distante da ideia de que uma obra de arte que proponha uma experiência estética estabelece com o espectador uma comunicação e com isso oferece representações, ideias do mundo e de maneiras de ser e agir. Sendo assim, suas escolhas terão implicações éticas, filosóficas e muitas vezes legais, seja com os animais humanos ou não humanos. A arte é uma manifestação/atividade humana e se em todos outros campos da atividade humana existem comitês de ética, porque na arte isto não é levado em conta? Para responder a esta pergunta seria necessário outro estudo, que pretendo fazer, mas no momento volto às questões da

arte dentro da educação pensando nesta citação que foi colocada em um artigo que problematiza o uso de animais em performances artísticas:

Para o poeta britânico e crítico literário Herbert Read, a arte deveria ser a base de toda educação, pois está profundamente envolvida no processo real de percepção, pensamento e ação corporal. Segundo ele, sem este mecanismo, a civilização perde o seu equilíbrio e cai no caos espiritual e social. Segundo Goldberg a arte e as humanidades como a sociologia, a filosofia e a história são instâncias do conhecimento essenciais ao desenvolvimento de seres sensíveis, críticos, questionadores e revolucionários. (SOUSA; TINOCO, 2013, p. 113)

A arte e seu fazer têm a capacidade de nos fazer repensar velhos preconceitos e hábitos, nos fazer resignificar maneiras de ser e agir, nos propondo a ver além de nós mesmos e pensarmos além de nossa existência e isso deve sim ser usado dentro da educação para buscarmos fazer com que nosso aluno se desenvolva, como citado acima, enquanto um ser humano mais sensível, crítico, questionador e revolucionário. Percebi estas questões a partir das teorias estudadas e da aplicação do projeto de aprendizagem, sendo assim a arte e seu ensino têm sim a capacidade de nos fazer repensar velhos preconceitos e hábitos, de nos fazer resignificar maneiras de ser e agir, propondo-nos ver além de nós mesmos e pensar além de nossa existência.

As imagens e a experiência em arte atuaram em esferas subjetivas dos alunos que se engajaram no projeto; sendo assim aplicado, o ensino da arte se mostrou um território propício para as transformações propostas. Pude notar durante a aplicação da proposta de aprendizagem que, mesmo no ensino médio, onde o enfoque das relações entre animais humanos e não humanos se deu a partir de uma visão e posição ética e crítica, o início do engajamento e dos agenciamentos subjetivos ocorreu com a sensibilização do aluno ao tema, a partir de sua empatia, afetividade e do convite que as imagens nos fazem a pensar a existência do outro, a nos sentirmos no outro. Durante este processo os alunos tiveram a liberdade de construir por si mesmos uma nova visão dos animais não humanos e de legitimá-la em sua prática artística, tendo sua autonomia e ponto de vista respeitados.

Como as maiores mudanças se deram no mundo interior do aluno, as transformações foram notadas através de sutis mudanças em seus discursos dentro

de sala de aula, no envolvimento emocional com a proposta e em seu desenvolvimento artístico. A identidade animal proposta neste estudo, que legitima o outro e suas diferenças, seja ele um animal humano ou não, e que busca o respeito a todas as formas de vida, vem a ser o elo, a conexão para o aluno sentir essa interdependência entre os seres vivos, mas isso só poderá ser notado ao longo de seu desenvolvimento social e pessoal, mas com certeza levará junto de si as experiências subjetivas que se agenciaram durante nosso projeto.

Gostaria também de apresentar outra transformação que aconteceu por meio deste estudo, uma transformação pessoal. Durante as pesquisas para este estudo inúmeras mudanças foram acontecendo em mim, e sendo legitimadas durante a prática docente. Como apresentar esta nova maneira de perceber os animais não humanos aos alunos e propor a eles que repensem os preconceitos que a sociedade os impõe, se eu mesma ainda não havia me libertado de todos os meus? Mas ao final deste trabalho, uma transformação subjetiva foi agenciada em meu mundo interno, e a identidade animal que discuti pode ser vivenciada e construída por mim a partir de uma nova filosofia de vida, o veganismo²⁴, que não é somente uma dieta que abole todos os alimentos provenientes da morte e trabalho dos animais não humanos, mas que também se abstém de qualquer uso e propriedade dos mesmos, legitimando seu direito à vida. Gostaria de antemão de esclarecer que não era o que buscava para os alunos, mas como disse esta transformação subjetiva será construída em cada sujeito de forma diferente e em mim se deu desta maneira.

Este estudo não se encontra finalizado nestas páginas, durante o caminho novos percursos foram abertos e descobertos, e tenho certeza de que muito ainda há para ser problematizado dentro desta visão de ensino da arte. Minhas pesquisas como professora de artes e ativista pelos direitos animais não cessaram com o fim deste trabalho. Aprendi que não se sentir seguro de suas convicções é um ato de muita coragem, coragem para estar sempre disposto a aprender o novo, mudar, transformar-se e nunca se acomodar. O caminho é cheio de pedras e obstáculos, mas se não experimentarmos e tentarmos, nunca descobriremos que pequenos atos e gestos podem mudar grandes realidades.

²⁴ Sobre veganismo ver Cross, 1951.

REFERÊNCIAS

- ALOI, Giovanni. **Art and animals**. London: L.B. Tauris, 2012.
- BAKER, Steve. **Artist animal**. Minneapolis: Univ Of Minnesota Press, 2013.
- BAKER, Steve. **The postmodern animal**. London: Reaktion Book, 2000.
- BARBORA, Ana Mae (Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARBORA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos mil novecentos e oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.
- CASSAL, João David Barros. **Direito dos animais: uma proteção efetiva**. Monografia. Graduação em Direito. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Direito. Curso de Ciências Jurídicas e Sociais. 2012.
- CHAVIRA, Carlos (Dir.). **El planeta tierra eres tú**. 2013. 4:30 min. México. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=3gf49gwNi3w>>. Acesso em: 15 set. 2013.
- COETZEE, J. M. **A vida dos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COSTA, Helga Saraiva. A dimensão ética no trabalho artístico de Damien Hirst. **estrema: Revista Interdisciplinar de Humanidades**, 2, 2013. Disponível em: <<http://www.estrema-cec.com> ou <http://www.estrema-cec.com/images/stories/A%20dimensao%20etica%20no%20trabalho%20artístico%20de%20Damien%20Hirst%20-%20Helga%20Saraiva%20Costa.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2013.
- CROSS, Leslie. O veganismo definido. **The Vegetarian World Forum**, v. 5, n. 1, p. 6-7, primavera 1951. Disponível em: <<http://vista-se.com.br/redesocial/o-veganismo-definido-texto-historico-de-1951/>>. Acesso em 1 dez. 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 54, 1997. v. 4.
- DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DOMENIC GUERRINI. **Lucian Freud prints**. 2013. Disponível em: <<http://www.lucianfreudprints.info/index.php?cur=EUR>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

DOVAL, Lenize Maria Soares. **Direitos dos animais**: uma abordagem histórico-filosófica e a percepção de bem-estar animal. Monografia. Graduação em Veterinária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Veterinária. Curso de Medicina Veterinária. 2008.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Lucian Freud**. 2013. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/219846/Lucian-Freud>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

ERWITT, Elliott. **Elliott Erwitt**. 2013. Disponível em: <<http://www.elliott Erwitt.com/lang/en/index.html>> Acesso em: 16 jul. 2013.

FONSECA, António Castro; DIAS, Sofia Salgado. O problema da crueldade contra animais na infância: suas dimensões e consequências. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Ano 45, v. 2, p. 71-92, 2011.

FRANCIONE, Gary L. **Animal rights**: the abolitionist approach. 2013. Disponível em: <<http://www.abolitionistapproach.com>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

FRANCIONE, Gary L. **Direitos animais**: a abordagem abolicionista. 2012. Disponível em: <<http://francionetraduzido.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Eduardo Campos. **Revista filosofia ciência & vida**, São Paulo, Ano VI, v. 80, p. 15-23, mar. 2013.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2012.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUIDA, Angela Maria. A poética da crueldade: um olhar no humano e no não humano. **Revista Em Tese**, FALE-UFMG Pós-Lit. v. 17, n. 3, set/dez 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3760>>. Acesso 14 nov. 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: transformando fragmentos em novas narrativas educacionais. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HIRST, Damien. **Mother and child**: divided. 2007. Disponível em: <<http://www.damienhirst.com/artworks/catalogue>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

HOCKNEY, David. **David Hockney**. 2013. Disponível em: <<http://www.hockneypictures.com/>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 28, jun. 1995.

INSTITUTO NINA ROSA. Projetos por amor à vida. **Fulaninho, o cão que ninguém queria**. DVD color, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gn1ISZY31H0>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

JASCHINSK, Britta. **Photography**. 2013. Disponível em: <<http://www.brittaphotography.com/>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

LOW, Philip. “Não é mais possível dizer que não sabíamos”, diz Philip Low. Entrevistador: Marco Túlio PIRES. **Revista Veja**, 16 jul. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/nao-e-mais-possivel-dizer-que-nao-sabiamos-diz-philip-low>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

LOW, Philip et al. **The Cambridge Declaration on Consciousness**. Cambridge, 2012. Disponível em: <<http://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2013.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Teresinha Telles. **Teoria e prática do ensino da arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2009.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MEIRA, Marly; PILLOTO, Sílvia. **Arte, afeto, educação: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MONSON, Shaun (Dir.). **Terráqueos – Earthlings**. 2005. Documentário. EUA. 95 min. Trailer apresentado aos alunos Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=IEeBWHZs2wg>>. Acesso em: 15 set. 2013.

NARA AMÉLIA. **Sob a natureza**. 2011. Disponível em: <http://issuu.com/banco.portfolios/docs/nara_am_lia>. Acesso em: 29 abr. 2013.

OLLY SUZI. Disponível em: <<http://www.ollysuzi.com/index.php>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

PAIXÃO, Rita Leal. Experimentação animal: razões e emoções para uma ética. Tese. Doutorado. Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Brasil, 2001.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Nunca fomos humanos**: nos traços do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 136-205.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008.

SINGER, Angela. Biography & reviews. 2013. Disponível em:
<http://www.angelasinger.com/?page_id=5>. Acesso em: 17 nov. 2013.

SINGER, Peter. **Ética prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SÍTIO VEG. **O que é vegetarianismo**. 2013. Disponível em:
<http://www.vegetarianismo.com.br/sitio/index.php?option=com_content&task=view&id=1049&Itemid=114>. Acesso em: 8 dez. 2013.

SOUSA, Jean Carlos Barbosa; TINOCO, Isis Alexandra Pincella. Os limites éticos do uso de animais em performances na arte contemporânea. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 8, n. 13, p. 105-120, 2013. Disponível em:
<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/8637>> Acesso em: 08 dez. 2013.

THE ATHENAEUM. **Lucian Freud**. 2013. Disponível em: <<http://www.the-athenaeum.org/people/detail.php?ID=1606>>. Acesso em 1 dez. 2103.

TATE. **Lucian Freud**. 2013. Disponível em: <<http://www.tate.org.uk/art/artists/lucian-freud-1120>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

TRINDADE, Gabriel Garmendia da. **Animais como pessoas**: a abordagem Abolicionista de Gary L. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, RS, 2013.

USBORNE, Martin. **The silence of dogs in cars**. 2013. Disponível em:
<<http://www.martinusborne.com/dogs-in-cars>>. Acesso em: 15 jul. 2013

VARGAS JIMÉNEZ, Guillermo. **Arte**: algumas obras de Habacuc Guillermo Vargas. 2013. Disponível em: <<http://artehabacuc.blogspot.com.br/>> Acesso em: 17 nov. 2013.

WIKIMEDIA COMMONS. **Google art project works by William Hogarth**. 2013. Disponível em:
<http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Google_Art_Project_works_by_William_Hogarth>. Acesso em: 30 nov. 2013.

WIKIPAINTINGS. **Cats suggested as the fifty three stations of the Tokaido**. 2013a. Disponível em: <<http://www.wikipaintings.org/en/utagawa-kuniyoshi/cats-suggested-as-the-fifty-three-stations-of-the-tokaido>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

WIKIPAINTINGS. **Dog lying in the snow**. 2003b. Disponível em: <<http://www.wikipaintings.org/en/franz-marc/dog-lying-in-the-snow>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

WIKIPAINTINGS. **Dogs**. 2013c. Disponível em: <<http://www.wikipaintings.org/en/jean-michel-basquiat/dog>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

WIKIPAINTINGS. **Eli**. 2013d. Disponível em: <<http://www.wikipaintings.org/en/lucian-freud/eli-1>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

WIKIPAINTINGS. **Lucian Freud**. 2013e. Disponível em: <<http://www.wikipaintings.org/en/lucian-freud/mode/all-paintings/1>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

WIKIPAINTINGS. **Mandrill in the jungle**. 2013f. Disponível em: <<http://www.wikipaintings.org/en/henri-rousseau/mandrill-in-the-jungle-1909>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

WIKIPAINTINGS. **Portrait of Maurice**. 2013g. Disponível em: <<http://www.wikipaintings.org/en/andy-warhol/portrait-of-maurice>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

WIKIPAINTINGS. **White cat I**. 2013h. Disponível em: <<http://www.wikipaintings.org/en/m-c-escher/white-cat-i>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 7-72.

APÊNDICE A - PROJETO DE APRENDIZAGEM: SOMOS TODOS ANIMAIS

Estrutura Geral do Projeto de aprendizagem

1. Título:

- Somos todos Animais: Uma Identidade onde todas as diferenças são aceitas e legitimadas

2. Área:

- Ensino da arte

3. Subárea:

- Ética, filosofia, antropologia, sociologia, estudos culturais, biologia e português.

4. Nível de ensino:

- 1º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.

5. Duração:

- Ensino Fundamental: 13 semanas. Aula todas as quartas-feiras das 13h30 as 15h40.
- Ensino Médio: 13 semanas, 1º ano do Ensino Médio: aula todas as quintas-feiras, no 3º período das 15h10 às 16h.

5. Local:

- Escola Estadual de Ensino Fundamental Emílio Kemp, Rua Monteiro Lobato, 475 – Partenon, Porto Alegre - RS, 90620-270, fone: (51) 3336-6212 – Turma: 1º ano do Ensino Fundamental
- Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio, Av. Montenegro, 269 – Petrópolis, Porto Alegre - RS, 90460-160, fone: (51) 3331-2037 – Turma: 1º ano do Ensino Médio.

Tema / problemas principais

Considerando o ensino da arte como uma disciplina plural, transdisciplinar, que se insere na vida social do aluno e que tem a liberdade de percorrer campos distintos da arte, mas sempre por meio dela. Esta visão abre caminho para pensarmos o ensino da arte como um território de transformações, onde os alunos possam refletir sobre suas relações pessoais, sociais e ambientais, por meio de representações visuais, simbólicas e imagéticas.

(...) as representações visuais contribuem, assim como os espelhos, para a constituição de maneiras e modos de ser. As representações visuais derivam-se e ao mesmo tempo interagem de e com as formas de relação que cada ser humano estabelece, também com as formas de socialização e aculturação nas quais cada um se encontra imerso desde o nascimento e no decorrer da vida. Estas formas de relação contribuem para dar sentido à sua maneira de sentir e de pensar, de olhar-se e de olhar, não a partir de uma posição determinista, mas em constante interação com os outros e sua capacidade de agenciamento (*agency*).

Uma vez que as subjetividades são produzidas e transitam de maneiras reflexivas e corporificadas, a relevância das representações visuais adquire um papel fundamental. Não apenas por sua onipresença, mas pelo seu forte poder persuasivo: associam-se a práticas culturais (o que significa que fazem parte do que está acontecendo), vinculam-se a experiências de prazer (apresentam-se de forma agradável, como uma retórica visual e narrativa atrativa e trazendo satisfação) e estão relacionadas a formas de socialização (os sujeitos sentem-se como parte de um grupo com o qual se identificam). (HERNÁNDEZ, 2007, p. 31-32).

A partir destes pressupostos o presente projeto de aprendizagem se insere, nele o ensino da arte irá agenciar novas formas de subjetivação, através da experiência, o fazer artístico, a leitura de obras arte e da cultura visual ou campo de sentido da arte e contextualização/contexto²⁵ (artístico, histórico, antropológico e social) onde os alunos possam repensar, resignificar e recriar sua relação com os animais não humanos, a partir de uma visão ética, e afetiva. Esta proposta espera contribuir para que os alunos entendam seu pertencimento a espécie animal, a interdependência entre os seres vivos e a necessidade de respeito às diferentes formas de vida.

²⁵ Recorro aqui aos conceitos de Ana Mae Barbosa, que fazem parte da proposta em Arte/educação que surge em 1987, como Metodologia Triangular no Museu de Arte Contemporânea da USP, e mais tarde revista como Abordagem ou Proposta Triangular, onde o fazer, a leitura de obra de arte ou do campo de sentido da arte e a contextualização, querem seja histórica, cultural, social se baseiam em proposta de ações e não de conteúdos. (BARBOSA, 2010)

Dentro deste projeto também será trabalhado, como a arte se insere na vida dos alunos, e de que ela não está somente ligada à criação, imaginação, percepção e fazer, mas também a uma pesquisa, uma investigação sobre o tema, assunto e sentimento sobre o que se quer trabalhar, buscando a compreensão do aluno de que ela está ligada à vida e pode mudar nossas relações sociais e ambientais.

Justificativa

Nós animais humanos e não humanos habitamos o planeta Terra e o dividimos ao longo de toda sua história. Porém na maioria das vezes não reconhecemos nossa interdependência com estes seres vivos, e os usamos para nossa sobrevivência, alimentação, segurança, companhia e divertimento sem nenhum questionamento ético. Adotamos uma visão antropocentrista, onde o animal humano tem soberania sobre o não humano, esta concepção permeia a educação, a arte e a cultura visual.

Dentro desta visão antropocêntrica dos animais não humanos estão submersos os alunos onde o projeto de aprendizagem será desenvolvido. A partir das observações e conversas com os alunos e professora pude perceber em sua maioria, uma visão dos animais não humanos permeada de preconceitos intelectuais e emocionais, visão esta que os exclui de sua interdependência com estes seres, que os deixa livres de deveres para com os animais não humanos e que em muitas vezes abre caminho para a violência contra eles e em sua forma seguinte contra os seres mais indefesos de sua mesma espécie

Esta maneira de perceber os animais já esta sendo desconstruída por filósofos, sociólogos, antropólogos, biólogos e até mesmo na política e no direito. Este movimento de mudança nas relações entre animais humanos e não humanos busca o entendimento por parte dos animais humanos da interdependência entre os seres vivos, da sensiência dos animais não humanos, ou seja, sua capacidade ter sentimentos e emoções e por isso nossas obrigações éticas e deveres para com estes seres vivos que tem em sua vida um fim em si mesmo.

Portanto se faz necessário para a desconstrução de uma visão antropocêntrica o entendimento por parte dos alunos de seu pertencimento a esta mesma espécie animal, que sente, sofre e tem necessidades, abrindo caminho para o exercício da alteridade, seja para os animais não humanos e consequentemente animais humanos.

Considerando a arte como um território onde a partir das representações visuais, experiência, o fazer artístico, a leitura de obras arte e da cultura visual ou campo de sentido da arte e contextualização/contexto (artístico, histórico, antropológico e social) os alunos possam repensar suas subjetividades e identidades, e a partir disto, refletir de maneira, critica, ética e afetiva como são construídas as diferenças entre animais humanos e não humanos para dentro deste entendimento pensar novas formas de relação, de alteridade, ou seja, de subjetivação e identidade.

Objetivos de aprendizagem:

- Buscar o entendimento, por parte dos alunos, de que a arte não é somente técnicas, ou simplesmente um fazer, mas como algo que se insere em seu mundo pessoal e social.
- Compreensão dos alunos de que a arte é um campo de pesquisa e investigação, onde podemos experimentar, denunciar, comunicar, expressar sobre os mais variados temas.
- Contribuir para o entendimento, por parte dos alunos, de que os animais são seres sensíveis, ou seja, têm sentimentos e emoções.
- Contribuir para mudar a visão antropocêntrica dos alunos, em relação aos animais não humanos, através de artistas que têm um olhar sensível, ético e poético sobre os mesmos.
- Conhecer artistas que abordem o tema dos animais não humanos com perspectivas e linguagens artísticas variadas.
- Entender que a arte constrói objetos com significado, ideias e emoções.
- Conhecer, refletir, experimentar e diferenciar várias linguagens das artes visuais.
- Explorar as possibilidades artísticas de diferentes materiais, entre eles: tinta guache, cola, tesoura, variados materiais de desenho, massa de modelar, serigrafia e programas digitais de manipulação de imagem.

Objetivos de ensino:

- Contribuir por meio do ensino da arte, para que os alunos repensem sua relação com os animais não humanos a partir de uma visão ética e afetiva.

- Contribuir para que os alunos entendam seu pertencimento a espécie animal e com isso entendam a interdependência entre os seres e a necessidade de respeito às diferentes formas de vida.

Metodologia (procedimentos didáticos)

- Aulas expositivas e dialogadas.
- Vídeos, filmes (curta-metragens e documentários) e músicas.
- Atividades Lúdicas, inventivas e brincadeiras.
- Fazer artístico, dentro de diferentes linguagens das Artes Visuais.
- Leitura de obras de arte e da cultura visual ou campo de sentido da arte
- Reflexão sobre os temas.
- Pesquisa
- Contextualização/ Contexto (artístico, histórico, antropológico e social)

Avaliação (instrumentos e critérios)

- A Avaliação será processual, mediante o desenvolvimento do projeto, será observada a participação, colaboração nas atividades, reflexões sobre o assunto, entrega dos trabalhos propostos nos prazos e apreensão dos objetivos didáticos por parte de cada aluno.

Descrição do desenvolvimento e outros aspectos:

Projeto de aprendizagem para o 1º anos do Ensino Fundamental.

Escola Estadual de Ensino Fundamental Emílio Kemp.

Etapas previstas:

Observação: Durante as aulas de arte as crianças irão sentar-se em roda no chão. Esta ação tem o intuito de criarmos o momento da aula de artes e a possibilidade de contato visual entre todos.

1ª aula, 07/08:	Vamos brincar de misturar?
2ª aula, 14/08:	Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?
3ª aula, 21/08:	A história de meu animal
4ª aula, 28/08:	Meu animal de estimação, meu amigo.
5ª aula, 04/09:	Vamos ajudar o fulaninho?
6ª aula, 11/09:	Término dos trabalhos anteriores
7ª aula, 18/09:	Conhecendo as cores de um jeito diferente?
8ª aula, 25/09:	Brincando de pintar ao som dos animais?
9ª aula, 02/10:	Com que animal eu gostaria de parecer?
10ª aula, 09/10:	Autorretrato animal.
11ª aula, 16/10:	Impressões de identidades
12ª aula, 23/10:	Impressões de identidades
13ª aula, 30/10:	Impressões de identidades
14ª aula, 06/11:	Impressões de identidade: nos rastros da amizade

1ª aula, 07 de agosto:

Vamos brincar de misturar?

Objetivos:

- Proporcionar aos alunos a possibilidade de desconstruir uma imagem e recriá-la de forma diferente.
- Explorar as melhores formas de utilização da tesoura.

- Proporcionar aos alunos um primeiro contato com artistas que trabalhem com a temática dos animais.
- Ter contatos com diferentes linguagens das artes visuais.
- Primeiro contato com formas híbridas nos trabalhos de arte.
- Contribuir para os alunos explorarem as quantidades necessárias de uso da cola no ato de colar.
- Possibilitar aos alunos a descoberta de que podemos fazer arte manipulando imagens prontas e também interferindo nelas.

Recursos:

- Fotocópias P/B de diversas obras de arte e da cultura visual onde apareçam representações da figura dos animais humanos e não humanos em diversas linguagens artísticas (Britta Jaschinski, David Hockney, Édouard Manet, Eugène Delacroix, Franz Marc, Frida Kahlo, Henri Cartier-Bresson, Leonardo da Vinci, Lucian Freud, Paul Klee, Van Gogh entre outros.).
- Folhas sulfite tamanho A3 e folhas coloridas (sulfite e de revistas)
- Tesouras e colas.
- Materiais de desenho: lápis de cor, giz de cera, giz pastel oleoso.

Processos:

- Nesta proposta inicial os alunos serão instigados a misturar, através de recorte e colagem, representações da figura dos animais humanos e não humanos, a partir de fotocópias de diversas obras de arte e da cultura visual que serão levadas pela professora. Depois da montagem de uma imagem híbrida pelos alunos, será disponibilizado pela professora vários materiais de desenho e papéis coloridos para os alunos interferirem e colorirem os seus trabalhos. No final da aula cada aluno irá mostrar seu trabalho para o grupo e contar o que pensou e sentiu ao fazê-lo, o grupo poderá contribuir com sua leitura do trabalho do colega.

Encaminhamentos:

- No final da aula será solicitado aos alunos e escrito em suas agendas que na nossa 3ª aula eles deverão trazer a foto de seu animal de estimação se

tiverem, e se não, procurar a imagem, em revistas e/ou na internet do animalzinho que gostaria de ter e trazer para a aula.

2ª aula, 14 de agosto:

Vamos ajudar os animais a encontrarem suas casas?

Objetivos:

- Sensibilização dos alunos perante os animais silvestres que são tirados de seus habitats naturais e de cães e gatos abandonados na rua.
- Primeiras ideias e conceitos sobre bem-estar animal, sensibilidade, animais silvestres e domésticos.
- Proporcionar aos alunos o exercício da alteridade, ao se colocarem no lugar dos animais e pensarem como eles se sentiriam fora de seus lares.
- Entendimento por parte dos alunos de que os animais têm algumas necessidades parecidas com as deles e com isso contribuir para criar uma sensação de igualdade entre eles e os animais não humanos.
- Conhecer e experimentar diferentes linguagens das artes visuais e diferentes formas de representarmos os animais.
- Estimular os alunos a explorarem o desenho e o uso da palavra como uma ferramenta expressiva para comunicar suas vivências, imaginação, ideias, sentimentos e emoções.

Recursos:

- Impressão colorida e plastificada das obras dos artistas a serem utilizados.
- Folhas Sulfite tamanho A3.
- Materiais de desenho: canetinha hidrocor, lápis de cor, giz de cera, giz pastel oleoso.

Processos:

- **Primeira etapa:** consistirá em uma conversa e alguns questionamentos aos alunos, estes questionamentos serão feitos a partir de imagens de animais fora de seu habitat natural, ou sem abrigo, inicialmente com as imagens dos fotógrafos, Britta Jaschinski e seus animais silvestres fora de seu contexto,

Martin Usborne e suas fotografias de cães abandonados em carros, Eduardo Climachauska com fotografias noturnas de cães de rua, Henri Cartier-Bresson com fotografias de gatos de rua e Troy abbott com suas instalações de gaiolas com fotos de pássaros dentro.

- **Primeiro questionamento e segunda etapa:** Perguntar se eles sabem aonde é a casa desses animais mostrados? E a partir das respostas mostrar imagens de artistas que retratem os animais silvestres em seu meio natural e animais domésticos em suas casas, Lucian Freud e seu animal de estimação Eli, Olly and Suzi e suas pinturas de animais na natureza entre outros.
- **Segundo questionamento e início da sensibilização:** Como nos sentimos na nossa casa? Como estes animais devem se sentir fora de suas casas? Será que eles ficam tristes? O que será que acontece com animais silvestres que vivem em gaiolas e cães e gatos de rua que não tem um abrigo?
- **Terceira etapa, proposta de trabalho:** Voltar a mostrar para os alunos as imagens da primeira etapa, onde os estão fora de seu habitat natural ou sem abrigo, e pedir a ajuda deles para pensarem em lares para estes animais onde eles se sintam felizes. Propor aos alunos que representem através do desenho o animal escolhido no lar que eles imaginaram. No final da aula cada aluno irá mostrar seu trabalho para o grupo e contar o que pensou e sentiu ao fazê-lo, o grupo poderá contribuir com sua leitura do trabalho do colega.

3ª aula, 21 de agosto:

Quem é meu animal de estimação? Nos conte sua história, seu nome, o que ele tem/faz de especial e porque você gosta dele?

Se você tivesse um animal de estimação qual seria? Por quê? Que nome ele teria, o que ele faria de especial e porque gostaria dele?

Objetivos:

- Contribuir para que os alunos explorem e aumentem sua ligação afetiva com seus animais de estimação.
- Reflexão do aluno sobre a capacidade dos animais terem sentimentos e emoções, ou seja, a sensibilidade e pensar o que lhe proporciona bem-estar.

- Estimular os alunos a explorar o uso da palavra como uma ferramenta expressiva para comunicar suas vivências, ideias, imaginação, sentimentos e emoções.
- Identificar e comparar, a partir das imagens e conversas, que tanto como nós os animais também têm a necessidade de sentir-se bem.
- Explorar as melhores formas de uso da tesoura.
- Contribuir para os alunos explorarem as quantidades necessárias de uso da cola no ato de colar.
- Leitura de imagens da cultura visual

Recursos:

- Fotografias trazidas pelos alunos de seus animais de estimação.
- Papel pardo
- Tesouras e colas.
- Revistas

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Para exemplificar a proposta aos alunos e criar uma ligação afetiva entre nós, eu irei apresentar a foto de meus animais de estimação, dizer seus nomes, contar suas histórias, dizer o que cada um tem de especial e o porquê gosto deles. Logo em seguida, aluno por aluno, será convidado a mostrar a foto de seu animal de estimação, que já havia sido solicitada na primeira semana de aula, e nos contar a história dele, seu nome, o que faz/tem de especial e porque gosta dele. Se o aluno não tiver nenhum animal de estimação, ele deverá trazer a foto do animal que gostaria de ter e responder por que escolheu aquele animal? Que nome ele teria, o que ele faria de especial e porque gostaria dele?
- **Segunda etapa, questionamentos:** Após todos os alunos apresentarem seus animais de estimação, iniciarei os seguintes questionamentos; o que nossos amigos animais precisam para viver bem? Será que é só alimentação, abrigo e passeios? Será que eles precisam de carinho e atenção? Instigar os alunos a contarem mais histórias de seus animais que envolva afeto e atenção.

- **Terceira etapa, proposta de trabalho:** Entregar aos alunos revistas e pedir que recortem coisas que deixariam seus animais felizes e coisas que deixariam eles felizes. Após todos recortarem vamos fazer uma colagem coletiva com as imagens recortadas e conversar sobre estas coisas que nos fazem bem, ou seja, que nos dão bem-estar, a nós e aos animais também.
 - **Encaminhamentos:** as fotografias trazidas pelos alunos ficaram com a professora de artes para serem utilizadas na aula seguinte.
-

4ª aula, 28 de agosto:

Meu animal de estimação, meu amigo.

Objetivos:

- Conhecer e experimentar, diferentes linguagens das artes visuais e diferentes formas de representarmos os animais.
- Contribuir para que os alunos explorem e aumentem sua ligação afetiva com seus animais de estimação.
- Leitura de obra de arte
- Estimular os alunos a explorarem o desenho como uma ferramenta expressiva para comunicar suas vivências, idéias, sentimentos e emoções.
- Entendimento por parte dos alunos da possibilidade de utilizarem como referência, obras que outras pessoas fizeram, trabalhar com releitura de uma obra de arte de forma indireta.

Recursos:

- Impressão colorida e plastificada das obras dos artistas a serem utilizados.
- Folhas Sulfite tamanho A3.
- Materiais de desenho: canetinha hidrocor, lápis de cor, giz de cera, giz pastel oleoso.
- Fotografias trazidas pelos alunos de seus animais de estimação.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Relembrar os alunos de nossa aula passada a partir da colagem feita por todos. Em seguida mostrarei a todo imagens de artistas que

retratam seus animais de estimação, serão trazidas principalmente obras que contenham os animais citados pelos alunos na aula passada. Artistas William Wegman e suas fotografias de seus cães em diferentes situações, Mary Britton Clouse e suas fotografias de galinha assumindo a posição de um animal doméstico, Lucian Freud e suas pintura de seu cão Eli, Leonardo Da Vinci e seus desenho de gatos, Paul Klee e suas pintura de gatos, David Hockney e suas pintura de seu cão, Andy Warhol com serigrafias de cão e gato, Jean-Michel Basquiat e sua pintura de um cão, Maurits Cornelis Escher e litogravura de um gato e uma pintura de um cão de Franz Marc. Após mostrar as imagens aos alunos e todos comentarem algo sobre as obras, propor diferentes leituras por parte dos alunos, de cada imagem mostrada e de como cada artista representa os animais de formas diferentes.

- **Segunda etapa:** Após as observações e considerações de cada aluno, pedir que escolham a obra ou obras que mais gostaram e em seguida solicitar, que retratem seu animal de estimação, utilizando as linguagens das obras que mais gostaram. No final da aula cada aluno irá mostrar seu trabalho para o grupo e contar o que pensou e sentiu ao fazê-lo, o grupo poderá contribuir com sua leitura do trabalho do colega.

5ª aula, 04 de setembro:

Vamos ajudar o Fulaninho?

Objetivos:

- Proporcionar aos alunos o exercício da alteridade, ao se colocarem no lugar do Fulaninho.
- Refletir e construir um olhar sensível, sobre a condição dos animais que estão abandonados na rua.
- Utilizar a arte como possibilidade de expor suas ideias sobre um tema.
- Estimular os alunos a explorarem o desenho e o uso da palavra como uma ferramenta expressiva para comunicar suas vivências, ideias, imaginação, sentimentos e emoções.
- Entendimento por parte dos alunos da nossa responsabilidade para com nossos animais de estimação.

Recursos:

- Curta-metragem: *Fulaninho, o cão que ninguém queria*. Duração: 19min
- Folhas Sulfite tamanho A3.
- Materiais de desenho: canetinha hidrocor, lápis de cor, giz de cera, giz pastel oleoso.
- Fotografias de um cão, uma cadela, uma gata e um gato sem lar.

Procedimentos:

- **Primeira etapa, sensibilização:** Apresentação do curta-metragem *Fulaninho, o cão que ninguém queria*, do Instituto Nina Rosa, disponível para download no youtube, que conta a história de um cão abandonado e sua jornada para encontrar um lar.
 - **Segunda etapa, questionamentos:** Porque as pessoas abandonaram o Fulaninho? Será que isto é certo? Como será que o Fulaninho se sentiu ao ser abandonado? E depois como se sentiu ao ser adotado?
 - **Terceira etapa, proposta de trabalho:** Mostrar aos alunos fotografias de um cão, uma cadela, um gato e uma gata que não tem lar como o Fulaninho e perguntar se com a linguagem do desenho podemos ajudar de alguma maneira estes animais? Instigar os alunos a criarem cartazes para a divulgação dos animais para adoção? No final da aula cada aluno irá mostrar seu trabalho para o grupo e contar o que pensou e sentiu ao fazê-lo, o grupo poderá contribuir com sua leitura do trabalho do colega.
-

6ª aula, 11 de setembro:

Término dos trabalhos anteriores.

7ª aula, 18 de setembro:

Conhecendo as cores de um jeito diferente?

Objetivos:

- Explorar formas tridimensionais dos animais com a massinha de modelar de sal.
- Entender a diferença entre formas bidimensionais e tridimensionais.
- Conhecer diferentes artistas que trabalhem com escultura de animais.
- Conhecer e identificar as diferentes cores e como elas são formadas.
- Conhecer diferentes sons de animais.
- Experimentar as possibilidades da modelagem.

Recursos:

- Massinha de modelar de sal nas cores: vermelho magenta, azul, amarelo, branco preto, verde, laranja e roxo.
- Impressão colorida e plastificada das obras dos artistas a serem utilizados.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Nesta etapa será trabalhada uma dificuldade dos alunos percebida durante o estágio, alguns não conhecem os nomes das cores nem suas misturas. Apresentar o material a ser utilizado aos alunos e iniciar os questionamentos sobre qual seria a cor de cada massinha? Relacionar as cores vistas nas massinhas com materiais que estão na sala de aula.
- **Segunda etapa:** Distribuir para cada aluno 2 pedaços pequenos de massinha nas cores vermelho magenta, azul e amarelo. Propor que misture os pedaços entre si para ver que cores podem conseguir. Conversar com os alunos sobre as cores que conseguiram em cada mistura.
- **Terceira etapa:** Mostrar imagens de artistas que trabalhem com esculturas de animais sob diferentes perspectivas e procedimentos: Deborah Butterfield e seus cavalos de madeira, Tanya Brett e suas esculturas de animais, Will Kurtz esculturas de cães modelados com revistas, Maico Akiba escultura de animais que carregam a humanidade no dorso e Shintaro Ohata e suas esculturas de uma menina e um gato ou um cavalo. Propor aos alunos, de forma lúdica e livre, que inspirados nas imagens criem formas tridimensionais de animais, enquanto os alunos brincam com as massinhas, ir questionando aos mesmos, sobre quais cores estão utilizando.

- **Encaminhamentos:** Avisar aos alunos e colocar na agenda deles que na próxima aula iremos mexer com tinta, e por isso se faz necessário vir com uma roupa que não tenha problemas em ser suja e também trazer uma toalha.
-

8ª aula, 25 de setembro:

Brincando de pintar ao som dos animais?

Objetivos:

- Ampliar as possibilidades do movimento como expressão gráfica, a partir do uso das mãos e pés para pintar.
- Reconhecer diferentes sons de animais.
- Explorar as possibilidades da tinta dentro do movimento.
- Ter os primeiros contatos com a tinta guache.
- Exploração do corpo e suas possibilidades e movimentos.

Recursos:

- Papel sulfite em rolo ou papel Kraft.
- Tinta guache.
- Potes para colocar as tintas, que caibam as mãos e pés das crianças.
- Roupa que poderá ser suja e toalha que os alunos irão trazer de casa.
- Aparelho de som e disco compacto com sons de animais.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Organizar os materiais, papel colado no chão e tintas nos potes. Explicar as regras da brincadeira para os alunos: iremos escutar sons de animais diferentes, e que a cada som novo, eles podem pegar uma cor de tinta e molhar suas mãos ou pés e pintar o papel conforme o som nos movimentamos.
- **Segunda etapa:** No final o papel será retirado do chão e colado na parede, e os alunos irão compartilhar o que sentiram. A professora irá pedir em forma de jogo que os alunos encontrem as cores da tinta que ela irá mostrar segurando o pote, e pedir que digam o nome da cor.
- **Encaminhamentos:** O Papel retirado do chão será guardado, pois com ele será desenvolvido o trabalho final.

9ª aula, 02 de outubro:

Com que animal eu gostaria de parecer?

Objetivos:

- Conhecer e identificar diferentes espécies de animais que existem, como elas vivem e o que precisam para ter seu bem-estar assegurado.
- Estimular os alunos ao ato de pesquisar sobre um tema.
- Ter autonomia e liberdade para sozinho tomar suas decisões.

Recursos:

- Livro: MARTINS, Georgina. *Com quem será que eu me pareço?* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- Livros, revistas e imagens de animais das mais variadas espécies.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Contar de forma lúdica e teatral a história do livro, *Com quem será que eu me pareço?* Após a leitura da história, perguntar aos alunos se eles fossem um animal com qual eles gostariam de parecer e por quê?
- **Segunda etapa:** Distribuir aos alunos, livros, revistas e imagens de animais das mais variadas espécies e pedir que os olhem e escolham o animal que mais gostarem e que gostariam de parecer, pelos mais variados motivos.
- **Terceira etapa:** Nesta etapa irei ver o animal que cada aluno escolheu e individualmente, ler para e com ele, as qualidades e curiosidades deste animal. Posteriormente fazer uma ficha que contenha a imagem do animal e a visão que o aluno teve dele a partir de sua pesquisa e das seguintes questões: Aonde este animal vive? O que este animal tem de especial? O que ele precisa para viver e ser feliz? Neste primeiro momento as fichas irão ficar com a professora.
- **Encaminhamentos:** Pedir aos alunos e escrever em suas agendas que na próxima aula deverá ser trazido de casa um espelho para a aula de artes e que também iremos utilizar tinta, e por isso se faz necessário vir com uma roupa que não tenha problemas em ser suja e também trazer uma toalha.

10ª aula, 09 de outubro:

Autorretrato animal.

Objetivos:

- Conhecer diferentes possibilidades de criação de um autorretrato.
- Proporcionar aos alunos a experimentação de sua imaginação dentro dos processos de criação artística.
- Explorar as possibilidades da tinta guache dentro da pintura.
- Utilizar os conceitos de mistura de tintas aprendidos na 7ª aula.
- Estimular os alunos a explorarem a pintura como ferramenta expressiva para comunicar suas vivências, idéias, imaginação, sentimentos e emoções.

Recursos:

- Papel Kraft com gramatura 250 ou 300 gramas.
- Tinta Guache.
- Pinceis
- Espelhos
- Potes para a colocação das tintas.
- Roupa que poderá ser suja e toalha que os alunos irão trazer de casa.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Entregar as fichas da aula passada para os alunos e revisar o que eles disseram sobre seus animais.
- **Segunda etapa:** Pedir aos mesmos que olhem suas imagens no espelho com atenção, depois de alguns minutos pedir que imaginem sua imagem misturada com a do animal escolhido, deixar livre para os alunos se expressarem como os animais escolhidos.
- **Terceira etapa:** Entrega das folhas e potes com tintas. Pedir aos alunos que olhem no espelho e que novamente imaginem sua imagem misturada com a do animal escolhido, em seguida pedir que agora pintem nas folhas a imagem que estão vendo. No final da aula cada aluno irá mostrar seu trabalho para o grupo

e contar o que pensou e sentiu ao fazê-lo, o grupo poderá contribuir com sua leitura do trabalho do colega.

11ª aula, 16 de outubro:

Impressões de identidades

Objetivos:

- Primeiro contato com a ideia de uma exposição de arte.
- Conhecer o trabalho da artista Regina Silveira.
- Conhecer e experimentar as linguagens da gravura e impressão corporal.
- Explorar o corpo como objeto artístico nas impressões de suas mãos e pés.
- Pesquisar sobre a marca que seu animal não humano deixa no chão.
- Associar a pesquisa de um tema a uma produção artística.

Recursos:

- DVD: *O artista e eu* / Instituto Arte na Escola ; autoria de Sílvia Sell Duarte Pillotto ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006. (DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 124)
- Televisão e Notebook da escola.
- Impressão colorida e plastificada das obras da artista Regina Silveira a serem utilizados.
- Lápis de desenho.
- Papel sulfite.

Procedimentos

- **Primeira etapa:** Mostrar aos alunos os trabalhos da artista Regina Silveira: *Passeio Selvagem*, que se trata de uma série de projeções em prédios de São Paulo, tais como Memorial da América Latina, o Copan e o Minhocão. E a exposição *O Olho e o Lugar - Regina Silveira Para Crianças*, realizada em 2009 na Galeria Neuter Michelin, em São Paulo.
- **Segunda Etapa:** Perguntar as crianças como seriam as patas dos animais que elas escolheram durante a pesquisa, fazer busca de pegadas na internet e nos

livros já trazidos na 8ª aula e pedir que desenhem como seria essa impressão da pata do seu animal não humano.

- **Encaminhamentos:** Cada aluno levará para casa sua ficha feita na 8ª aula com instruções aos pais para trabalharem as frases com seus filhos, pois as mesmas serão apresentadas no último dia de aula, e já enviar o convite para a exposição dos alunos.
- **Encaminhamentos 2:** A professora irá produzir os carimbos da pegada de cada animal escolhido pelos alunos.

12ª aula, 23 de outubro:

Impressões de identidades

Objetivos:

- Conhecer e experimentar as linguagens artísticas da gravura e impressão corporal.
- Explorar o corpo como objeto artístico nas impressões de suas mãos e pés.
- Valorização de seus trabalhos, com a ideia de expor os mesmos na escola.
- Estimular nos alunos a leitura e a expressão de suas ideias, imaginação, sentimentos e emoções através da fala.

Recursos:

- Pintura feita pelos alunos na 8ª aula, Brincando de pintar ao som dos animais.
- Potes.
- Tinta guache na cor preta.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Explicar aos alunos a proposta de nossa última aula na semana seguinte dia 06 de novembro e que diferente dos outros dias irá durar todo o tempo da aula, das 13h30 as 17h00. Nesta data faremos a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos, com participação da escola e da comunidade. Nesta dia os alunos terão seus rostos pintados pela professora, inspirado no animal escolhido por cada um na pesquisa da 8ª aula, esta pintura será um presente da professora para os alunos no nosso último encontro. No

final desta ação, os alunos irão apresentar as frases que criaram sobre o seu animal nas fichas de pesquisa para a escola e a comunidade que visitarem a exposição dos seus trabalhos na sala de aula.

- **Segunda etapa:** Estender pela sala a pintura feita pelos alunos na 8ª aula, Brincando de pintar ao som dos animais. Cada aluno será convidada individualmente, para a professora conseguir auxiliar, a molhar seus pés e mãos na tinta preta e imprimi-los na pintura feita pelos mesmos.

13ª aula, 30 de outubro:

Impressões de identidades

Objetivos:

- Conhecer e experimentar as linguagens artísticas da gravura e impressão corporal.
- Explorar o corpo como objeto artístico nas impressões de suas mãos e pés.
- Valorização de seus trabalhos, com a ideia de expor os mesmos na escola.
- Estimular nos alunos a leitura e a expressão de suas ideias, imaginação, sentimentos e emoções através da fala.

Recursos:

- Pintura feita pelos alunos na 8ª aula, Brincando de pintar ao som dos animais.
- Potes.
- Tinta guache na cor preta.
- Carimbos produzidos pela professora com E.V.A

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Estender novamente pela sala a pintura feita pelos alunos na 8ª aula, Brincando de pintar ao som dos animais, já com as pegadas dos alunos. A professora irá entregar os carimbos das pegadas dos animais de cada aluno e pedir que molhem o carimbo na tinta e se sintam livres para carimbar pela pintura.

14ª aula, 06 de novembro:

Impressões de identidade: nos rastros da amizade

Objetivos:

- Integração dos alunos com a professora e comunidade escolar.
- Valorização de seus trabalhos e de seus colegas.
- Proporcionar aos alunos a experiência de apresentar suas ideias e opiniões, através da fala, a um grande grupo.

Recursos:

- Tinta para pintura facial em cores variadas.
- Fita dupla face.

Procedimentos:

- **Encaminhamentos:** Montagem da exposição realizada pela professora.
 - **Primeira etapa:** Pintura facial feita pela professora nos alunos, inspirado no animal escolhido por cada um na pesquisa da 8ª aula, esta pintura será um presente da professora neste nosso último encontro.
 - **Segunda etapa:** Recordar com cada aluno sua frase e encaminhá-los para onde estará a exposição de seus trabalhos, neste espaço já estarão as professoras, outros alunos e comunidade. Cada aluno irá dizer que animal ele escolheu, porque, aonde este animal vive, o que este animal tem de especial, o que ele precisa para viver e ser feliz.
-

Projeto de aprendizagem para o 1º ano do Ensino Médio.

Colégio Estadual Florinda Tubino Sampaio.

Etapas previstas:

Observações: Mantenho com esta turma um grupo no site de relacionamentos Facebook, onde os alunos podem tirar dúvidas, postar vídeos, imagens, textos e etc, e eu enquanto professora, também posto vídeos, imagens, textos e etc, para complementarmos nossas aulas. Além disso, esta ferramenta possibilita uma ligação afetiva entre aluno e professor.

1ª aula, 15/08:	Colagem: uma proposta híbrida.
	Greve
2ª aula, 19/09:	Animais seres senscientes
3ª aula, 26/09	Ética e poética no uso e representações de animais na arte. O que a imagem de um animal não humano causa em nós?
4ª aula, 03/10:	Como vemos os animais, como os animais nos veem?
5ª aula, 10/10:	Projeto: Somos todos animais - Introdução
6ª aula, 17/10:	Perfil híbrido: minha identidade animal.
7ª aula, 24/10:	Comunicação visual: imagem e significado.
8ª aula, 31/10:	Cartazes: um manifesto virtual.
9ª aula, 07/11:	Cartazes: um manifesto virtual
10ª aula, 14/11:	Arte viral: um manifesto na rede.
11ª aula, 21/11:	Camisetas: um manifesto sob a pele.
12ª aula, 28/11:	Camisetas: um manifesto sob a pele.
13ª aula, 05/12:	Exposição: nome a ser escolhido com os alunos

1ª aula, 15 de agosto:

Colagem: uma proposta híbrida.

Objetivos:

- Proporcionar os alunos a possibilidade de desconstruir uma imagem e recriá-la de forma diferente.

- Conhecer diferentes linguagens das artes visuais
- Conhecer artistas que criam seres híbridos.
- Possibilitar aos alunos a descoberta de que podemos fazer arte manipulando imagens prontas e também interferindo nelas.
- Utilização da colagem e do desenho como formas de expressão.
- Início da ideia de pertencimento a espécie animal.
- Reflexão e leitura das obras dos artistas e dos próprios alunos.
- Experimentação da linguagem híbrida nos seus trabalhos.

Recursos:

- Fotocópias P/B de diversas obras de arte e da cultura visual onde apareçam representações da figura dos animais humanos e não humanos em diversas linguagens artísticas (Britta Jaschinski, David Hockney, Édouard Manet, Eugène Delacroix, Franz Marc, Frida Kahlo, Henri Cartier-Bresson, Leonardo da Vinci, Lucian Freud, Paul klee, Van Gogh). - walmor Correa
- Impressões coloridas e plastificadas de artistas que trabalhem com seres híbridos: Nara Amelia (desenho antropomórfico), Marcus Coates (Objetos zoomorfismo), Liue Xue (esculturas), Alessandro Gallo (esculturas), Patricia Piccinini (esculturas).
- Folhas Sulfite tamanho A4.
- Tesouras e Colas.
- Materiais de desenho: lápis de cor, giz de cera, giz pastel oleoso.

Processos:

- **Primeira parte:** Apresentar aos alunos as imagens dos artistas que trabalhem com seres híbridos e questionar o que eles sentem ao ver aquelas imagens, o que mexe neles, será que somos tão diferentes assim?
- **Segunda parte:** Distribuir aos alunos diversas fotocópias e recortes de revistas, que contenham a figura dos animais humanos e não humanos. Instigar os mesmos a fazerem seu próprio ser híbrido, os deixando livres se quiserem trabalhar só com colagem, desenho ou misturar os dois. No final da aula cada aluno irá mostrar seu trabalho para o grupo e compartilhar suas escolhas, o grupo poderá contribuir com sua leitura do trabalho do colega.

2ª aula, 19 de setembro:

Animais seres sensíveis

Objetivos:

- Compreensão por parte dos alunos da sensibilidade animal e com isso possibilitar uma visão mais ética e afetiva para com os animais, e de pertencimento a mesma espécie.
- Compreender o conceito de bem-estar dos animais domésticos, silvestres, de produção e entretenimento.
- Refletir sobre como os animais são tratados por nós.

Recursos:

- Vídeo *El planeta tierra eres Tú*, disponível para download no link: <http://www.youtube.com/watch?v=3gf49gwNi3w>
- Trailer do Documentário *Terráqueos*, que pode ser baixado no link: <http://www.youtube.com/watch?v=IEeBWHZs2wg>
- Marcar sala de vídeo com antecedência.
- Organizar com outro professor para ter dois períodos com a turma.
- Reflexão crítica por parte dos alunos de como é construída as diferenças entre animais não humanos e humanos.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Apresentação do vídeo.
- **Segunda etapa:** Conversa com os alunos sobre os conceitos apresentados no documentário. Perguntar se os mesmos já sabiam de algo que foi mostrado? O que sentiram? O que pensam sobre os animais? Se concordam ou não com as ideias apresentadas nos vídeos?
- **Encaminhamentos:** Propor aos alunos um trabalho que deverá ser feito até nossa quarta aula dia 05 de setembro, os mesmos terão possibilidade de postar seus trabalhos no grupo da turma no site de relacionamentos Facebook. Trabalho: Como vemos os animais? Como os animais nos veem? Este trabalho será feito em casa pelos alunos, a proposta consiste em os alunos escolherem

um animal não humano próximo a eles, seja seu animal de estimação, de um vizinho, um pássaro da rua e etc. E refletir sobre as perguntas - Como vemos os animais? Como os animais nos veem? – após a escolha do animal e suas reflexões os alunos deverão fotografar a visão que o animal tem deles e qual a visão que eles têm do animal.

3ª aula, 26 de setembro:

Ética e poética no uso e representações de animais na arte.

O que a imagem de um animal não humano causa em nós?

Objetivos:

- Reflexão crítica por parte dos alunos sobre o uso e representação dos animais na arte a partir de uma perspectiva ética.
- Entendimento por parte dos alunos que as imagens e obras de arte contem um significado próprio.
- Utilizar a escrita para expressar suas opiniões sobre o assunto.
- Conhecer diferentes artistas e linguagens das artes visuais que utilizem a imagem dos animais.
- Conhecer artistas e seus processos de pesquisa e investigação.
- Conhecer artistas que tenham um tema ligado à vida, ao social, que expõe ideias, fatos, denuncia.
- Identificar a partir das obras e dos questionamentos os animais como seu semelhante.
- Reflexão crítica por parte dos alunos de como é construída as diferenças entre animais não humanos e humanos.

Recursos:

- Impressão colorida e plastificada das obras dos artistas a serem utilizados.
- Folha pautada e caneta.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Fazer uma roda com os alunos e iniciar a apresentação das obras e as contextualizar para os alunos. Abrir a conversa perguntando o que

cada aluno achou das obras? O que elas causaram neles? Artistas a serem utilizados:

- **Artistas com olhares sensíveis e poéticos sob os animais não humanos:** Martin Usborne (Fotografia de cães abandonados em carros), Eduardo Climachauska (Fotografia de cães de rua a noite), Elliot Erwitt (Fotografia de cães), Britta Jaschinski (Fotografia de animais fora de seus habitats naturais), Lucian Freud (Pintura de seu cão Eli), Paul Klee (Pintura de gatos), Andy Warhol (Cão e gato pop art), Troy abbott (Pássaros em gaiolas), Mary Britton Clouse (Fotografias com galinhas), Olly and Suzi (Pintura animais na natureza), Angela Singer (usa animais descartados que foram troféus de caça) e Sue Coe (pinturas)
- **O limite tênue da ética na arte:** Kate Clark (Peles de animais para esculturas), Damien Hirst (Corpos de animais mortos em um aquário), Eduardo Kac (Bio art, transgênicos) limite entre arte ética, Mark Dion (Taxidermia) Nuno Ramos, Guilherme Vargas “Habacuc”
- **Segunda etapa:** Traçar um paralelo entre os artistas e os diferentes usos e representações dos animais nas imagens apresentadas, em relação aos artistas com olhares sensíveis e poéticos sob os animais não humanos e os limites entre arte e ética. Convocar os alunos a participarem com opiniões sobre o tema.
- **Terceira etapa:** Cada aluno deverá escolher uma imagem e criar um texto crítico sobre a mesma, aonde primeiramente irá fazer uma leitura da imagem e sem seguida dar as suas impressões sobre como é usada/reproduzida a imagem do animal não humano.

4ª aula, 03 de outubro:

Como vemos os animais, como os animais nos vêem?

Objetivos:

- Leitura de imagens por parte dos alunos das fotografias tiradas por eles e pelos colegas.

- Reflexão crítica sobre a relação entre animais humanos e não humanos.
- Reflexão sobre como os animais nos vêem e como vemos os animais a nossa volta.
- Uso da fotografia como uma ferramenta poética, expressiva e estética.

Recursos:

- Agendar com antecedência sala do Data Show.

Procedimentos:

- **Primeira parte:** descarregar todas as imagens para o notebook.
- **Segunda parte:** Cada aluno terá 5 minutos para apresentar suas fotografias e explicar sua visão, os colegas podem interferir com perguntas. No final será feito uma conversa sobre o que os alunos sentiram com este trabalho.

5ª aula, 10 de outubro:

Projeto: Somos todos animais – Introdução

Objetivos:

- Engajamento do aluno na proposta dos trabalhos que se seguem.
- Compreensão que a arte pode estar ligada a vida, ao social e que com ela transmitimos imagens que contem significados próprios.
- Conhecer e refletir a partir das obras de artistas que tenham uma produção ligada a vida, ao social, as relações dos animais humanos e não humanos, que exponham ideias, fatos ou denunciem.

Recursos:

- Impressões coloridas e plastificadas dos artistas a serem trabalhados.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Explicar aos alunos os 3 trabalhos que faremos nas próximas aulas, contextualizar aos alunos que esta proposta faz parte de uma temática de arte ligada a vida, que através de um trabalho poético eles poderão comunicar as pessoas suas visões sobre os animais não humanos. Colocar

aos alunos que os trabalhos foram pensados nas coisas que tem haver com o cotidiano deles, mas agora sob um novo enfoque.

- **Segunda etapa:** Mostrar aos alunos imagens de artistas que tenham uma produção artística ligada a vida, ao social, as relações dos animais humanos e não humanos, que exponham ideias, fatos ou denunciem. Trarei alguns dos artistas citados anteriormente, o grupo Guerrilla Girls e outros artistas a serem pesquisados.
- **Terceira etapa:** Como na semana seguinte não teremos aula em virtude dos conselhos de classe pedir aos alunos a realização de uma pesquisa que fará parte do trabalho da 7ª aula dia 03 de outubro. Cada aluno irá escolher qual temática irá pesquisar se serão os animais domésticos, silvestres, de produção ou entretenimento. Itens a serem pesquisados: quem são e como vivem estes animais, o que é bem-estar e o que são maus tratos dentro deste grupo, qual sua visão destes animais, o que podemos fazer para ajudar este grupo de animais, pesquisar propagandas de revistas, jornais e televisão que toquem as pessoas sobre a condição deste grupo de animais.

6ª aula, 17 de outubro:

Perfil híbrido: minha identidade animal.

Objetivos didáticos:

- Desconstrução de sua imagem.
- Conhecer diferentes linguagens das artes visuais
- Conhecer artistas que criam seres híbridos.
- Possibilitar aos alunos a descoberta de que podemos fazer arte manipulando imagens prontas e também interferindo nelas.
- Utilização da colagem, desenho e aquarela como formas de expressão.
- Início da ideia de pertencimento a espécie animal.
- Reflexão e leitura das obras dos artistas e dos próprios alunos.
- Experimentação da linguagem híbrida nos seus trabalhos.
- Pensar na ligação entre sua imagem a dos animais.
- Pensar sua identidade relacionada a um animal não humano.

Recursos:

- Fotocópias P/B de diversas obras de arte e da cultura visual onde apareçam representações da figura animal em diversas linguagens artísticas (Britta Jaschinski, David Hockney, Édouard Manet, Eugène Delacroix, Franz Marc, Frida Kahlo, Henri Cartier-Bresson, Leonardo da Vinci, Lucian Freud, Paul Klee, Van Gogh).
- Impressões coloridas e plastificadas de artistas que trabalhem com seres híbridos: Nara Amelia (desenho antropomórfico), Marcus Coates (Objetos zoomorfismo), Liue Xue (esculturas), Alessandro Gallo (esculturas), Patricia Piccinini (esculturas).
- Papel Kraft na gramatura 250 ou 300 gramas.
- Tesouras e Colas.
- Materiais de desenho: lápis de cor, giz de cera, giz pastel oleoso.
- Aquarela e anilina.
- Cópia p/b das fotografias dos alunos, que foram tiradas antes do início das aulas, durante o período de observação.
- Organizar com outro professor para ter dois períodos com a turma.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Retomar a apresentação das imagens mostradas na 1ª aula. Pedir para os alunos sentarem em grupos. E distribuir a todos uma cópia de suas fotografias e fotocópias P/B de diversas obras de arte e da cultura visual onde apareçam representações da figura animal não humano em diversas linguagens artísticas. Distribuir os materiais de desenho, aquarela e o papel Kraft.
- **Segunda etapa:** Pedir aos alunos que pensem se eles pudessem adquirir as características de um animal qual seria? E com isso pedir que inspirados nas obras vistas criar o seu autorretrato híbrido com este animal, que pode ser colagem sobre sua foto, desenho ou os dois.

7ª aula, 24 de outubro:

Comunicação visual: imagem e significado.

Objetivos didáticos:

- Compreensão dos alunos que as linguagens visuais são sistemas de signos que comunicam ideias, emoções e sentimentos.
- Proporcionar aos alunos o entendimento de algumas noções da comunicação visual, função das imagens (expressivas, informativas, estéticas, poéticas, apelativas), retórica visual. E os cartazes e seus tipos: função, composição, tipografia.
- Pensar os conceitos da comunicação visual para a realização dos trabalhos da aula seguinte.
- Conhecer noções básicas de composição e cores.

Recursos:

- Agendamento da sala do Data Show.
- Material didático feito no Power Point pela professora
- Folha com resumo dos conceitos principais da comunicação visual.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Explicar aos alunos que esta aula será muito importante para as que se seguiram. Relembrar a todos que a pesquisa solicitada na 5ª aula será necessária na próxima aula, dia 10 de outubro.
 - **Segunda etapa:** Iniciar a apresentação do power point com algumas noções da comunicação visual, função das imagens (expressivas, informativas, estéticas, poéticas, apelativas), retórica visual. E outro com algumas noções cartazes e seus tipos: função, composição, tipografia.
 - **Terceira etapa:** Mostrar imagens de cartazes produzidos em diferentes épocas e com diferentes funções. Mostrar cartazes produzidos para a conscientização sobre os temas relacionados aos animais não humanos. Instigar os alunos a pensarem como serão os cartazes produzidos por eles. Divisão dos grupos e esboço das primeiras ideias a partir das pesquisas de cada aluno, o grupo deverá junto escolher que grupo de animais irá utilizar para o manifesto, animais domésticos, silvestres, de produção ou de entretenimento. Entregar as folhas com o resumo dos conceitos vistos.
-

8ª aula, 31 de outubro:

Cartazes: um manifesto virtual.

Objetivos didáticos:

- Explorar os programas de edição e manipulação de imagem livres, Inkscape e Gimp, para a construção de seus cartazes.
- Manipulação de imagens digitais.
- Proporcionar aos alunos a possibilidade de desconstruir uma imagem e recriá-la de forma diferente.
- Utilizar as competências de misturar imagens das aulas passadas.
- Utilizar suas reflexões sobre as relações entre animais humanos e não humanos, os conceitos de: sensiência animal, bem-estar entre outros para a produção de seus cartazes.
- Utilizar as noções básicas e composição e cores aprendidas na aula passada.
- Utilizar as noções aprendidas sobre comunicação visual e cartazes.

Recursos:

- Agendamento da sala de informática com antecedência.
- Imagens digitais.

Procedimentos:

- A partir dos conceitos apresentados na aula passada e da ideia inicial que o grupo tem de como será seu cartaz, iniciar a busca de imagens a ser utilizada e o início da manipulação e montagem de imagens. As frases dos cartazes serão extraídas das pesquisas dos alunos, frisar que a frase deve ter um impacto sobre o receptor.

9ª aula, 07 de novembro:

Cartazes: um manifesto virtual.

Objetivos:

- Explorar os programas de edição e manipulação de imagem livres, Inkscape e Gimp, para a construção de seus cartazes.

- Manipulação de imagens digitais.
- Proporcionar aos alunos a possibilidade de desconstruir uma imagem e recriá-la de forma diferente.
- Utilizar as competências de misturar imagens das aulas passadas.
- Utilizar suas reflexões sobre as relações entre animais humanos e não humanos, os conceitos de: sensiência animal, bem-estar entre outros para a produção de seus cartazes.
- Utilizar as noções básicas de composição e cores aprendidas na aula passada.
- Utilizar as noções aprendidas sobre comunicação visual e cartazes.

Recursos:

- Agendamento da sala de informática com antecedência.
- Imagens digitais.

Procedimentos:

- Continuação dos cartazes da aula passada.

10ª aula, 14 de novembro:

Arte viral: um manifesto na rede.

Observações: falar com a escola se é necessário alguma autorização dos pais para este trabalho.

Objetivos:

- Valorização das produções em grupo.
- Pensar a internet com outra visão, não só como ferramenta de lazer, mas como território de manifestos e mudanças sociais.
- Pensar a arte como algo ligado a vida, a pesquisa e como um manifesto expressivo e estético.

Recursos:

- Agendamento da sala de informática com antecedência.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Enquanto uns do grupo finalizam os cartazes manifestos outros iniciam a fotocopiar o perfil híbrido: minha identidade animal, de cada aluno.
 - **Segunda etapa:** Criação de uma página no site de relacionamentos Facebook, postagem de seus perfis híbridos e dos cartazes manifesto. Conversar com os alunos sobre as postagens virais no Facebook e como a cultura visual está cheia de significados que passam despercebidos por nós.
-

11ª aula, 21 de novembro:

Camisetas: um manifesto sob a pele.

Objetivos:

- Entendimento por parte dos alunos que a cultura visual é dotada de significados e as estampas que levamos em nossa roupa não deixam de fazer parte deste grupo.
- Montar frases referentes aos cartazes produzidos na aula anterior, brincando com a retórica ou utilizando paródias de frases de camisetas da moda.
- Perceber a palavra como uma imagem.
- Conhecer tipografias variadas.

Recursos:

- Imagens levadas pela professora de diferentes tipografias.
- Papel sulfite A4 e lápis.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Conversa com os alunos sobre a cultura visual na moda e como as roupas que vestimos carregam significados que são transmitidos aos outros. Conversar sobre a moda das camisetas escritas e contextualizar onde surgiu.
- **Segunda etapa:** Mostrar diferentes tipografias para os alunos e pedir que no mesmo grupo do trabalho anterior, montem frases referentes aos cartazes

produzidos para o manifesto virtual, brincando com a retórica ou utilizando paródias de frases de camisetas da moda.

- **Terceira etapa:** Decidir com a turma se faremos serigrafia com as frases de cada grupo ou se escolheremos uma somente, lembrá-los que iremos fazer uma vaquinha para a compra das telas, tinta e camisetas.
- **Encaminhamento 1:** Não será explicado aos alunos o processo de serigrafia pois os mesmos já tiveram este conteúdo em outra aula.
- **Encaminhamento 2:** A professora irá pegar as frases escolhidas e o tipo de letra e passá-las para o meio digital, imprimir as telas e comprar as tintas.

12ª aula, 28 de novembro:

Camisetas: um manifesto sob a pele

Objetivos:

- Utilizar a serigrafia como recurso artístico.
- Compreender a técnica de impressão na serigrafia
- Experimentara técnica de impressão na serigrafia.

Recursos:

- Tela de serigrafia.
- Rodos de serigrafia (que tenho para disponibilizar aos alunos)
- Tinta de serigrafia.
- Camisetas brancas.
- Jornal
- Panos.
- Esta aula terá a duração de dois períodos de 50 minutos.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Relembrar os alunos sobre como consiste o processo de impressão na serigrafia. Organização dos materiais.
- **Segunda etapa:** Iniciar o processo de impressão nos grupos.

14ª aula, 05 de dezembro:

Exposição: nome a ser escolhido com os alunos

Objetivos:

- Valorização dos trabalhos dos alunos por eles e pela comunidade escolar.
- Montagem de uma exposição

Recursos:

- Data Show e tela de projeção.
- Cabides e barbante
- Fita duréx.

Procedimentos:

- **Primeira etapa:** Montagem da exposição com os alunos. Trabalhos que estarão na exposição: Colagem: uma proposta híbrida, Perfil híbrido: minha identidade animal, projeção dos Cartazes: um manifesto virtual e das camisetas em cabides e no corpo dos alunos.
- **Segunda etapa:** Abertura da exposição aos pais, outros alunos e professores na hora da saída

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - LICENCIATURA****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****Caros/as responsáveis**

Eu Tathiana Jaeger sou aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estou elaborando meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Prof^a. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern e sob orientação do estágio curricular a Prf^a Dra. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan. O trabalho de pesquisa a ser desenvolvido se chama SOMOS TODOS ANIMAS: Uma identidade onde todas as diferenças são aceitas e legitimadas. Uma transformação possível dentro do ensino da arte. Neste trabalho investigarei como a arte e seu fazer podem transformar a relação que as crianças tem com os animais, a partir de uma visão ética, empática e afetiva.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente observações com as crianças, assim como a informar devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão protegidos sempre que os participantes optarem por sigilo ético, não sendo mencionados seus nomes em nenhuma apresentação oral, ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.

Autorizo a utilização das informações prestadas e divulgação das observações, imagens dos trabalhos realizados pelas crianças e imagem das mesmas durante os processos de desenvolvimento dos trabalhos e entrevistas geradas para fins exclusivos de publicação, divulgação acadêmica e em atividades formativas de professores.

() Sim () Não

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

Eu _____, R.G. sob
nº _____,

autorizo meu filho/ filha _____

(nome legível da criança)

a participar desta pesquisa.

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura Profª Drª Daniela Kern

_____, _____ de _____ de _____.

Sendo assim, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento através dos telefones (51) 91631289 e (51) 32229271 ou pelo e-mail tathij@gmail.com

Obrigada

Tathiana Jaeger

ANEXO – TEXTOS DA EXPOSIÇÃO IMPRESSÕES DE IDENTIDADES NOS RASTROS DA AMIZADE

UM BEBE MOLHADO

Eu nasci na floresta. No mato fechado. Entre árvores gigantescas, protegido por galhos caídos, que já tinham até pequenas mudas de árvores brotando sobre eles. Chovia muito e as folhas caídas formavam cascatas, ansiosas para chegar logo àquela terra escura e cheia de vida, que ficava toda cheirosa por causa da água. Foi o primeiro perfume que eu senti na vida. Como é bom ser livre. Como é bom correr pelo mato só porque tenho vontade, e não porque estou fugindo da maldade do homem. Como é bom o cheiro da terra molhada.

ROTHJE, Rogerio. Cronicato, 2013.

<http://www.cronicato.blogspot.com>

OBRIGADO!

Demonstrarei minha gratidão sempre. E até quando tiver com medo, um pouco bravo ou querendo ficar sozinho. Porque demonstrar o que sinto é tão natural pra mim quanto parar no poste, na árvore ou no hidrante e levantar a pata de trás. Demonstrarei meu sono com muita cara de sono e corpo molenga de quem quer dormir. E também demonstrarei minha vontade de acordar, espreguiçando bastante e depois indo te acordar com lambidas no rosto. Demonstrarei minha fome ainda que seja só gula. E minha gula ainda que sem fome nenhuma. Demonstrarei minha antipatia aos fogos de réveillon, ao carro de som e à chuva com trovão; ainda que goste ficar procurando de onde vem

essa água toda que cai em gotas em cima de mim. Demonstrarei minha solidariedade quando você estiver trabalhando em casa ou lendo jornal, ficando deitado ao seu lado, seja no sofá, no escritório ou na varanda. E se quiser brincar, estarei pronto pra saltar do chão e correr pela casa até ficar com a língua toda pra fora. Ao passear pela rua, ainda que no passo ligeiro e fuçando tudo, demonstrarei meu respeito (e meu medo de te perder) te olhando nos olhos de vez em quando com meu sorriso de cão. Sou feliz porque me escolheu aquele dia na feirinha de adoção. E deixar de demonstrar isso eu jamais deixarei. Te amo. Cão.

ROTHJE, Rogerio. Cronicato, 2013.

<http://www.cronicato.blogspot.com>

O GATO É INGRATO?

Dizem que gato

é muito ingrato

e indiferente:

só gosta da casa,

não gosta de gente

Mas é puro boato,

Quem isso inventou

não gosta de gato.

Pois nosso Gatinho

tem verdadeiro horror

de ficar sozinho

Prefere estar junto

do dono ou de alguém

que lhe queira bem.

E se o dono viaja,

fica miando

por ele buscando

por toda casa.

E quando ele chega

fica tão contente

que sai em carreira

pela casa inteira.

É assim que ele diz,

lá à sua maneira

o quanto está feliz.

(GULLAR, Ferreira. **Um gato chamado gatinho**. São Paulo: Salamandra, 2009.

P.13)

O RON-RON DO GATINHO

O gato é uma maquininha
que a natureza inventou
tem pelo, bigode, unhas
e dentro um motor.

No passado se dizia
que esse ron-ron tão doce
era causa de alergia
pra quem sofria de tosse.

Mas um motor diferente
desses que tem nos bonecos
porque o motor do gato
não é motor elétrico.

Tudo bobagem, despeito,
calúnia contra o bichinho:
esse ron-ron em seu peito
não é doença - é carinho.

É um motor afetivo
que bate em seu coração
por isso ele faz Ron-ron
para mostrar gratidão.

(GULLAR, Ferreira. **Um gato chamado gatinho**. São Paulo: Salamandra, 2009. P.13)

